



VIRGILIO PAULO DA SILVA ALVES

**“JOVENS RURAIS DA METRÓPOLE: OS
SENTIDOS ATRIBUÍDOS À EXPERIÊNCIA
JUVENIL EM UMA COMUNIDADE DO
DISTRITO DE JOAQUIM EGÍDIO – CAMPINAS
(SP)”**

CAMPINAS

2014



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

VIRGILIO PAULO DA SILVA ALVES

**“JOVENS RURAIS DA METRÓPOLE: OS
SENTIDOS ATRIBUÍDOS À EXPERIÊNCIA
JUVENIL EM UMA COMUNIDADE DO
DISTRITO DE JOAQUIM EGÍDIO-
CAMPINAS (SP)”**

Orientador(a): Profa. Dra. Dirce Djanira Pacheco e Zan

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre em Educação, na área de concentração de Ensino e Práticas Culturais.

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELO ALUNO VIRGILIO PAULO DA SILVA ALVES E ORIENTADA PELA PROF^ª. DR^ª. DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN.

Assinatura do Orientador

A handwritten signature in blue ink, which appears to read "Dirce Pacheco e Zan", is written over a horizontal line.

CAMPINAS
2014

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Gildenir Carolino Santos - CRB 8/5447

AL87j Alves, Virgílio Paulo da Silva, 1987-
Jovens rurais da metrópole : os sentidos atribuídos à experiência juvenil em uma comunidade do distrito de Joaquim Egídio - Campinas (SP) / Virgílio Paulo da Silva Alves. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

Orientador: Dirce Djanira Pacheco e Zan.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Juventude. 2. Educação. 3. Cultura. 4. Sociabilidade. 5. Tempo livre. I. Zan, Dirce Djanira Pacheco e, 1969-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Rural youngsters of the metropolis : the meanings attributed to youthful experience in a community in the district of Joaquim Egídio - Campinas (SP)

Palavras-chave em inglês:

Youth

Education

Culture

Sociability

Free time

Área de concentração: Ensino e Práticas Culturais

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora:

Dirce Djanira Pacheco e Zan [Orientador]

Luis Antonio Groppo

Maurício Érnica

Data de defesa: 18-02-2014

Programa de Pós-Graduação: Educação

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**“JOVENS RURAIS DA METRÓPOLE: OS SENTIDOS
ATRIBUÍDOS À EXPERIÊNCIA JUVENIL
EM UMA COMUNIDADE DO DISTRITO DE
JOAQUIM EGÍDIO-CAMPINAS (SP)”**

Autor : Virgílio Paulo da Silva Alves
Orientador: Profa. Dra. Dirce Djanira Pacheco e Zan

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação
defendida por Virgílio Paulo da Silva Alves e aprovada pela
Comissão Julgadora

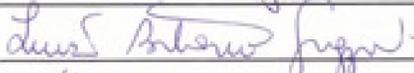
Data: 18/02/2014

Assinatura:.....

Orientador

COMISSÃO JULGADORA:







ABSTRACT

This essay was a result from the research about a group of youngsters who live in a rural area in Campinas (SP). The central goal of this study was identify the specificities of the sociability practices in this society. The oral interview was the methodology used in order to give the opportunity for the interviewed to describe their memories. Some results refer to understanding the youngsters beyond their age group, to the transitional rites preservation, demarcates by the cultural tradition (motherhood/fatherhood, marriage), as well as the behavior with some attitudes, like games regarded childish and characteristics from the rural environment. At the same time, it is possible to identify the prestige accredit to the urban areas and the modern culture stamps in the group's quotidian. These questions are evidence of the need to understand the youngsters considering their cultural diversity and multiplicity of senses.

Key-Words: Youth, Education, Culture, Sociability, Free Time

RESUMO

Esta dissertação resultou da pesquisa sobre um grupo de jovens que vive em comunidade rural na cidade de Campinas (SP). O estudo teve como objetivo central identificar as especificidades das práticas de sociabilidade nessa comunidade. A história oral foi a metodologia utilizada, a fim de oportunizar que os jovens desta pesquisa narrassem suas memórias. Alguns resultados referem-se à compreensão de juventude para além da faixa etária, à preservação de ritos de passagens demarcados pela tradição cultural (maternidade/paternidade, matrimônio), bem como a permanência de brincadeiras consideradas infantis e próprias do meio rural. Ao mesmo tempo, é possível identificar o acentuado prestígio atribuído ao espaço urbano e as marcas da cultura contemporânea no cotidiano deste grupo. Essas questões evidenciam a necessidade de conceber a juventude em sua diversidade cultural e na sua multiplicidade de sentido.

Palavras-chave: Juventude, educação, cultura, sociabilidade e tempo livre.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
CAPÍTULO I – PERCURSO DA PESQUISA: A HISTÓRIA ORAL COMO ESCOLHA METODOLÓGICA.....	29
Fontes orais: a história oral como método científico e gênero temático.....	31
Objetividade e subjetividade: fonte oral e fonte escrita.....	34
O percurso pela comunidade e o seu olhar sobre a juventude.....	36
Os jovens da comunidade: uma breve apresentação.....	39
CAPÍTULO II – O CAMPO DE PESQUISA: A COMUNIDADE RURAL NA METRÓPOLE DE CAMPINAS.....	42
A comunidade: algumas considerações sobre o campo de pesquisa.....	46
CAPÍTULO III – A SOCIABILIDADE E O TEMPO LIVRE: EXPERIÊNCIAS JUVENIS NA COMUNIDADE RURAL.....	51
A sociabilidade e o tempo livre em interface com a juventude.....	51
As experiências juvenis na comunidade rural.....	58
<i>A comunidade como o paraíso: a história de Miguel.....</i>	<i>58</i>
<i>A comunidade não é só paraíso: a sociabilidade de José nos espaços proibidos.....</i>	<i>62</i>
<i>Fred: reinventando formas de olhar para a comunidade.....</i>	<i>65</i>
<i>A Internet e a escola como rotas de fuga na vivência de Ana.....</i>	<i>67</i>
<i>Ser jovem rural na perspectiva de Kelly.....</i>	<i>69</i>
<i>Bianca e as marcas da vivência escolar.....</i>	<i>72</i>
<i>A diluição das fronteiras entre infância e juventude na vida de Matheus e os ritos de passagem à vida adulta.....</i>	<i>73</i>
CAPÍTULO IV – AS PRÁTICAS CULTURAIS E EDUCATIVAS NA SOCIABILIDADE JUVENIL.....	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	111
ANEXO 1. ROTEIRO DOS RELATOS.....	115
ANEXO 2: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	117

AGRADECIMENTOS

É com imenso carinho que agradeço à minha querida esposa Bia por todas as compreensões, paciência, leituras e reflexões que trocamos e, sobretudo, pela parceira na vida, essencial na minha caminhada pessoal e profissional.

À minha querida filha Maria Beatriz, também, pela paciência, pela companhia ao longo do percurso pela comunidade, pela fazenda e pelos brilhantes argumentos que me valeram muitas ideias.

A todos os jovens, sujeitos dessa pesquisa, que compartilharam suas lembranças e experiências, com quem muito aprendi e sou grato.

Às pessoas que conheci e me ajudaram a circular pela comunidade de Santa Maria do distrito de Joaquim Egídio de Campinas – SP.

Aos meus familiares próximos e distantes importantes nessa construção.

Aos amigos e amigas, também próximos ou distantes que, de alguma forma, são inspiração.

Aos colegas teóricos ou da prática os quais trocamos intensas reflexões e experiências na compreensão e atuação junto às juventudes.

À minha orientadora, professora Dirce Djanira Pacheco e Zan por todas as contribuições, pelos caminhos que fomos descobrindo no percurso da pesquisa, pela sabedoria e assertividade nos momentos decisivos dessa produção.

Ao grupo de pesquisa Violar pelas diversas reflexões e indagações.

Aos professores Luis Antonio Groppo, Maurício Érnica e Áurea Guimarães pelas brilhantes considerações na banca de qualificação.

Aos mesmos professores acima e a professora Mônica Gobbita por aceitarem de prontidão o desafio de compor a Banca de Defesa.

À instituição CAPES por financiar essa pesquisa.

A todos vocês, muito obrigado por contribuírem de alguma forma nessa minha estada, onde, agora, posso seguir aos novos desafios.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1: Centro Multifuncional da Região de Santa Maria – Distrito de Joaquim Egídio, Campinas – SP, p. 46;

Foto 2: Estrada à comunidade da região Santa Maria. Distrito de Joaquim Egídio, Campinas – SP, p. 47;

Foto 3: Estrada à comunidade da região Santa Maria. Distrito de Joaquim Egídio, Campinas – SP, p. 47;

Foto 4: Região da Comunidade Santa Maria. Distrito de Joaquim Egídio, Campinas SP, p. 48;

Foto 5: Casa abandonada com pichações na região da Comunidade Santa Maria. Distrito de Joaquim Egídio, Campinas SP, p. 48;

Foto 6: Uma fazenda escolhida, aleatoriamente, para liustração da região de Santa Maria. Distrito de Joaquim Egídio, Campinas – SP, p. 49.

Foto 7: Uma fazenda escolhida, aleatoriamente, para liustração da região de Santa Maria. Distrito de Joaquim Egídio, Campinas – SP, p. 50.

LISTA DE SIGLAS

APA – Área de Proteção Ambiental.

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

DEPRAC – Departamento de Ensino e Práticas Culturais

EJA – Educação de Jovens e Adultos.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

ONG – Organização Não Governamental.

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio.

RS – Rio Grande do Sul.

SP – São Paulo.

UFF – Universidade Federal Fluminense.

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais.

UNESP – Universidade Estadual Paulista.

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas.

USP – Universidade de São Paulo.

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre a categoria juventude vêm conquistando espaços no cenário brasileiro e ampliando suas perspectivas temáticas. Vejo que há a necessidade de dar visibilidade à diversidade e multiplicidade de jovens, retratando as condições materiais e subjetivas em que vivem, contraponto aos olhares generalistas e massificados, em sua maioria vindos das grandes mídias televisivas ou virtuais.

Essas propagações são permeadas de olhares ambivalentes sobre a juventude: ao mesmo tempo em que contribui ao imaginário de juventude como algo desejável, seja pelo consumo ou pela estética corporal - por forte influência da indústria cultural - alimentando o conceito de “rejuvenescimento”, é alvo, também, de grupos conservadores que frequentemente se ancoram nessas mesmas mídias - que se colocam como cúmplices - e atrelam a juventude à problemática da violência. Tempos em tempos, percebo reivindicações à redução da idade penal que são justificadas por esses segmentos sociais. Todavia, há outros grupos do movimento social que vêm denunciando a alta estatística de mortalidade por homicídio, no que parece configurar em um “genocídio juvenil” como nomeia o Mapa da Violência (2013) mas não com alcance tão massificado dos conservadores.

No ano de 2013, dois grandes eventos brasileiros ocuparam os noticiários das mídias nacionais e internacionais - jornais, rádios, televisão e Internet - por semanas: O incêndio na “Boate Kiss”², espaço privado de lazer, que provocou a morte de centenas de jovens na cidade de Santa Maria - RS, comovendo milhares de pessoas dos mais diversificados setores sociais. E, meses depois, mesmo sem uma relação direta entre esses eventos, a “onda” nacional de manifestações, majoritariamente protagonizadas pelos jovens que tomaram as ruas de diversas cidades. Ora a mídia vangloriava o movimento político nas ruas chamando a juventude para a transformação social, ora a condenava, responsabilizando-a pelas violências e depredações dos bens públicos e,

1 - Mapa da Violência (2013). Panorama da evolução da violência dirigida contra os jovens no período compreendido entre 1980 e 2011, analisando os dados de Estados, Capitais e Municípios, aprofundando nas questões de gênero e de raça/cor das vítimas. Produzido pela Flasco Brasil. Pode ser acessada no site: www.mapadaviolencia.org.br.

2- “Boate Kiss”. Discoteca em que ocorreu o incêndio que matou 242 pessoas e feriu 116 outras, a maioria estudante da Universidade Federal de Santa Maria. A discoteca ficava situada na cidade de Santa Maria, no estado brasileiro do Rio Grande do Sul. O acidente ocorreu na madrugada do dia 27 de janeiro de 2013, causado pelo acendimento de um sinalizador pelo integrante de uma banda que se apresentava na ocasião. Além da imprudência, o local apresentava más condições de segurança. Essas informações podem ser encontradas em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Inc%C3%AAndio_na_boate_Kiss.

principalmente, os privados no interior das manifestações.

Esses eventos me marcam primeiro pelo modo generalizado com que os jovens foram retratados pelas mídias televisivas, como se as bandeiras e os elementos que motivaram os milhares de jovens e outros sujeitos sociais a saírem às ruas fossem os mesmos. Em segundo, pela ambivalência que é tratada, ora como potência para a transformação social, ora atrelada à violência.

Essas ambivalências demonstram as contradições e tensões que envolvem a juventude no país. O maior desafio, me parece, é para além dos aspectos que compõem a categoria juventude, isto é, características comuns a todos os jovens. Compreender as especificidades de cada jovem, ou seja, as condições materiais e subjetivas que tornam única, a cada um, a experiência de sociabilidade juvenil. O que motivou esses jovens a saírem às ruas? Penso que se a juventude, pelos mais diversos motivos, saiu às ruas é porque não estamos diante de uma sociedade estática. Parece haver, de alguma forma, uma *“vontade de romper com as tradições existentes na sociedade”* como disse Mannheim (1967).

Sem desconsiderar o que pode ser comum à juventude, fica evidente que há elementos que não são vivenciados da mesma maneira por todos os jovens, um exemplo disso são as experiências de sociabilidade. Noto que nem todos os jovens detêm de tempo livre de forma igual, em quantidade e qualidade, assim como não significam e vivenciam a mesma experiência juvenil. Essas são algumas questões que constituíram o universo dessa pesquisa de mestrado.

Partindo desses elementos-chave, propus problematizar essas temáticas a partir da narrativa de alguns jovens. A pesquisa teve como objetivo identificar as especificidades de uma determinada condição juvenil e os sentidos que estes jovens atribuem às suas experiências juvenis e às práticas educativas presentes na sociabilidade de uma comunidade rural. Ancorada na metodologia da História Oral de gênero temático, dialoguei com sete jovens de uma comunidade do distrito Joaquim Egídio da cidade de Campinas – SP.

Esses objetivos foram guiados a partir do seguinte problema de pesquisa: Como se dão a sociabilidade e o tempo livre dos jovens? Foi com essa pergunta que me inseri ao universo de sociabilidade e de vivência do tempo livre, da cultura, da interação com

os espaços e do lazer, na tentativa de compreender a experiência juvenil daqueles jovens.

É bem verdade que antes de chegar a essa comunidade rural, já pensava em Carrano³, este colega que trabalhava a juventude na cidade, enquanto eu me perguntava se fazia sentido pensar em outra(s) face(s) dessa juventude, quem sabe, a rural.

A minha experiência profissional carrega marcas significativas da juventude. Público com quem trabalhei desde a minha adolescência. No papel de educador social realizei coordenações de diversificados grupos de jovens, através de centros de saúde, escolas e ONGs, o que me motivou a realizar o curso de psicologia, logo após o ensino médio. Ao trabalhar com a juventude pude conhecer diversas condições sociais em que viviam os jovens, tais como, conflito com a lei, acolhimento institucional, situação de rua e exploração sexual. Conhecimentos esses que me proporcionaram experiências significativas na forma de aludir compreensões de como os jovens transitavam, cada qual a seu modo, pelas diversas oportunidades na cidade. As diversidades de formas de convivência juvenis e as relações que estes estabeleciam, sejam entre pares ou com os adultos, despertava-me a curiosidade, o que me aproximou da temática de sociabilidade juvenil. Minhas indagações foram sendo constituídas à medida que convivia com algumas faces da multiplicidade das experiências juvenis.

Convergi, então, às indagações que vivia a partir do amadurecimento ao longo da minha estada no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Unicamp, que se deu pela realização de disciplinas significativas, participação no grupo de pesquisa Violar – Laboratório de Estudos sobre Violência, Imaginário e Juventude –, leituras bibliográficas e importantes orientações.

Os caminhos que percorri até chegar à comunidade rural, campo da presente pesquisa, não foram lineares, assim como não estava claro, desde o começo, qual seria o lugar de chegada. O problema de pesquisa muito tem a ver como a minha trajetória

3 – Doutor Paulo César Rodrigues Carrano é professor associado 1 da Faculdade e do Programa de Pós-Graduação em Educação em Educação da Universidade Federal Fluminense - UFF. Coordenador do Observatório jovem do Rio de Janeiro e pesquisador da temática juventude nas relações com território, cidades e educação.

enquanto sujeito social e, em especial, pela minha experiência como profissional e à complexidade que envolve e o risco de compreender a juventude como um valor universal. Essa delimitação foi sendo construída à medida que desenvolvia os estudos bibliográficos, que me indicavam para uma escassez nos estudos sobre a sociabilidade da juventude rural.

Já havia tido uma experiência, enquanto educador social, no desenvolvimento de um projeto de educação e saúde na comunidade rural de Santa Maria⁴, o que permitia a mim algumas facilidades para entrar em contato com essa comunidade. Outra questão que estava associada foi justamente a minha experiência de vida, muito misturada com aspectos da ruralidade que eram reproduzidas pelos meus pais que vieram do interior da Bahia, somada a minha infância e juventude que pude vivenciar experiências juvenis que pouco tinham do urbano.

A partir da consciência desses dois aspectos fiz a escolha do campo de pesquisa. Decidi, então, estudar uma comunidade rural situada na região da APA, no distrito de Joaquim Egídio, na cidade de Campinas (SP). Conversei com uma diversidade de autores a fim de uma melhor compreensão, pois pesquisador e pesquisa se confundiam, sendo eu jovem, que no decorrer também parecia, a mim mesmo, de certo modo, rural.

Na dificuldade de entender a complexidade que envolve a categoria juventude e quais as condições em que vivem, pedi ajuda para Dayrell⁵, que me mostrou uma forma interessante de olhar para a juventude. Pactuo de sua visão e foi por essa lente que busquei compreender os jovens que me contaram suas histórias. Para ele, precisamos olhar a juventude sob duas óticas: a primeira refere-se às condições que esses jovens vivem e a segunda à representação social que é feita sobre eles. Essas duas óticas precisam estar coesas, em uma compreensão que busque a relação dialética desses elementos (DAYRELL, 2003).

Os jovens com que propus conversar vivem em uma fazenda próxima à comunidade Santa Maria em Joaquim Egídio, distrito do município de Campinas do

4 – A Comunidade Santa Maria situa-se na região da APA – Area de Proteção Ambiental, localizada no distrito de Joaquim Egídio da cidade de Campinas. Essa comunidade recebeu esse nome devido a fazenda Santa Maria. Contam os moradores que parte dela foi transformada em vários sítios. Em volta desses sítios e da própria fazenda Santa Maria há outras fazendas inclusive a fazenda em que os jovens participantes dessa pesquisa moram.

5 – Doutor Juarez Tarcisio Dayrell é professor associado da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG e pesquisador do CNPq. Foi fundador e é integrante do Observatório da Juventude da UFMG. Suas temáticas de pesquisa são juventude, educação e cultura.

estado de São Paulo. Utilizarei nomes fictícios no intuito de preservar a identidade tanto dos nossos colaboradores, como da fazenda em que vivem. Mas o que me chama a atenção é pensar que em uma cidade do tamanho de Campinas, existem ainda regiões muito afastadas dos centros urbanos e que são denominadas de zona rural.

Segundo IBGE, Campinas possui uma população de aproximadamente 1.080.113, um milhão, oitenta mil e cento e treze pessoas, de acordo com os dados do último Censo (2011). Dentre essa população 160.271 (cento e sessenta mil e duzentos e setenta e um) são jovens de 10 a 19 anos. O que corresponde à aproximadamente 15 % da população total de Campinas.

A cidade de Campinas, considerada como metrópole conforme o IBGE (2013), abarca diversos municípios vizinhos, por ser considerada uma região metropolitana, sendo sede dos demais. Segundo Souza (2008), Campinas é conhecida como referência internacional em algumas áreas. Ora como pólo tecnológico ou por ser uma cidade universitária, ora no setor de saúde, atraindo interesses de diversas pessoas que passam pela cidade. Nesse sentido, caracterizou-se como um lugar de passagem, porém, essa condição de passagem tem impactado a vida de quem, de fato, vive ou permanece na cidade, a sua população, marcada por intensas desigualdades sociais geradas a partir dessa característica que também constituem as políticas públicas.

A fluidez, é bom insistir, vem sendo proposta como estratégia de desenvolvimento da nossa região. É o espaço metropolitano – Campinas – que conhece um permanente processo de modernização incompleta. Por isso que essa região e, especialmente Campinas, sempre se refuncionaliza: ora é o café, ora é a saúde, ora é a cidade universitária, ora é a tecnologia... E, por que isso? Porque ela viabiliza, com essas modernizações, os interesses que vêm de fora, de alhures; Campinas tem sim lugares mundiais, que realizam funções mundiais. É exatamente por isso, por conta desses processos de modernização incompleta que o outro lado da moeda, pois lidamos com um par dialético, acontece com a mesma intensidade, com a mesma volúpia, o que é o inacreditável e imenso processo de empobrecimento da Região Metropolitana de Campinas. (Souza, 2008, p. 40).

As diversas condições sociais em que vivem os jovens da metrópole me levam a pensar na diversidade de juventude da cidade de Campinas. Essa diversidade se constitui pela relação que essas condições estabelecem, tais como o bairro em que moram, o tipo de moradia, a configuração familiar, a renda per capita, os acessos à

escola e demais políticas públicas, acesso aos bens de consumo, à produção cultural, às tecnologias, às configurações de sociabilidade, amigos, espaços do brincar – rua, casa, clube, shopping – e formas de brincar. Afinal, a pesquisa mostrou que há jovens que também brincam.

Esse conjunto de condições diz respeito à forma de viver a juventude, mas penso ser necessário considerar também os grupos sociais que constituem e são constituídos, se como rebeldes, tutelados, agentes de mudança, adultos ou como crianças. Assim como as relações entre esses jovens e demais sujeitos sociais da família, bairro ou comunidade. Percebo que é fundamental compreender a sociabilidade juvenil através das relações que os jovens estabelecem com os demais sujeitos sociais, considerando também a circulação pelos diversos lugares da cidade.

De acordo com Dayrell (2003) pesquisar sobre juventude coloca o pesquisador frente a um desafio: retratar a realidade do jovem, compreendendo-a na sua complexidade.

Abramo (2008) afirma que a juventude é um termo histórico e social que se originou na sociedade moderna e se desenvolveu ao longo do século XX. Tinha-se como objetivo possibilitar um tempo maior de socialização através da moratória social, período apropriado pelas instituições escolares que se ocupavam de mediar o tempo livre dos jovens para que fossem qualificados para os meios de produção.

Atualmente, o termo juventude tem sido bastante exposto em diferentes meios de comunicação. No entanto, um tema que parece cotidiano, ao tentar aprofundá-lo, torna-se complexo. No Brasil, até a década de 60 do século passado, pouco se falava sobre juventude, as pesquisas eram restritas à escolarização de jovens da classe média. No decorrer das décadas, as pesquisas ficaram centradas em crianças e adolescentes em situação de risco e vulnerabilidade social, o que gerou em ações de defesa aos direitos desse seguimento (ZAN⁶, 2009).

A juventude ganha visibilidade como novo ator social juvenil, em grande parte, por jovens advindos de expressões culturais que vieram a público relatando problemáticas que os afetavam e preocupavam. Foi a partir desse contexto que a

⁶ – Doutora Dirce Djanira Pacheco e Zan. Pesquisadora do Grupo Violar (Laboratório de Estudos do Imaginário, Violência e Juventude) e docente do DEPRAC – Departamento de Ensino e Práticas Culturais da Faculdade de Educação/Unicamp. Essa citação se refere ao artigo no prelo: Estudos sobre juventude no Brasil dos últimos 50 anos produzido no ano de 2009.

juventude se fortalece enquanto sujeito social, demandando ao poder políticas públicas coerentes às suas necessidades (ZAN, 2009).

Essas necessidades de ações demandadas pelos jovens culminaram na aprovação do Estatuto da Juventude, a Lei Federal nº 12.852, em agosto de 2013, que reconhece um conjunto de direitos, propõe políticas públicas e ações de fomento e controle social à juventude. No entanto, não faz referência à criação de fundo próprio e nem à criação de conselhos de caráter deliberativo. Desse modo, a lei abriu margem para que os municípios criem os seus conselhos apenas de caráter consultivo, o que impacta diretamente na efetivação das políticas públicas de juventude, pois o poder público poderá acatar ou não as decisões desses conselhos.

Dayrell (2003) compreende a categoria juventude a partir dos olhares sobre a condição social e a representação que uma determinada sociedade faz sobre esta mesma condição. O autor entende que as condições sociais perpassam por aspectos culturais, classes sociais, relações de gênero, características geográficas e outros fatores que deslumbram o contexto em que cada jovem está vivendo, assim como o olhar que a sociedade constrói sobre ele. Este mesmo autor aponta que os jovens são sujeitos sociais e apresentam modos peculiares de serem jovens. Ao se debruçar sobre os vários modos de ser jovem e na diversidade cultural que o envolve, acentua que olhar a juventude nessa perspectiva implica em não fixá-la a critérios rígidos e nem cristalizá-la como uma etapa de desenvolvimento, isto é, vê-la como um processo de preparação para a vida adulta.

Nesse sentido, Dayrell (2003) elabora algumas críticas ao modo de ver a juventude. Um dos apontamentos remete à transitoriedade, isto é, compreender o momento presente em que o jovem está vivendo como um vir a ser. Através desse olhar, o jovem apenas se constitui no futuro, na passagem para a vida adulta. Ocorre que, nessa ótica de transitoriedade, o jovem é aquilo que virá a ser, o que se é no presente deve ser negado. Outro aspecto destacado pelo autor diz respeito ao olhar romântico sobre a juventude alimentado pela indústria cultural. Nele, a juventude é concebida como um momento de liberdade e expressão de comportamentos prazerosos. Assim sendo, o momento juvenil passa a ser entendido como moratória social, um período de experimentações prazerosas e de identificações culturais,

reduzindo a juventude a uma fase hedonista. E, por último, o autor crítica a compreensão da juventude como um momento de crise que o leva a se distanciar da sua família, muitas vezes sendo esta última responsabilizada pela gênese das crises. Esses três aspectos aqui destacados constituem um modelo negativo sobre a juventude.

Contraopondo a essa perspectiva, Dayrell (2003) conceitua que:

A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona. Assim, os jovens pesquisados constroem determinados modos de ser jovem que apresentam especificidades, o que não significa, porém, que haja um único modo de ser jovem nas camadas populares (Dayrell, 2003, p.42).

O autor defende o jovem como sujeito social, ser humano dotado de uma historicidade, portador de desejos e movido por eles. Assim, retrata o jovem originado em uma família, que possui um lugar social, é singular e está em constantes relações com outros sujeitos sociais. Um ser humano que interpreta e dá sentido ao mundo e ao lugar que nele ocupa. Um sujeito ativo que age no e sobre, se produz e é produzido no emaranhado das relações sociais.

Para Dayrell (2003) compreender o jovem como sujeito social é assumir uma postura metodológica e ética enquanto profissional. Esse olhar sobre a juventude exige do profissional olhá-la no aqui e agora, jovens no presente, participantes da sociedade.

Nesse sentido, proponho narrar a história de sete jovens, considerando as especificidades de cada um em relação às condições sociais em que vivem. Esses jovens pertencem à metrópole de Campinas (SP), mas não usufruem de todas as oportunidades que a cidade oferece, pois na maioria das vezes as oportunidades estão em lugares distantes de sua comunidade, em outras vezes são distantes de seus interesses ou ainda, inacessíveis economicamente.

Os jovens vivenciam experiências educativas significativas na comunidade rural. Ser jovem nessa comunidade que me desafiei a estudar não é como ser jovem nos outros espaços da cidade. As condições a que estão submetidos e as relações que

estabelecem com outros jovens, com os adultos e com os espaços apontam para o lugar que a juventude tem ocupado nessa comunidade.

Segundo Paes (2009) a juventude contemporânea vivencia o que denominou de “*yoyogeneização da condição juvenil*”. Segundo o autor há certos aspectos reguladores que, tradicionalmente, demarcaram a passagem da juventude para a vida adulta. Todavia, as condições sociais desde o final do século XX têm desafiado tais normas, como são os casos de jovens que se inserem na vida profissional ou se casam e passam da condição juvenil à vida adulta, no entanto, o divórcio ou o desemprego podem possibilitar o retorno destes à condição de juventude. Seria então, essa condição social uma característica também dessa juventude? Essa pesquisa demonstrou que os ritos de passagens tradicionais nessa comunidade estão bem preservados. Casar, ser pai ou mãe e trabalhar têm apontando para o fim da condição de juventude que, nesse contexto, aparece muito mais atrelado aos elementos do brincar da infância do que as ações de autonomia do adulto.

É comum quando me perguntam sobre o que estou pesquisando, a resposta provocar um espanto seguido da pergunta: Mas existem jovens rurais em Campinas? Onde vivem? De certo, essas perguntas revelam a invisibilidade dessa juventude que vive em cidades predominantemente urbanas. O rural passou a ser esquecido, assim como a população que habita esses espaços.

Eis uma das condições dessa juventude: Viver em uma comunidade rural situada em uma fazenda, afastada dos centros urbanos. Em razão dessas especificidades, denominarei esse grupo de comunidade. E vou dizer o porquê da escolha de assim os nomear e não utilizar termos como bairro ou outro qualquer. Saibam que essa escolha não foi tarefa fácil. Quando, na dúvida sobre como nomeá-los, conversei com vários pesquisadores e colegas que me ajudaram a pensar se, de fato, era um bairro ou uma comunidade, cheguei à conclusão que chamar de bairro não contemplava o lugar em que viviam esses jovens, que somente percebi ao longo do contato que tive com eles. No entanto, a denominação de comunidade também não era algo simples de ser assumido. Fui então entender essas questões para melhor compreender esses jovens, cujas histórias narro neste trabalho.

Em Nisbet (1998) descobri que o termo comunidade significava formas de relacionamentos empreendidos por uma grande intimidade pessoal, uma conexão emocional entre as pessoas, em que os elementos, como a moral e coerção social, mantinham-se no tempo. Desse modo, perdurava a tradição e a ligação entre seus membros. Características que se assemelham ao que vi e percebi nesse grupo social, claro que com suas especificidades. O autor referia-se às comunidades formadas na idade média, que foram combatidas em prol do progresso modernista, da nova estrutura social e econômica que para surgir precisou dissolver os laços e as associações comunitárias. É importante ressaltar que esse histórico pertence à Europa. Então, como compreender essa questão no contexto histórico brasileiro? A que grupo pertence esses jovens, cujas histórias eu contarei?

Para ajudar a realizar essa construção, dialoguei com Mello e Novais (2007), que buscaram compreender o processo do capitalismo tardio no Brasil e o impacto na sociabilidade moderna. Foi assim que refleti sobre o processo de transição de uma sociedade predominantemente rural para uma sociedade predominantemente urbana. O que pude compreender é que não se tratavam de histórias iguais, apesar de encontrar elementos próximos em períodos distantes.

Mello e Novais (2007) apontam que a intensificação dessa nova estrutura social e econômica no Brasil demorou a chegar, mas chegou provocando grandes mudanças ao longo do século XX, como o processo de urbanização que transformou o país, que era predominantemente rural em predominantemente urbano. Essa virada acompanhou o êxodo rural, os desenraizamentos e deslocamentos populacionais, impactando em mudanças na maneira de viver o dia a dia, a sociabilidade e a produção cultural. Considerando, então, esses elementos, tenho a convicção que quando nos remetemos ao termo comunidade no Brasil e na Europa é possível fazê-lo em aspectos que se aproximam e destacar aqueles em se singularizam.

Quando olhamos para o histórico desses diferentes lugares ao longo do tempo, as distinções se mostram mais facilmente, no entanto, mais recentemente, encontramos pontos de aproximação muito significativos, especialmente no processo denominado por muitos de globalização. Nesse sentido, entender a comunidade na contemporaneidade, no contexto de globalização, torna-se um exercício interessante de

busca por semelhanças, mesmo em contextos historicamente tão distintos. Nesse sentido, Bauman (2003) aponta para essa questão, principalmente referindo-se às ações locais e globais. Desse modo, penso o conceito de comunidade como uma ação local para o global, ou seja, os grupos sociais, no Brasil, quando deslocados de suas comunidades, tenderam a reconstituir os seus laços sociais, a reproduzir suas formas de vida em comunidade.

Entretanto, Bauman (2003) pontua que uma comunidade desfeita jamais será refeita. Essa assertiva vai ao encontro com o que vi: Uma reorganização da vida entre famílias que buscam, pelo relacionamento íntimo, reconstituir uma forma de vida que já foi vivida. Desta forma, entendo que a reprodução não significa a reconstituição da vida que era, mas a construção de algo novo. Uma nova forma de viver a comunidade, já que os laços não foram refeitos, mas reinventados.

Não tão tradicional como no período da idade média na Europa, nem tão caipira, como o do Estado de São Paulo que nos conta Cândido⁷. Mas há, sem dúvida, elementos de ruptura com a comunidade tradicional, como há, também, a continuidade de outros aspectos da ruralidade brasileira. Por isso a escolha de nomear esse grupo estudado como comunidade.

Além disso, proponho também adjetivar a comunidade com a palavra “rural”, isto é, comunidade rural, entendendo o termo não como dicotomia em relação ao urbano, o que tradicionalmente foi feito por muitos estudiosos da temática. Não há como anular a importância das diferenças entre o urbano e o rural, nem considerar uma submetida à outra. No entanto, são categorias que se relacionam e se constituem dessa relação.

Paulo (2011), em seu estudo sobre juventude rural, enfatiza que o rural não deixou de existir a partir do fim das sociedades pré-capitalistas. Assim, suponho que a comunidade e o rural coexistam enquanto categorias independentes, mas identificadas. Há elementos em comum, como posso ver, na definição de rural proposto por Mendras (1978), que o caracteriza pelo cotidiano constituído por pequenos grupos, pela relação de interconhecimento e pela proximidade com a natureza. O que me chama atenção é justamente a semelhança entre a definição de comunidade, apresentada no trabalho de

⁷ – Doutor Antônio Cândido de Mello e Souza é professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. É professor-emérito da USP e da UNESP, e doutor *honoris causa* da Unicamp. A citação se refere ao documentário “Os Caipiras” exibido na TV Cultura e Arte, postado na Internet em 05/06/2012, disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=COgTtPtMaTc>

Nisbet (1998) e de rural, defendida por Mendras (1978). No primeiro caso, aponta-se como uma das características da comunidade, a “intimidade pessoal” e, no segundo, a “relação interpessoal”, complementando-se, o que aumenta a minha compreensão em conceber esse grupo social como constituído por uma comunidade rural.

Contado, então, os conceitos de juventude, comunidade e rural que nortearão todo o trabalho, convido-os a transitar pelos capítulos dessa pesquisa, a fim de compreendermos os sentidos atribuídos à experiência juvenil, a partir das práticas culturais e educativas presentes na sociabilidade juvenil de uma comunidade rural.

O trabalho está organizado em quatro capítulos, e as considerações finais. O primeiro capítulo trata-se da história oral de gênero temático, metodologia utilizada para a realização dessa pesquisa. O segundo refere-se ao campo pesquisado, a história da região em que se situa a comunidade rural em que vivem os jovens, o percurso até lá e uma breve apresentação dos jovens com quem conversei. No terceiro capítulo apresento alguns conceitos orientadores da presente pesquisa e, em seguida, relato as memórias de cada jovem sobre sua experiência juvenil, a partir das conversas que tive com eles. No quarto me ateno ao problema dessa pesquisa, buscando respondê-lo a partir das práticas culturais e educativas que contribuem para constituir a sociabilidade juvenil desses sujeitos em diálogo coletivo. Nas considerações finais, apresento uma síntese dos aspectos que julgo importantes sobre a temática estudada.

CAPÍTULO I – PERCURSO DA PESQUISA: A HISTÓRIA ORAL COMO ESCOLHA METODOLÓGICA.

Os caminhos percorridos para a realização da pesquisa não foram nada lineares. Perdi-me algumas vezes, precisei abrir caminhos, ou procurar trilhas que não conhecia, no que foi fundamental o trabalho de orientação para que eu pudesse desenvolver esse estudo e, a partir disso, fui constituindo uma lente que me ajudasse a compreender as dimensões das questões que surgiam.

Dessa maneira, realizei minha escolha metodológica baseada na minha própria profissão, em que valorizo as memórias e os relatos orais, sendo esta compartilhada e aprofundada pela orientadora, além de ser uma das metodologias utilizada pelo grupo Violar – Laboratório de Estudos sobre Imaginário, Violência e Juventude. Escolhi, então, a história oral como método de gênero temático. A partir deste momento, elegi alguns temas para que fossem problematizados, com base nas memórias dos jovens com quem conversei.

Os temas eleitos tratavam-se da sociabilidade juvenil, do tempo livre e das produções culturais, que foram se atenuando e se impondo a mim, por uma identificação com a minha trajetória pessoal e pela necessidade de compreender a diversidade juvenil e suas formas de interação social. Nesse sentido, esse estudo configurou-se com o presente problema de pesquisa:

Como se dá a sociabilidade e a vivência do tempo livre dos jovens que vivem em uma comunidade rural do distrito rural de Joaquim Egídio do município de Campinas-SP?

A partir desse problema de pesquisa, objetivei: *Identificar as especificidades dessa condição juvenil e os sentidos que estes atribuem a sua experiência juvenil, bem como as práticas educativas presentes na sociabilidade juvenil nessa comunidade rural.*

As primeiras hipóteses temáticas de análise, formuladas anteriormente à ida ao campo, apontavam para diferenças entre modos de ser jovem na área urbana e na área rural. Essas diferenças demarcariam as experiências de sociabilidade, de tempo livre e de cultura. Com a entrada no campo, essas hipóteses precisaram ser reformuladas, pois confirmavam a existência de diferenças, mas apontavam, também, para o

estreitamento entre esses modos de viver a condição juvenil na contemporaneidade. Entendia que a diferença geográfica cada vez era mais limitada para justificar a distinção do modo rural e urbano de vivenciar a juventude, ambos intensamente marcados pelo uso ou desejo de uso das tecnologias eletrônicas e midiáticas, tais como a televisão, Internet e celulares.

Esses novos aspectos, identificados no limite entre rural e urbano, constituem em uma nova problemática que aponta para um dilema: haveria um “novo rural”, ou o que tem ocorrido é a urbanização do campo? Considero que essa discussão seja fundamental: Como definir se o campo de pesquisa seria considerado rural? Questão sobre a qual precisei dialogar e aprofundar, no intuito de superar as dicotomias ⁸ entre rural e urbano e concebê-las em relação dialética. No entanto, para essa pesquisa, decidi reformular as hipóteses.

Nesse sentido, foram levantadas três hipóteses para análises, a serem aprofundadas através de diálogos entre os sujeitos participantes e o pesquisador, constituindo um roteiro de diálogo com questões disparadoras. As hipóteses são:

- 1. As práticas culturais juvenis e suas experiências de sociabilidade revelam ampla diversidade nos modos de ser jovem, mas também apontam para semelhanças que os aproximam, como sujeitos sociais na condição de juventude;*
- 2. Algumas das semelhanças entre os jovens dizem respeito às práticas no tempo livre, na vivência do lazer e dos bens de consumo, que constituem formas de sociabilidade de um determinado grupo;*
- 3. Os aspectos cotidianos da vida em “comunidade” constituem um modo próprio de conceber a sociabilidade e significar o tempo livre.*

Quando propus essas hipóteses para análise, fui alertado para não transformá-las em meras metas a serem validadas a partir das fontes orais. Considero-as como temáticas norteadoras a serem apresentadas e discutidas com os participantes, de modo a aprofundá-las, como ponto de partida à compreensão de suas condições juvenis rumo às respostas do presente problema de pesquisa, flexíveis a novas

8 - Dicotomias essas já apresentadas na introdução.

reformulações.

Feita esta apresentação, julgo fundamental demarcar o motivo de trabalhar com a história oral e as implicações a partir das escolhas do gênero temático, como metodologia científica. Questões que abordarei no próximo tópico.

Fontes orais: a história oral como método científico e gênero temático.

Início esse momento com algumas indagações que serviram de guia à minha trajetória no campo e que me valeram as reflexões que se seguem. Qual a importância da história desses jovens para a compreensão de suas formas de sociabilidades? Como interpretar e lidar com a memória e a oralidade? Tratarei de responder a essas questões, no entanto, há outra pergunta fundamental: O que estou chamando de história oral?

A história oral nos últimos anos tem ganhado grande relevância nos estudos sociais. A crescente utilização desse campo teórico e metodológico tem apontando para a potência desse conhecimento, no entanto, não tem isentado os estudiosos de preocupações e ressalvas quanto aos usos que vêm sendo feitos desse procedimento. Não há consenso entre as compreensões, convivemos com diversos olhares e gêneros no pensar e fazer história oral.

Portelli (1997) aponta que esses usos vão desde a depreciação quanto à supervalorização da história oral. As duas formas, segundo o autor, contribuem para a anulação de sua potencialidade. Nesse sentido, faz-se fundamental refletir sobre os aspectos que as envolvem a fim de nos apropriarmos de modo crítico, na contramão do uso corriqueiro que a limita como suporte das fontes tradicionais escritas ou, em outras vezes, como um remédio às mazelas sociais. O desafio, então, se mostra na utilização da história oral em contrário às compreensões extremistas, valendo-me de uma metodologia que vá ao encontro da problemática dessa pesquisa.

Nesse sentido, busco conceber a história oral como um conjunto de procedimentos que possibilita a protagonização e a materialização de conteúdos orais existentes na memória. Esses conteúdos, por vezes banidos de materialidade por processos de coerção e cerceamento, resistem ao abismo do esquecimento por atos

desafiadores da comunidade, na tentativa de preservar experiências consideradas por eles significativas (MEIHY e HOLANDA, 2011).

A luta da comunidade pela preservação de suas experiências sociais e singulares tem apontando a história oral como corresponsável na possibilidade de materializar e dar visibilidade as essas experiências, como afirmam os autores acima citados. Nesse sentido, para além de uma postura científica e acadêmica, o papel de pesquisador me desafiou a assumir uma postura política e ética diante das fontes orais, contribuindo para a criação de canais para que as histórias e experiências desse grupo minoritário e discriminado pudessem encontrar espaços de significação no âmbito político e social. Esse processo de materialização empregado pela história oral pressupõe uma reinvenção da própria experiência pelos sujeitos participantes, pois ao relatar suas experiências passadas, estas se constituem em um estado de “presentificação”, já não iguais as experiências vivenciadas ou contadas.

Vale ressaltar que o modo como se conduz a história oral vai ao encontro das concepções que se tem ao fazer e pensar a história oral. Os autores Meihy e Holanda (2011) apontam que estas concepções são diversas. Vejamos quais são a partir de seus olhares: ferramenta, técnica, forma de saber, disciplina e metodologia.

Não pretendo aqui discutir os méritos e as fragilidades de cada uma, todavia, entendo que a escolha de conceito serve à orientação e aos rumos de intervenção no campo, de interpretação e análise. Portanto, oriento-me pela compreensão da história oral como metodologia científica, devido aos aspectos relevantes que a constituem e as aproximações com o problema de pesquisa. Para elucidar esses aspectos proponho uma definição a partir dos mesmos autores:

Muito mais do que técnica, método é um recurso que indica um procedimento organizado e rígido de investigação, capaz de garantir a obtenção de resultados válidos para propostas desenhadas desde a formulação de um projeto.

Enquanto método os procedimentos devem indicar caminhos específicos, determinantes, para a obtenção de efeitos esperados e estabelecidos a priori em função das hipóteses de trabalho. (Meihy e Holanda, 2011, p. 71 e 72).

Compreender a história oral como metodologia, a meu ver, presume uma objetividade científica orientada em direção à problematização de uma temática que não se esgota e que, no caso desta pesquisa, pode contribuir para difundir as necessidades juvenis e, desta forma, convergir em políticas públicas voltadas às comunidades juvenis. Entretanto, essa objetividade não se coloca contra a subjetividade dos sujeitos participantes dessa pesquisa. A objetividade deve, como aliada, constituir-se pela subjetividade humana. Todavia, aponta para outra escolha, quanto ao gênero de história oral, nesse caso, a história oral temática.

Ao trabalhar com a história oral temática, desenvolvi um foco central a partir do meu problema de pesquisa, orientado pelas hipóteses, que me levou a campo, onde colhi os relatos de sete jovens, sendo três garotas e quatro garotos.

Os relatos foram conduzidos por intermédio de um roteiro (anexo 1) elaborado com questões disparadoras, com o cuidado de se constituir em diálogos, através do contato direto, possibilitando maior espontaneidade nas relações entre pesquisador e sujeitos participantes. As discussões provocadas e emanadas buscaram atingir a objetividade proposta no projeto de pesquisa, todavia, considerando os aspectos subjetivos dos sujeitos envolvidos (MEIHY e HOLANDA, 2011).

Entendo que a importância desse gênero de história oral se fundamenta na possibilidade de compreendermos as contradições inerentes aos fatos, a partir das fontes orais em contraposição a história oficial. Entretanto, demanda do pesquisador um posicionamento ativo e contestador diante dos sujeitos participantes, a chave principal, não no intuito cego de validar as hipóteses, como já mencionado, mas sim de provocar outros olhares acerca das experiências passadas e presentes. Foi o que me apontaram Meihy e Holanda (2011):

(...) Conhecer as versões opostas, os detalhes menos revelados e até imaginar situações que mereçam ser questionadas é parte da preparação de roteiros investigativos. Pretende-se, mesmo considerando que ela é narrativa de um fato, que a história oral temática busque a variante considerada legítima de quem presenciou um acontecimento ou que pelo menos dele tenha alguma variante que seja discutível ou contestatória. Como a “verdade”, no caso, é um elemento externo, o entrevistador pode e deve apresentar outras opiniões contrárias e discuti-las com o narrador. Tudo a finalidade de

elucidar uma versão que é contestada. (Meihy e Holanda, 2011, p. 39 e 40).

Os relatos orais se conotam como parte crucial da totalidade da história oral, o ponto de encontro e diálogo entre pesquisador e sujeito da pesquisa. Para Meihy e Holanda (2011), os relatos se dão pela articulação de atitudes que configuram em documentação oral. Desta forma, faz-se necessário compreendê-las como parte e não como um todo, ou seja, considerá-las em relação a outros aspectos significativos, tais como o projeto que as justificaram, a escolha e a articulação do campo de pesquisa com os interesses sociais e científicos, a presença de equipamentos eletrônicos (nesse caso utilizei um gravador), os encontros com os sujeitos sociais interessados na pesquisa, esclarecimento quanto aos seus objetivos, formalização do aceite de participação por via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo 2) e as orientações quanto aos rumos que se darão os materiais produzidos.

Outros aspectos relevantes dizem respeito às condições materiais e subjetivas que entraram em jogo no momento da entrevista, nesse sentido, fez-se necessário que, além das gravações do momento das entrevistas, fossem registradas as condições que essas se deram, pela confecção do diário de campo, assim como a escolha do método que desprendido para a transposição do oral para o escrito, nesse caso a transcrição. (MEIHY e HOLANDA, 2011).

Após a apresentação dessas escolhas metodológicas e dos procedimentos realizados, proponho discutir a objetividade e a subjetividade como aspectos fundamentais na história oral.

Objetividade e subjetividade: fonte oral e fonte escrita.

Portelli (1996), ao discutir a subjetividade nas fontes orais, problematiza as dificuldades contemporâneas das pesquisas. Aponta que, por um lado, pode haver a ilusão de que o documento escrito, a partir da fonte oral, esteja retratando a vida dos sujeitos sociais de forma autêntica a própria experiência histórica vivida por eles, o que não é possível, pois nenhuma produção escrita traduz exatamente a totalidade da experiência vivida, por outro lado, há divisão entre o materialismo das fontes e a

intelectualidade do pesquisador. O autor, ao criticar essa divisão, realiza uma analogia com a separação do trabalho manual e intelectual, que acaba por centrar as pesquisas nos aspectos objetivos, mais propícios ao controle. Logo, exclui-se a subjetividade tanto das fontes orais, como do pesquisador, corroborando, desse modo, para uma compreensão deficitária sobre a história oral e sobre a memória. Para Portelli (1996), as fontes são pessoas e não documentos, e nenhuma pessoa concorda que o resultado da pesquisa seja equiparado à totalidade da sua vida.

De acordo com Portelli (1996), a subjetividade está presente no ato de recordar e contar, nesse sentido, contar já é interpretar, pois o sujeito não narra suas experiências sem construir e atribuir sentidos a elas. O desafio se dá, então, na compreensão dessa subjetividade, como evidencia o autor:

Nossa tarefa não é, pois, a de exorcizá-la, mas (sobretudo quando constitui o argumento e a própria substância de nossas fontes) a de distingüir as regras e os procedimentos que nos permitam em alguma medida compreendê-la e utilizá-la. Se formos capazes, a subjetividade se revelará mais do que uma interferência; será a maior riqueza, a maior contribuição cognitiva que chega a nós das memórias e das fontes orais. (Portelli, 1996, p. 03 e 04).

Nesse sentido, Portelli (1997) aponta que “*as fontes orais não são objetivas*”, são constituídas por características “*artificiais, variáveis e parciais*”. Segundo o autor, não é possível acessar a memória total do sujeito participante, visto que as informações são sempre resultados daquilo que foi selecionado e produzido pela relação entre pesquisador e sujeito participante. E, sendo assim, é fundamental que o pesquisador possibilite que o sujeito entre em contato com os seus discursos próprios, que estarão inteiramente articulados em sua subjetividade.

Segundo Meihy e Holanda (2011), as escolhas dos sujeitos participantes são cruciais, pois a reflexão temática dependerá também de quem se entrevista. Nesse sentido, busquei respaldar a escolha dos jovens pela indicação da própria comunidade, a partir da pergunta: Quem serão os jovens que disponibilizarão os seus relatos? A resposta veio da própria comunidade, que me sinalizou, dizendo o que compreendia por ser jovem.

O percurso pela comunidade e o seu olhar sobre a juventude.

É justamente em uma comunidade rural que moram os jovens que pude conhecer, durante os cinco meses que passei pela região. Moro em um bairro – aqui sim, bairro e não comunidade – próximo ao centro de Campinas. Da minha residência até a fazenda o tempo percorrido de carro é, aproximadamente, de 1 (uma) hora. Nas primeiras idas conversei com a senhora Glória, uma mulher conhecida por muitos na comunidade. Explicando sobre a pesquisa, reencontrei sua filha, Luíza, de aproximadamente 22 anos e que era casada e mãe, certo de estar diante de uma jovem, esta, porém, não se identificou como tal, pelo menos para participar da pesquisa. Busquei não demarcar o meu conceito de juventude, no intuito de que a comunidade me dissesse o que seria jovem. E, foi com essa premissa que me coloquei diante dessas mulheres para que me indicassem os jovens, atento aos critérios que iriam eleger, possibilitando, assim, a identificação de algumas pistas do lugar que a juventude ocupa nessa comunidade.

Eu havia conhecido essa comunidade, como já disse anteriormente, durante um projeto que realizei na região como educador social, aproximadamente há 6 (seis) anos. Pensei que encontraria os jovens que havia conhecido na ocasião⁹:

— *Aqueles jovens que você conhecia, já não são mais jovens, alguns se mudaram, casaram, viraram mães, pais ou estão trabalhando.*⁹

Essa foi a resposta que obtive ao perguntar sobre os jovens com os quais tive contato anos atrás. Desfeita a minha possibilidade inicial de reencontrá-los, talvez alimentada pela memória nostálgica do grupo que coordenei, busquei uma nova pergunta. — *E os jovens da comunidade, esses que eu não conheço?*

Certamente, há novos jovens, mas quem são eles, como Glória e Luíza os reconhecem? São indivíduos, trabalham, estudam, quem são os jovens para essa comunidade? A resposta então, me surpreendeu: — *Posso tentar contatá-los pelo “facebook”.*

A Internet, até alguns anos rara, popularizou-se na comunidade e a maioria dos

9 - Aqui dou início a apresentação de trechos das transcrições dos relatos com os jovens e das anotações em diários de bordo das conversas com os demais sujeitos que vivem na comunidade.

jovens está conectada pela rede social virtual. Essa uma das marcas atuais dessa juventude.

Identificando algumas pistas de como foi feita essa indicação, pude perceber que o primeiro critério de indicação dos jovens se deu pela exclusão daqueles que não eram mais considerados jovens. — *E o fulano?* Uma perguntava para a outra. — *Ah, ele já casou. Cicrano até poderia, mas está trabalhando.* — *Aquela já tem filho, né?* — *É.*

Feitas as exclusões daqueles que, em minha perspectiva, até poderiam ser jovens, passaram a eleger critérios de inclusão e identificação. No entanto, a participação na pesquisa não poderia se dar de qualquer maneira, precisava ser quem falasse e fosse ativo e não os jovens “desinteressados”, como nomearam. Pensei no momento que não teria problema algum em encontrá-los separados e conversar mesmo com os “desinteressados” inclusive muitos me atraíam. Mas a proposta veio de Luíza: — *Olha, vou pensar em alguns jovens, entrar em contato pelo “facebook” e marcar um encontro, vamos nos falando para confirmar um dia e uma hora.*

A proposta se tratava de reunir diversos jovens em apenas um grupo, determinando dia e hora. Fui embora feliz, afinal parecia que estava tudo caminhando com certa tranquilidade. Compreender a sociabilidade juvenil e uma comunidade rural, a partir de um grupo composto por uma diversidade de jovens, parecia-me um “prato cheio”. Mas não foi bem assim! Tentei contatá-la pelo “facebook” e pelo telefone, mas a tecnologia falhou. O celular não funcionava e algo de errado havia no e-mail. Não teve jeito! Voltei para o método “boca a boca”, cheguei à comunidade, mas não encontrei Luíza e nem a Glória. Após outras tentativas, encontrei Luíza que me disse da tentativa de reunir todos, mas não foi tarefa fácil. As ideias de união e grupalidade que constituíam o imaginário da comunidade, na prática, não vingaram. Talvez, fossem os critérios eleitos que precisavam ser repensados.

Elaborei, em um segundo plano, de ir até as casas, bater de porta em porta. Quando refiz a proposta, como em um “pegar ao rabo da rabiola de uma pipa” que estava pronta para subir e sumir nas alturas, Luíza se lembrou de uma fazenda, em que eu poderia encontrar alguns jovens mais “extrovertidos”. Deu-me as coordenadas:

— *Sai aqui, apontando com a mão, desse reto, quando descer tudo, pegue a primeira esquerda, é uma fazenda, conversa com o rapaz, fala que vai conversar com uns jovens, que me conhece, que eles deixam você entrar.*

A princípio, não havia entendido que havia um sistema de segurança, o que ficou claro quando cheguei ao local. No entanto, uma segurança para quem vem de fora, pois os que moram na região parecem não encontrar problemas em transitar. Precisei, então, utilizar o meu código de acesso, que se deu pela indicação de um conhecido. Encostei o carro na portaria, fui até o rapaz que estava no portão e disse que gostaria de conversar com a jovem Kelly ou o Miguel, expliquei quem havia me indicado, que era pesquisador e do que se tratava. Após o rapaz conversar com outra pessoa via rádio, fui autorizado a entrar na fazenda. Após o portão ser aberto, entrei com o carro.

Havia chovido no dia anterior, as marcas da chuva ainda estavam pela estrada marcada pelas poças de água que escondiam os buracos e as pedras. Avistei, após uns 700 metros, uma sequência de quatro casas iguais e alinhadas, as antigas colônias que ainda perduram em algumas fazendas. Dessas quatro casas, apenas uma não estava habitada. Fui saber mais tarde que, mais à frente, havia outros conjuntos de casas. Estacionei o carro debaixo de uma árvore. Escutei um som ligado tocando uma música que parecia “Kate Perry”¹⁰, imaginei estar na casa certa! Aproximei-me e bati palmas. Como ninguém saiu, cheguei um pouco mais próximo e chamei: — *Oh de casa!* Alguns segundos depois, a altura da música foi reduzida e uma menina saiu e me acolheu muito bem. Essa era Kelly. Expliquei do projeto, a mesma disse que tinha que conversar com a mãe. Conversei com a mãe, que me disse que tinha que conversar com o marido. Enquanto o marido chegava, outros jovens se aproximavam. Já me via na sala tomando um copo de água. Eram jovens da família, outros de outras casas. Após explicar, demonstraram interesse em participar, dizendo que havia muitos jovens e não teria problema.

Retornei no dia combinado. A proposta era realizar conversas individuais com cada jovem. Cheguei até a fazenda. Minha filha, Maria Beatriz, 10 anos, propôs de me ajudar. Enquanto eu conversava individualmente com os jovens, Maria Beatriz acompanhava outros que aguardavam, com quem se diverti, brincou e conheceu a

¹⁰ - Kathryn Elizabeth Hudson, conhecida pelo nome artístico Katy Perry, é uma cantora e compositora estadunidense de música “pop” e “dance”.

fazenda.

Havia combinado de encontrá-los em uma sexta feira à tarde, preferiram assim, pois juntariam todos. A maioria dos jovens ou estudava de manhã, ou à noite, desse modo, estariam durante a tarde, pois no final da semana, iriam ao Shopping. Cheguei à fazenda após o almoço, deparei-me com um silêncio, ao lado da casa, homens reunidos e movimentando machados e inchadas. Fui atendido por um pai que disse que os jovens não estavam por lá, imaginava que tivessem esquecidos, fiquei chateado, pois havia combinado, teria eu que chegar de surpresa? Já estava combinando outro dia para que eu pudesse retornar quando surgiu um jovem que desceu apressado da estrada principal da fazenda, dizendo que a turma estava reunida na colônia de cima e já estava a caminho. Desceram alguns jovens, enquanto eu ia conversando com eles, outros foram chegando. Como já combinado, me ajeitei na sala de estar da senhora Ivone.

Havia dois sofás formando um “L”, um aquário, um raque com uma televisão e um aparelho de som. O primeiro jovem com quem conversei foi Miguel, morador da casa, estava se arrumando para o trabalho, de banho tomado, cabelo penteado e com uma mochila na mão e pediu para que eu conversasse com ele primeiro, pois já estava de saída. Era um dos mais velhos dos jovens, 16 anos.

Os jovens da comunidade: uma breve apresentação.

Percorrido esse caminho em que busquei deixar claro as minhas escolhas metodológicas, apresento em seguida, brevemente, os setes jovens participantes:

Miguel: tem de 16 anos, mora na fazenda há onze anos, nasceu em Ilhéus – BA, mas viveu os primeiros anos de sua vida na cidade de Uruçuca - BA. Gosta de andar de moto, jogar bola, passear na área urbana e adora andar a cavalo. Não gosta de balada, do tipo boate, pois tem medo que aconteça o evento da cidade de Santa Maria – RS, o incêndio da “Boate Kiss”. Namora com uma jovem da área urbana. Estuda no oitavo ano do ensino fundamental, quer fazer faculdade de engenharia agrônômica e comprar a própria fazenda.

José: tem treze anos, nasceu em Itapebi – BA, mudou-se para a fazenda com onze meses, considera-se mais paulista que baiano. Gosta de mexer na Internet, jogar vídeo game, brincar com o seu cachorro e nadar. Não aprova as últimas mudanças ocorridas na fazenda, como a colocação de câmeras para limitar os espaços de brincar e com o que brincar. Gostaria de se mudar para a área urbana da cidade, pois é mais movimentado. Está no sétimo ano do Ensino Fundamental. Quer ser jogador de futebol, ou cantor, e pensa em fazer faculdade de medicina.

Fred: tem treze anos, nasceu em Campinas, mora nessa mesma fazenda desde criança, embora já tenha mudado de diversas casas, dentro da mesma fazenda. Os pais são separados, mora com o pai. Gosta de teatro, de sair para fazer apresentações e encontrar amigos, mas não consegue muito devido à dificuldade de transporte. Gosta também de tomar banho de cachoeira. Acredita que a fazenda é um bom lugar para se viver, mas sente falta de pessoas. Para ele a Internet, computador e celular atrapalharam um pouco, pois as pessoas brincam menos. Estuda no sexto ano do Ensino fundamental. Quer ser ator de teatro ou televisão.

Ana: tem catorze anos, os pais são separados, mora com a mãe e visita o pai aos fins de semana, em outra fazenda. Ana já morou em diversas fazendas, já que os pais trabalham como caseiros e mudavam constantemente, à procura de um serviço melhor. Gosta de ter amigos, mas a maioria mora longe das fazendas. Mantém contatos pelo “facebook” e “MSN”. Quer morar na área urbana da cidade. Gosta de Shopping. Quando criança gostava de brincar de lama, agora não gosta da lama e dos apelidos que recebe na escola em que estuda, por morar em fazenda. Tem vontade de fazer cursos de inglês, informática e faculdade de direito.

Kelly: tem dezesseis anos, mora nessa fazenda há onze anos e morou dois anos em outra. Nasceu na Bahia, mas se considera paulista, pois veio para Campinas com três anos de idade. Estuda no primeiro ano do ensino médio. Para ela, até um ano atrás havia muito mais brincadeiras e diversão, pois os jovens não ficavam na Internet.

Gosta de morar na fazenda, apesar de ver reduzido o número de jovens. Diverte-se quando sai para algum lugar fora da fazenda. Quer se veterinária.

Bianca: tem dezessete anos, nasceu em Campinas, sempre morou nessa mesma fazenda. Os pais são separados, mora com o pai e visita a mãe esporadicamente. Gosta de morar na fazenda e quando quer sair o pai a leva de carro. Gosta de jogar vôlei, ir às festas e passear com as amigas. Por vezes acha ruim a fazenda onde mora, por ficar longe de alguns lugares, como o “Esquinão”¹¹, onde gosta de comer lanche e conversar, ir ao Shopping e ao cinema, que nem sempre consegue ir. Não gosta muito de ir à escola por sofrer “bullying”. Está no primeiro ano do ensino médio. Acredita que o trabalho lhe proporcionará uma vida melhor. Quer ser bióloga.

Matheus: tem onze anos, nasceu em Campinas e sempre morou nessa mesma fazenda. Os pais são separados, mora com o pai. Gosta de brincar com os amigos e primos e de mexer no computador. Considera-se um “pré-jovem”, quase sendo jovem. Estuda no quinto ano do ensino fundamental. Gosta de ir para escola para encontrar outros amigos. Quer ser cantor, se não der certo, ser médico.

Realizado a discussão sobre história oral como escolha metodológica, o percurso até o campo de pesquisa e a breve apresentação dos jovens, sujeitos desse estudo, seguirei ao próximo capítulo, em que trabalho propriamente o campo campo de pesquisa onde vivem esses jovens.

¹¹ – Casa de Lanches localizada em Sousas, Distrito da cidade de Campinas – SP.

CAPÍTULO II – O CAMPO DE PESQUISA: A COMUNIDADE RURAL NA METRÓPOLE DE CAMPINAS.

A cidade de Campinas, considerada metrópole segundo os dados do IBGE (2013), localizada no Estado de São Paulo, tem sido divulgada como uma das regiões mais desenvolvida do país, caracterizada como um grande polo tecnológico e uma das mais importantes regiões agropecuárias do Brasil. A comunidade, foco desse estudo, encontra-se em Joaquim Egídio, distrito dessa cidade, que contempla uma de suas maiores áreas rurais. Em 2001, com a aprovação da lei municipal nº 10.850, o distrito passou a ser concebido como parte da APA¹² – Área de Proteção Ambiental, possuindo, a partir de então, um plano de gestão específico no controle e na preservação ambiental (PINTO, 2002).

Nesse sentido, ao apresentar esse distrito surge a necessidade de discutir a questão rural, que perpassa pela problemática do “novo rural” ou o processo de “urbanização do campo”, assuntos atuais dos estudiosos do tema. Não pretendo propor resolutividade, visto à complexidade em definir, na contemporaneidade, o que chamamos de rural. E sim, discutir as relações que estabelecem com as transformações contemporâneas na região.

A história do distrito Joaquim Egídio, no que constam as fontes oficiais¹³, data de 1732, com os primeiros registros demarcando a sesmaria dessas terras, concedidas ao sesmeiro Antonio Raposo Cunha Leme. Foi após sua venda que chegou ao domínio de Joaquim Egídio de Souza Aranha. Em 1858 funda-se o distrito que carrega o nome de Joaquim Egídio, como uma homenagem.

A região é marcada pela presença de imigrantes, em sua maioria de italianos, seguidos por suíços, belgas e portugueses, não necessariamente nessa ordem, durante os anos de 1880 e 1889, constituindo as colônias, ainda preservadas em algumas

12 - Área Proteção Ambiental criada em 2001 pela aprovação da lei municipal nº 10.850. A lei apresenta objetivos relacionados à conservação do patrimônio natural, cultural e arquitetônico, a proteção dos rios Atibaia e Jaguari e o controle da urbanização. Dados retirados do site: <http://www.campinas.sp.gov.br/sobre-campinas/atracoes-naturais-reservas-naturais.php> Em dezembro de 2012.

13 - Considerei fontes oficiais sobre a história do distrito o site da prefeitura municipal citado na nota 11, o site do Congeapa – Conselho Gestor da Área de Proteção Ambiental do município de Campinas – SP (<http://www.congeapacampinas.com.br/>), recuperado em julho de 2013 e o site da Wikipédia - Enciclopédia livre (http://pt.wikipedia.org/wiki/Joaquim_Eg%C3%ADdio_de_Sousa_Aranha), recuperado em julho de 2013, devido ao grande número de acessos.

fazendas, inclusive onde se situa a comunidade estudada (RICCI, 2005).

No entanto, com a crise econômica de 1929 ocorreu, segundo Ricci (2005), uma ruptura no desenvolvimento da região, na época produtora predominantemente de café. Essa crise se agravou durante a “Revolução Constitucionalista de 1932”, que provocou o isolamento do distrito durante dois anos, devido aos combates realizados na região, destruindo a ponte que dava acesso dos distritos Joaquim Egídio e Sousas ao restante da cidade.

Atualmente, segundo Pinto (2006), a cidade de Campinas possui aproximadamente 50% de seu espaço físico na área rural. Todavia, tem sido difícil definir o que é rural ou urbano, uma vez que o rural não pode ser mais identificado exclusivamente pelas ações da agropecuária. Têm ocorrido diversificações quanto ao uso e ocupação do território rural, sendo este vinculado, também, a outros setores da economia, as chamadas atividades não agrícolas, relacionadas ao lazer, à prestação de serviços e a moradia. Recentemente essa região tem sofrido com o crescimento da especulação imobiliária que, ao mesmo tempo, contribui para o aumento e diversificação da oferta de emprego para seus antigos moradores, anteriormente trabalhadores rurais.

Esse novo modo de compreender o rural na contemporaneidade deve levar em consideração os desenvolvimentos das comunicações e dos meios de transporte, que, segundo Pinto (2006) promoveram novos modos de significar o tempo e o espaço entre o rural e urbano. Nesse sentido, os deslocamentos entre as pessoas foram intensificados, resultando em alterações nas formas de interação e trocas entre o rural e o urbano.

Pinto (2006) afirma que há duas características atuais no rural: a *multisetorialidade* e a *multifuncionalidade*. A primeira diz respeito às diversas atividades de serviços, turismos e indústrias que têm sido incorporadas ao território. E a segunda, trata-se das novas funções que o território vem vivenciando, como a função de moradia e de preservação da natureza. Todavia, elas por si só não definem o que é rural. Devido às transformações que o rural tem sofrido, na sua relação com o urbano e das atuações no seu espaço por diversos grupos, Pinto (2006) aponta para uma dificuldade

em nomear o que hoje chamamos de rural, no entanto, indica para transformações para um processo de ampliação da heterogeneidade do rural de Campinas:

A atual configuração do espaço territorial rural de Campinas já expressa as transformações apontadas pelos estudiosos do tema. Resultado de um processo recente, em gestação, não é conclusivo, mas já apresenta não só as alterações mais consolidadas, como também as que ainda estão emergindo, revelando componentes que poderão permanecer ou desaparecer. Isto é, a evolução deste processo é que apontará o que é apenas transitório e o que será estrutural.

Foram identificados os elementos componentes do espaço rural de Campinas, não mais uma realidade homogênea. Ele diversificou-se quanto aos seus usos e ocupações. No entanto estes não se distribuem uniformemente pelo território. O rural de Campinas revelou-se heterogêneo e identificou-se diversos rurais.

O que são esses rurais? São regiões com certo grau de coerência interna, certa homogeneidade, que as tornam singulares. A identidade destas regiões é dada por dois elementos: uma configuração físico-geográfica e os usos e as ocupações praticados por sua população residente. (Pinto, 2006, p. 06 a 07).

Essas novas características são constituídas pela ocupação profissional, com a qual se identifica uma parte da população, exercendo atividades na área urbana de Campinas ou nos municípios mais próximos. Outra característica diz respeito aos arranjos domiciliares constituídos pela condição em relação à propriedade da terra, ao acesso às políticas de educação e saúde, dentre outras (PINTO, 2006).

Na comunidade estudada essas transformações parecem estar presentes, no entanto, com algumas peculiaridades. Trabalharei, nesse momento, com três diferentes características presentes no campo desse estudo, identificadas através da observação do campo e de alguns relatos dos moradores.

A primeira característica está relacionada à propriedade da terra. Foquei meus estudos nos empregados dos proprietários, ou seja, nenhum dos sujeitos são proprietários do território naquela comunidade. Alguns advêm de outras fazendas, onde exerciam atividades agrícolas muito próximas à atual, no entanto, a grande maioria veio de outro Estado, predominantemente, da Bahia. A segunda característica diz respeito à atividade profissional. Os homens, na sua maioria, executam atividades relacionadas ao

trabalho agrícola e as mulheres, quando atuam em alguma atividade fora do lar, o fazem em tarefas não agrícolas, como servir em restaurante e empregada doméstica. Já a terceira característica está relacionada à interação social. Pude perceber a existência de uma forte comunicação entre os membros da comunidade, no entanto, a tecnologia e o transporte, de fato, têm possibilitado a intensificação da comunicação externa.

Todavia, levanto o mesmo dilema apontado por Pinto (2002), parece-me coerente, neste momento: estamos vivenciando uma configuração de um “novo rural”, estruturando uma nova forma de conceber a ruralidade, ou estamos diante da expansão do urbano, tendendo ao desaparecimento do rural? Nessa indagação, provo-co-me a pensar no desafio da superação colocado. Há, sem dúvida, dificuldades dos estudiosos do tema olharem para a questão, tomando sua complexidade e buscando superar as dicotomias entre o rural e o urbano. Segundo Paulo (2011), esses são espaços diferentes, com importâncias diferentes, e precisam ser compreendidos nas relações em que os constituem. Assim como o urbano não está isento das transformações contemporâneas, o rural também não está, sofre e age diante delas. Sendo assim, a compreensão da sociabilidade do jovem rural precisará ser realizada pela identificação das condições sociais em que se encontra a sua comunidade. E, no caso específico deste estudo, torna-se fundamental considerar o jovem como sujeito social, que está em relação, que se constitui pelas condições em que vive e age, transformando-as. Como esse processo tem se dado entre os jovens moradores dessa comunidade?

O processo de intensificação do capitalismo e do processo de urbanização, segundo Bauman (2003), provocou rupturas da vida cotidiana. Seja pelos desencaixes sociais, pelos deslocamentos ou pela coerção social, que culminaram em outros modos de vivenciar o cotidiano.

A comunidade rural situada em uma fazenda do distrito de Joaquim Egídio da cidade de Campinas – SP parece, a mim, marcada por tentativas de resistir ao desmantelamento histórico, reorganizando-se e insistindo na continuidade ou em outra configuração de vida cotidiana comunitária. Nesse sentido, a memória desses jovens

me apresenta como potência rumo à constituição de uma memória coletiva, que vislumbra as formas de sociabilidades juvenis desse determinado grupo.

A comunidade: algumas considerações sobre o campo de pesquisa.

A comunidade rural, em que vivem os jovens que conversei, pertence ao Distrito de Joaquim Egídio na cidade de Campinas do Estado de São Paulo. Essa comunidade se encontra no interior de uma fazenda, próximo ao espaço público conhecido **Centro Multifuncional da Região de Santa Maria**, aproximadamente a 12 quilômetros do centro urbano desse distrito. Esse espaço é utilizado pelos profissionais: médicos, enfermeiros e agentes de saúde que se deslocam, uma vez por semana, do **Centro de Saúde** do centro urbano do distrito de Joaquim Egídio para oferecer acompanhamento médico e atividades artesanais. Ocorrem, também, nesse espaço missas mensais e funciona uma escola de EJA – Educação de Jovens e Adultos no período noturno. No entanto, todos os jovens que conversei estudavam em uma escola da rede pública situada no centro urbano do distrito, transportados por um ônibus fornecido pela prefeitura.

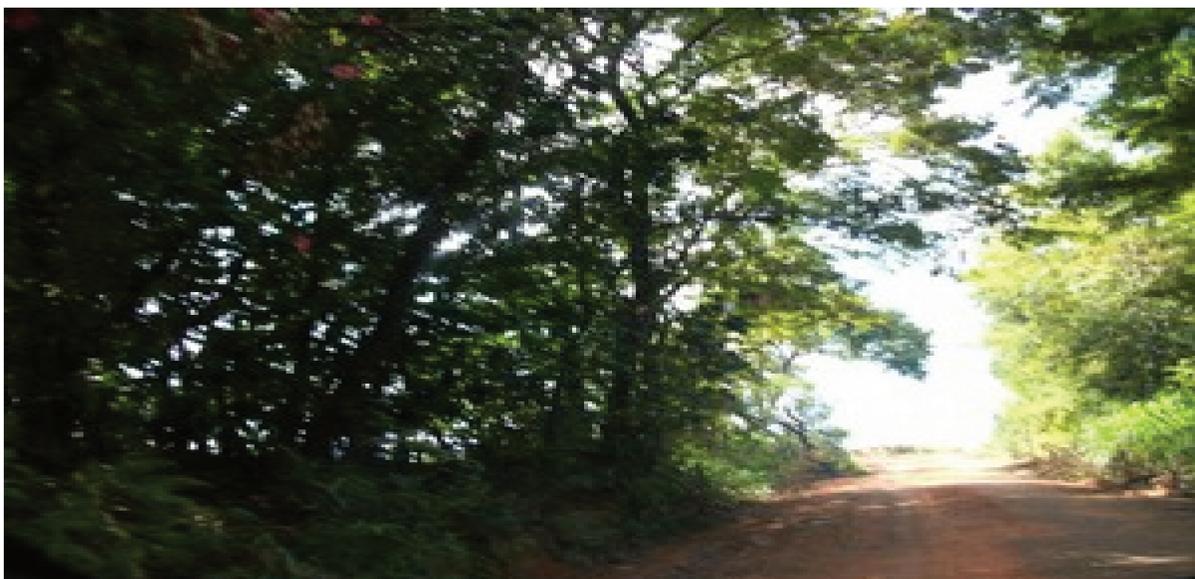
Foto 1. Centro Multifuncional da Região de Santa Maria – Distrito de Joaquim Egídio, Campinas – SP.



Fonte: Fotografada pelo pesquisador em dezembro de 2012.

Para chegar ao local é preciso percorrer uma estrada de terra de, aproximadamente, 8 quilômetros. Em dias de chuva, dificilmente se vence os morros cobertos de barros com automóveis comuns.

Foto 2. Estrada à comunidade da região Santa Maria. Distrito de Joaquim Egídio, Campinas – SP.



Fonte: Fotografado pelo pesquisador em dezembro de 2012.

Foto 3. Estrada à comunidade da região Santa Maria. Distrito de Joaquim Egídio, Campinas – SP.



Fonte: Fotografado pelo pesquisador em dezembro de 2012.

Foto 4. Região da Comunidade Santa Maria. Distrito de Joaquim Egídio, Campinas SP.



Fonte: Fotografado pelo pesquisador em dezembro de 2012.

Foto 5. Casa abandonada com pichações na região da Comunidade Santa Maria. Distrito de Joaquim Egídio, Campinas SP.



Fonte: Fotografado pelo pesquisador em dezembro de 2012.

Próxima à comunidade, há uma casa abandonada com marcas de pichações, no entanto, não consegui descobrir se foram realizadas por moradores da comunidade ou por sujeitos vindos de outras comunidades e/ou espaços. Todavia, representam marcas de um urbano no rural. Outro espaço coletivo é um restaurante frequentado por turistas que praticam esportes de “trilha” e “rally” com motos e carros. Ao lado da venda há um campo de futebol, que nos dias mais movimentados se transforma em estacionamento do restaurante.

Os moradores dessa comunidade encontram-se no interior de uma das fazendas. Há a constituição de três colônias, isto é, três sequências de quatro casas, onde residem diversos grupos familiares. As famílias apresentam origens diversas, algumas vieram de outros estados brasileiros, outras de fazendas vizinhas. No entanto, verifica-se um alto grau de consaguinidade, em que jovens se apresentam como primos e primas, tios e tias. Partindo de minhas observações, penso que seja possível afirmar que se trata de uma comunidade que tem vivido um processo intenso de transformações, em razão, principalmente, da difusão de recursos tecnológicos entre eles, em especial do uso de celulares, computadores com Internet e televisão.

Foto 6. Imagem de uma fazenda da comunidade Santa Maria.



Fonte: Fotografado pesquisador em dezembro de 2012.

Foto 7. Imagem de uma fazenda da comunidade Santa Maria.



Fonte: Fotografado pelo pesquisador em dezembro de 2012.

Os homens, em sua maioria, trabalham na própria fazenda. Uma mulher, dona de casa, fonte desta pesquisa, relatou-me que não trabalha porque o marido não a deixa. No entanto, outros registros em meu diário de campo demonstram que essa não é uma realidade geral, pois há outras moradoras que trabalham em atividades não agrícolas, como restaurantes ou na própria área urbana, deslocando-se todos os dias de suas casas até os locais de seus trabalhos.

E os jovens, o que fazem? Trabalham? Há tempo livre? Como significam o tempo? Quais as suas formas de sociabilidade? Como interagem com os adultos? Quais usos são feitos dos espaços? Quais são os espaços e como os utilizam?

São perguntas que constituíram o universo dos relatos orais, que me ajudaram a construir a narrativa da experiência juvenil e os sentidos atribuídos por eles. Nesse sentido, a memória individual e os aspectos recorrentes e semelhantes nas experiências de cada jovem me possibilitaram constituir uma memória coletiva para a compreensão da sociabilidade juvenil nessa comunidade rural.

CAPÍTULO III – A SOCIABILIDADE E O TEMPO LIVRE: EXPERIÊNCIAS JUVENIS NA COMUNIDADE RURAL.

Esse capítulo está organizado em duas grandes partes. Na primeira parte proponho esboçar alguns conceitos que são importantes por atravessarem o cotidiano dos jovens, com quem conversei, e estabelecer relações com o problema da presente pesquisa. A segunda parte narra as histórias dos jovens, destacando aspectos e trajetórias de cada um. Nesse momento, são poucos os espaços de diálogos entre os jovens e os autores, no entanto, será um momento de identificar aspectos que constituem o modo de ser, de cada um, que contribuirá com as reflexões apresentadas posteriormente sobre as experiências da sociabilidade juvenil.

A sociabilidade e o tempo livre em interface com a juventude.

Um dos conceitos que proponho refletir se trata da sociabilidade juvenil. Ao discutir temas relacionados à juventude, dificilmente consigo fazê-lo sem alguma inferência à sociabilidade, aos espaços pelos quais transitam e às práticas desenvolvidas pelos jovens no seu interior. A sociabilidade se apresenta como uma significativa dimensão da condição da juventude contemporânea.

Assim como Carrano (2002) e Dayrell (2007), compreendo a sociabilidade como uma dimensão da condição de juventude. Dayrell (2007) aponta que na centralidade dessa dimensão estão os grupos de pares e a sua relevância está no uso do tempo livre para as práticas culturais de divertimento e lazer. As experiências proporcionadas pela vivência da sociabilidade são constituídas pelas relações sociais presentes no tempo e nos espaços caracterizados pela coletividade, pelos conflitos e pelo exercício de poder. A violência, por exemplo, é um fenômeno que pode ser encontrado também nas práticas de sociabilidade juvenil. Nesse sentido, é fundamental compreendê-la em relação com outras dimensões, como a social, política e econômica, pois a sociabilidade não está apartada dessas outras questões mais amplas que devem ser consideradas na análise de como a violência afeta e se constrói na vivência da experiência juvenil.

Para Carrano (2002), a sociabilidade acontece na relação entre pares, ancorada na satisfação de impulsos ou desejos. Para ele, é pela intensa satisfação dos impulsos do “eu” em relação ao limite da intensa satisfação dos impulsos dos “outros”, pertencentes ao grupo ou grupos em questão, que a sociabilidade se dá. E nessa tensão, parece-me claro, a possibilidade da emergência, também, da violência. No entanto, esse fenômeno está presente não somente nos espaços de sociabilidade juvenil, como também em demais espaços de convivência social, sendo necessário compreendê-lo como uma produção social e econômica em geral e não apenas como uma produção juvenil.

A importância das experiências juvenis de sociabilidade está justamente nas produções culturais em seu interior, que revelam potências na construção de modos próprios de viverem a juventude.

É principalmente nos tempos livres e nos lazeres que os jovens constroem suas próprias normas e expressões culturais, ritos, simbologias e modos de ser que os diferenciam do denominado mundo adulto. No contexto de menor controle das gerações adultas, os jovens elaboram subjetividades coletivas em torno de culturas juvenis (Brenner, Carrano e Dayrell, 2008, p. 176).

Observo, frequentemente, usos da palavra cultura substituindo a palavra lazer e vice-versa. Podem ser exemplificados nas “programações culturais” ou nas expressões: “fazer um social”, “socializar”, “tirar um lazer”, que sugerem atividades e ou espaços culturais, de lazer, de arte e de sociabilidade.

Vejo que é necessário realizar essa separação usual no senso comum, pois não são sinônimos, possuem especificidades e significados diferentes. Quando me refiro à potência da sociabilidade na construção de modos próprios de viver a juventude, estou fazendo alusão às práticas culturais e educativas que estão em jogo na vivência da sociabilidade que podemos identificar na experiência vivenciada por Carrano (2002). Ao acompanhar alguns jovens em um grupo de capoeira, ele percebeu que os movimentos executados por alguns jovens no jogo carregavam marcas de outros espaços, como os da dança de Funk. O autor aponta que a sociabilidade vai se expressar como um jogo de experimentação, em que entram em questão os conflitos sociais representados por ritos ou não ritos, em ser visto e em ver. O corpo é fundamental, sendo constituído por

redes subjetivas e interdependentes expressas pelos movimentos, expressões e gestos que marcam e simbolizam-nos nas práticas culturais de cada espaço, nesse caso no espaço da capoeira e no espaço do funk.

Vale ressaltar a compreensão de prática cultural em que me baseio para essa pesquisa. Para isso, compreendo a cultura como produto dos sentidos atribuídos pelos jovens às suas experiências juvenis, ou seja, como resultados das ações produzidas pela sociedade, como Cevasco (2012) refletiu ao discutir o materialismo cultural. Nesse sentido, as práticas culturais estão presentes na vivência da sociabilidade, por isso não devem ser entendidas como sinônimo de lazer e nem de arte que, por vezes, aparece também com o mesmo sentido.

A experiência de sociabilidade se dá nos espaços diversos, sejam eles públicos ou privados. O que faz necessário considerar é a atuação do mercado neles. Carrano (2002) enfatiza que o mercado estimulou historicamente necessidades e desejos de modo utilitário na juventude e se encontra sintonizado a ela. Principalmente, referindo aos espaços urbanos da cidade, aponta que estes servem à indústria global do lazer como local de elaboração dessas necessidades e desejos, contribuem, então, à valorização social dessa cultura urbana como superior às demais. As políticas públicas, ao contrário do mercado, têm estado distantes dos desejos e necessidades desses sujeitos, dessa forma essa distância corrobora para a hegemonia da mercadoria como lazer nos processos de sociabilidade. E, diante da escassez de espaços públicos, os jovens vêm vivenciando a sociabilidade nos espaços privados. Segundo Carrano (2002), essas vivências nos espaços privados provocam experiências que são sentidas e subjetivadas como se tivessem sido vivenciadas nos espaços públicos. O autor afirma que:

A indústria cultural fez do lazer o seu território privilegiado, não apenas se comunicando nas linguagens adotadas pelos jovens, mas também procurando redefini-las constantemente em suas dimensões estéticas, éticas, ideológicas, corpóreas, enfim, sempre sob o comando do impulso da valorização de mercadorias que definem a hegemonia das relações de mercado nas esferas públicas e privadas (Carrano, 2002, p. 208).

Essa inversão nas formas de vivenciar as experiências e significar os espaços privados como públicos possibilitou à indústria cultural uma hegemonia sobre o lazer,

mediando as atividades lúdicas na sociabilidade, o que impacta nas experiências juvenis.

Parece-me necessário um olhar político para os espaços públicos, pois a vivência da sociabilidade com menos mediação do mercado faz-se mais possível quando nesses espaços. No entanto, o que vejo são restrições ao uso deles, para que não ocorram as práticas de sociabilidade juvenil.

Carrano (2002) afirma que na sociabilidade emergem características, tais como a coletividade, a comunicação, a proteção e a alteridade. Características essas que poderiam ser aproveitadas na escola, no trabalho e no lazer. Deveria, portanto, ser algo valorizado pela sociedade, mas muitas vezes é visto como problemático. Diferente do mercado que tem, cada vez mais, valorizado a sociabilidade juvenil.

Segundo Carrano (2002) e Dayrell (2007), de fato a sociabilidade pode ser constituída por aspectos simbólicos de violência, porém este é um fenômeno que não está somente nesses espaços. No entanto, negar sociabilidade é também esvaziar o tempo livre de sentido, provocando abastança de tempo sem poder significá-lo.

A vida social tem cobrado do Estado uma contribuição para a formação cidadã. Essa formação cidadã, isto é, uma prática autônoma do próprio corpo, é fundamental para que o jovem transite com liberdade de experimentação no tempo livre. Considerá-la no processo educacional do tempo livre pode ser uma forma de contrapor à mercadorização do lazer, mas para tanto são necessários reformulações das políticas públicas, investindo em espaços e equipamentos culturais que favoreçam a diversidade cultural pela convivência entre os grupos juvenis de pares ou não, já que as diferenças de idades têm demonstrado ser de grande valia na contribuição da sociabilidade (CARRANO, 2002).

Uma das políticas que tem sentido essa cobrança é a instituição escolar, onde os jovens vão, também, para conviver, pois com a ausência de espaços esses jovens criam e reinventam formas de vivência e de sociabilidade juvenil. A escola poderia ser parceira do jovem na formação cidadã, trabalhando o corpo para um trânsito autônomo pelos espaços de experimentação. Segundo Carrano (2002), à medida que a escola não retribui a esse desafio vai se fragilizando.

Outro conceito que considero de fundamental importância é o tempo livre. Adorno (2002) pontua que a coerção do trabalho sobre a vida, após a cisão entre concepção e execução, isto é, a possibilidade de uma pessoa pensar e outra executar, mesmo estando elas distantes por milhares de quilômetros, faz com que o tempo livre seja vivenciado sobre o sentimento de tédio, pois as pessoas não conseguem produzir de forma significativa quando estão diante de tempo livre. Segundo o autor, essa reconfiguração do trabalho colocou o tempo livre como um mero descanso para que se pudesse trabalhar melhor no dia seguinte. Nesse sentido, o tempo livre não permite a folga do trabalho, pelo contrário, introduz comportamentos típicos do trabalho.

A indústria cultural, segundo Adorno (2002), busca a integralização dos aspectos da vida cotidiana ao consumo, tendendo ao domínio e controle dos sujeitos via regulação, pela produção, da vida material e espiritual. Nesse sentido, o tempo livre do trabalho se configura como tempo livre para o consumo.

Para Adorno (2002) o tempo livre poderia ser criativo, desde que houvesse alguma liberdade de criação, no entanto, parece que foi o trabalho excessivo uma das formas que a sociedade encontrou de ocupar o tempo livre se libertando do tédio, o que favoreceu e empoderou o regime capitalista por meio da exploração do proletariado. Lafargue (2000), em “Direito à preguiça”, exemplifica essa ação do tempo livre do trabalho como sombra do mesmo ao pontuar que os gregos depositavam na invenção da máquina o caminho para o fim da escravidão, no entanto, esse invento contribuiu para a ampliação da jornada de trabalho. Assistimos, então, os trabalhadores em suas casas tomados pela necessidade de repousar para que, na manhã seguinte, sem ter descansado completamente, retornassem às fábricas.

Outra forma encontrada foi o *Hobby*, que passa a ser uma das estratégias de ocupação e integralização do tempo livre. A pressão para que todos tenham um aponta para a tentativa do mercado em integrar os aspectos da cotidianidade. A liberdade existe, dentro de algumas possibilidades, mas como alerta Adorno (2002) “*liberdade organizada é coercitiva*” (ADORNO, 2002).

Posso exemplificar essa liberdade organizada pelos espaços de lazer, como os

shoppings¹⁴ e os parques de diversões, espaços privados, onde as pessoas vivenciam a sensação de liberdade, mesmo não sendo livres. É comum nesses espaços a constituição de um mesmo modelo arquitetônico da praça de alimentação que não contribui à sociabilidade e a interação social, pelo contrário, parece determinar sua função de alimentação e trânsitos rápidos. Esses espaços, via de regra, apresentam câmeras de segurança que vigiam o tempo todo a serviço da regularização do lazer. Não me surpreenderia, ao observar um espaço desses, a presença de seguranças de “olho” em jovens que fujam dos comportamentos padronizados. Sejam esses comportamentos relacionados aos gestos – formas de andar, falar, gesticular –, sejam em relação às vestimentas – roupas de marcas ou sem marcas e estilos –, em relação às interações sociais – jovens sozinhos, pequenos grupos ou grandes grupos – ou comportamentos relacionados às atividades – comer, jogar, dançar, conversar. Aquele comportamento ou característica que fuja do padrão aceito e esperado no espaço pode ser alvo de observação e, dependendo do tamanho do desponte, configurar-se na necessidade de uma intervenção. Ou seja, são espaços de lazer regulamentados dentro de um determinado padrão aceito pelas regras da indústria cultural.

Para Adorno (2002), esse processo de adaptação social, isto é, viver sobre a regra do padrão determinado, impõe ao sujeito um abrir mão da fantasia e é essa ausência de fantasia que esvazia o tempo livre de sentido, espontaneidade e possibilidade de criação humana, tornando-o tedioso. Para que o tempo livre seja prazeroso e potência para a criação é necessário que haja alguma liberdade.

(...) Quem quiser adaptar-se, deve renunciar cada vez mais à fantasia. Em geral, mutilada por alguma experiência da primeira infância, nem consegue desenvolvê-la. A falta de fantasia, implantada e insistentemente recomendada pela sociedade, deixa as pessoas desamparadas em seu tempo livre. A pergunta descarada sobre o que o povo fará com todo o tempo livre de que hoje dispõe — como se este fosse uma esmola e não um direito humano — baseia-se nisso. Que efetivamente as pessoas só consigam fazer tão pouco de seu tempo livre se deve a que, de antemão, já lhes foi amputado o que poderia

14 - Uma das experiências contemporâneas de sociabilidade juvenil em shopping é o que ficou conhecido e propagado na mídia como “rolezinhos”. Os rolezinhos passaram a acontecer em diversos shoppings do estado de São Paulo, através de confirmação de um número considerado de jovens por meio de redes sociais, principalmente “facebook”. O principal motivo para a reunião desses jovens é a convivência social. Uma das características desse movimento parece ser a condição social desses jovens, oriundas de camadas populares. Alguns desses encontros passaram a ser reprimidos por policiais em alguns Shoppings, através de autorização via liminar.

tornar prazeroso o tempo livre. Tanto ele lhes foi recusado e difamado que já nem o querem mais.

(...) Sob as condições vigentes, seria inoportuno e insensato esperar ou exigir das pessoas que realizem algo produtivo em seu tempo livre, uma vez que se destruiu nelas justamente a produtividade, a capacidade criativa. Aquilo que produzem no tempo livre, na melhor das hipóteses, nem é muito melhor que o ominoso hobby: imitações de poesias ou pinturas, as quais, sob a divisão do trabalho, dificilmente revogável, outros fazem bem melhor que os artistas das horas vagas [Freizeitler] o que produzem tem algo de supérfluo. Essa superfluidade comunica-se à qualidade inferior da produção, ficando, com isso, estragada a alegria do trabalho. (Adorno, 2002, p. 66 e 67).

Não é por menos que Lafargue (2000) propõe ao operário dominar a paixão extravagante pelo trabalho para que pudesse usufruir das mercadorias produzidas pelo trabalho, decretando o direito à preguiça. Assim como Elias (1994) que sabiamente, afirma a dificuldade do indivíduo em exercer um autocontrole.

Adorno (2002) nos coloca diante de uma assertiva: não é possível produzirmos no tempo livre com a capacidade criativa destruída. As produções, sem essa capacidade, são denominadas como “pseudos-atividade”, isto é, a espontaneidade mal orientada, que gera produções supérfluas.

Mesmo diante do avançado capitalismo, Adorno (2002), com cautela, aponta para uma restrita possibilidade de emancipação a caminho de um tempo livre produtivo, pois pode haver no consumo da indústria cultural certa ressalva por parte dos consumidores. Diz ele:

(...) Em consequência, se minha conclusão não é muito apressada, as pessoas aceitam e consomem o que a indústria cultural lhes oferece para o tempo livre, mas com um tipo de reserva, de forma semelhante à maneira como mesmo os mais ingênuos não consideram reais os episódios oferecidos pelo teatro e pelo cinema. Talvez mais ainda: não se acredita inteiramente neles. É evidente que ainda não se alcançou inteiramente a integração da consciência e do tempo livre. Os interesses reais do indivíduo ainda são suficientemente fortes para, dentro de certos limites, resistir à apreensão [Sfassung] total. Isto coincidiria com o prognóstico social, segundo o qual, uma sociedade, cujas contradições fundamentais permanecem inalteradas, também não poderia ser totalmente integrada pela consciência. A coisa não funciona assim tão sem dificuldades, e menos no tempo livre, que, sem dúvida, envolve as pessoas, mas, segundo seu próprio conceito, não pode envolvê-las completamente sem que isso fosse demasiado para elas (...). (Adorno, 2002, p.69 e 70).

Há uma hipótese de que o mercado não tenha atingido integralmente a consciência e o tempo livre, talvez nunca atinja, talvez haja sempre uma rota que precisará ser reinventada, podendo significar a possibilidade de apropriação do tempo livre para alguma liberdade.

Alguns estudos sobre sociabilidade e juventude têm me aproximado dessa hipótese, obviamente que não isenta das influências do mercado como propõem Carrano (2002) e Dayrell (2007), ao refletirem os espaços de sociabilidade da juventude.

As experiências juvenis na comunidade rural.

Esclarecidos alguns conceitos e temas que constituem o universo do cotidiano dos jovens participantes dessa pesquisa, apresento em seguida as narrativas de suas memórias, quanto às experiências de sociabilidade na comunidade rural de Joaquim Egídio.

A comunidade como o paraíso: a história de Miguel.

Miguel nasceu em Ilhéus-BA e, nos primeiros anos de vida, morou em uma cidade chamada Uruçuca. O garoto fala da atual comunidade de forma cuidadosa, ressaltando o que há de bom.

(...) aqui eu moro há 11 anos e aqui é assim: dia de sábado e domingo a gente reúne o pessoal para jogar bola no campo, sair para a cidade, a gente sai de moto, sem nenhum problema. Como as outras pessoas a gente conversa de boa, sem brigas, sem, tipo assim, sem nenhum xingar o outro, aqui todo mundo é amigo (...), não tem esse negócio de ficar com a cara feia (...). (Miguel, 16 anos).

Para Miguel a comunidade é um lugar sem tensão, sem brigas, um lugar de harmonia e união. Perguntava-me, seria possível um lugar assim? Sem briga alguma? Lembrei-me quando Bauman (2003) afirma que a comunidade contemporânea se tornou aquela que referimos como o lugar ideal de se viver, onde encontraríamos liberdade e segurança, porém só existente no plano do desejo, algo assemelhado ao

paraíso, não aquilo que temos, mas gostaríamos de ter. Seria isso que Miguel estava me dizendo, ou de fato havia algo a mais nessa comunidade? Um pouco mais tarde fui entendendo que Miguel não queria que eu ficasse com um olhar negativo sobre a comunidade. A preocupação dele estava em deixar registrado o que havia de bom na comunidade, mesmo que para isso fosse necessário relacionar com situações de fora. A comunidade proporciona a Miguel diversidade de possibilidades, como poder andar a cavalo, atividade que gosta e realiza com prazer. A liberdade de transitar pelos espaços da comunidade é o que marca Miguel, já que, para ele, fora da comunidade o espaço de liberdade é restrito. Embora o tempo livre que possuía, quando estava trabalhando, correspondia à folga do trabalho, uma vez por semana, ele conseguia ainda, em razão da flexibilidade de seu trabalho, dar uma volta pelos lugares da fazenda, tais como o quiosque e parque, após realizar suas tarefas.

Para Miguel ser jovem é ter uma boa infância, poder usufruir das oportunidades que lhe são oferecidas na comunidade, ser livre. A juventude aparece atrelada à infância, não há uma linha tão clara que divida essas duas etapas, pelo contrário, estas se confundem, e a brincadeira e o ato de brincar aparecem como elementos que fundem essas duas etapas. No entanto, é na juventude que o sentimento de perda vai aparecendo. À medida que os anos avançam, a perda da infância vai ficando mais evidente.

Ah, vamos supôr, o pessoal parece que vai desanimando entendeu, das coisas, eu mesmo, tem vez que chamo o pessoal, só que eu penso que a pessoa não tá mais no clima que a gente tinha antes de fazer as coisas, parece que para de uma vez, entendeu? parece que eles querem outra coisa, quer viver o mundo de outro jeito, parece que a infância deles acabou, é assim. (Miguel, 16 anos).

Miguel, ao falar da perda da infância dos seus colegas, inclui-se nesse contexto, pois está falando, também, da dificuldade de perder algo que outrora fora bom.

Parece que eles não sentem mais o gosto de tipo fazer aquilo que fazia antes, parece que por dentro eles não veem aquele negócio, pique bandeira, do jeito que eles viam antes, parece que aquilo não tem mais gosto de fazer aquilo, quer fazer outras coisas, entendeu? (Miguel, 16 anos).

Inclusive, ao Miguel fica evidente como é sentida a mudança, mudar não é algo fácil. Para agregar algo novo, será necessário substituir. Talvez para outros jovens esse processo se dê de forma diferenciada, mas para Miguel há outras coisas que eles estão querendo fazer. Ser jovem é construir uma trajetória de escolhas e as oportunidades aparecem ainda na infância. Será preciso, então, escolher vencer na vida, mesmo que para isso seja necessário abdicar de algumas brincadeiras da infância.

(...) iguais as minhas primas mesmo, invés de brincar disso aí elas estudam, estão acostumada com esse negócio de estudo, de ser alguma coisa na vida, vamos supor telemarketing, ser uma, trabalhar em um trabalho honesto, crescer na vida, não ser o que os outros estão sendo agora, entendeu? Tá vendo essas coisas de outro jeito, quer subir na vida, entendeu? É uma oportunidade que igual a minha mãe fala: as oportunidades que eles não tiveram na infância nós estamos tendo agora, a gente tem que prestar atenção no que a gente tá fazendo e dar valor ao que a gente tem. Isso que eu acho que é importante. (Miguel, 16 anos).

Subir na vida significa ser diferente dos jovens das gerações passadas. Parece-me que Miguel busca ter ou conquistar aquilo que talvez seus familiares não conseguiram pelas condições sociais limitadoras, tais como concluir os estudos, realizar uma faculdade, ter um trabalho que lhe pague, de fato, aquilo que acha justo receber. Além de demonstrar pouca informação a respeito do telemarketing, Miguel apresenta certo encantamento com as tecnologias. Para ele a família assume um papel importante em sua vida, a experiência de vida dos pais passa a ser o filtro das escolhas. Nesse sentido, a juventude assume o lugar da possibilidade, o momento em que é possível realizar as escolhas certas. A família e a escola aparecem no lugar de apoio. Sendo necessário abrir mão daquilo que gosta e faz que esteja associado à infância, por exemplo, andar de cavalo. Miguel sonha em fazer equitação, treinar os cavalos e competir, vive pensando em cavalos. Está cursando o 8º ano do ensino fundamental. Para aproveitar as oportunidades, se vê entre um dilema: Continuar a investir em cavalos ou esquecer os cavalos e procurar algo além, como ser engenheiro agrônomo?

Talvez Miguel consiga relacionar essas duas possibilidades em uma só, ou escolha aquilo que considera que poderá lhe trazer melhores condições de vida, ou ainda aquilo que gosta. De fato, as possibilidades são muitas e as escolhas parecem conflitar.

Diferente dos demais jovens, Miguel já possui autonomia na comunidade, com 16 anos utiliza uma moto para se locomover ao trabalho e aos espaços de lazer. Essa autonomia, proporcionada pelo meio de transporte, permite comparar os espaços rurais e urbanos e a realizar um olhar diferenciado, além de namorar uma menina que mora na área urbana.

A sociabilidade se dá pela manutenção de algumas brincadeiras, do futebol, o acesso à Internet, andar a cavalo, ouvir música e conversar com os primos e colegas. Miguel frequenta espaços, como as casas dos primos, as festas tradicionais e o “lanchão”, ambiente que fica no centro urbano de Joaquim Egídio. Gosta de conversas e observar as pessoas que frequentam o espaço.

Já na fazenda, os espaços de diversão ficam mediados pelo patrão. Figura essa marcante e que permeia a sociabilidade dos jovens e dos demais membros da comunidade. As festas, se não oferecidas pelo patrão, parecem não acontecer, assim como os espaços da fazenda que, se não autorizado, não podem ser acessados. Os jovens apresentam olhares diferentes sobre o patrão, os mais novos olham com muita crítica. Já Miguel busca ressaltar o “lado bom do patrão”.

(...) aqui é uma oportunidade que tá tendo, nessa fazenda aqui que eu moro, aqui o patrão é muito bom com a gente, dão festa junina, esse negócio, sempre para nós, aqui tem é... o “jet ski”, que podem andar (...)
(Miguel, 16 anos).

Miguel concebe o patrão como alguém que proporciona oportunidades que precisam ser aproveitadas. No entanto, esse olhar não é consensual, há quem apresenta, inclusive, duras críticas na relação com o patrão. Todavia, ele continua a ser uma figura importante nas formas de acesso à diversão. Miguel trouxe uma perspectiva que talvez resulte de sua condição de mais velho, de estar mais próximo da perspectiva do adulto, tendendo a reproduzir o discurso dos mais velhos da comunidade. Outra possibilidade de compreensão de sua narrativa talvez esteja no fato de que na sua

infância tenha vivenciado “outra fazenda”, distinta daquela que os outros jovens, participantes desta pesquisa, vivenciaram. Veremos que é recorrente na fala dos demais, dizendo que antigamente tinham mais crianças, mais famílias, mais festas e era mais divertido. Mas as famílias foram indo embora, assim como as atividades da fazenda foram sendo reduzidas.

Miguel pretende continuar a viver na fazenda, mas quer ter a sua própria fazenda, aposta na educação, no estudo e no trabalho honesto, como possibilidade de ascensão. Sente a escola, a fazenda e família como apoio para que suba na vida.

Despedi-me de Miguel que, ao levantar, entrou, pegou sua bolsa com as coisas importantes e, dando um conselho ao José que estava entrando na sala, disse: - Fala bem da gente aí, representa a fazenda!

A comunidade não é só paraíso: a sociabilidade de José nos espaços proibidos.

José tem 13 anos, é primo de Miguel. Quando começou a falar da fazenda, entendi o porquê do pedido de Miguel. José, diferente de Miguel, ressaltou outro lado da fazenda. Teve um olhar mais crítico sobre as mudanças que vinham ocorrendo no espaço, que estavam impactando diretamente na forma como se divertia e se relacionava com os colegas. Nasceu na cidade de Itapebi – BA e se mudou para a fazenda com 11 meses de vida. Contou, logo de início, que podia ter acesso a sede da fazenda, onde tinha uma piscina, mas sumiram algumas peças do carro do patrão, que ficava estacionado ali por perto e, por isso, foram proibidos de brincar na sede. A família de José mudou-se da Bahia, não sabe muito bem o motivo, mas acha que foi porque o pai não ganhava bem. Estuda no 7º ano do ensino fundamental.

As memórias de José nos contam sobre duas fazendas, a do passado e a do presente. Antigamente, refere-se a uma comunidade repleta de brincadeiras que envolviam um grande grupo de moradores. Contrariamente, agora as brincadeiras já não possuem o mesmo lugar na vida cotidiana da comunidade e, para ele, essa mudança se justifica pelo esvaziamento da fazenda. Será o atual número de crianças insuficiente que já não consegue constituir um grupo para se divertir? Ou a limitação do

acesso aos espaços da fazenda que contribuem para o esvaziamento das brincadeiras?

Novamente, o patrão aparece como a figura que proporcionava as festas e entregas de presentes, como na festa de páscoa. Hoje, para José, o patrão só entrega presente, não tem feito mais festas.

Ah, é um lugar bom, só que... só que mudou muito pra gente brincar E, porque, sábado e domingo a gente ia lá com o patrão, ele, a filha dele chamava a gente pra brincar, só que depois que todo mundo foi embora, não deu mais. E proibiu de brincar, não pode mais ir à sede, não pode fazer mais nada. (José, 13 anos).

José passou então a não gostar mais da sede, foi desencantando do espaço da fazenda. A sede da fazenda parece que era o espaço mais divertido, gostava de poder transitar. Com a proibição, passou a olhar a fazenda com uma criticidade e a reprovar as proibições. Outrora, transitava por diversos espaços:

A gente ia na portaria, voltava, ia ali no morro, ia no fundo da sede, brincava um pouco no pula-pula, balanço, nadava também. (...) é tipo um parque, mas só que pouca coisa. (...) tem cavalinhos que ficam duas pessoas, de um lado e de outro e fica balançando. É, e tem o negócio de fazer ginástica. (...) Tem negócio de boliche, só que não tem mais, o pino sumiu, né. E tem o campo de futebol, lá. E a gente parou de ir lá uns 5 meses. (José, 13 anos).

Talvez Miguel tenha um olhar diferente para a fazenda porque já esteja distante dela, buscando possibilidades fora e essas coisas já não fazem parte das que julga mais importantes, das que estão em sua bolsa de viagem, ficando a lembrança da infância como algo nostálgico. Agora, para José, que tem sentido diretamente as transformações nas formas de vivenciar o lazer, fica explícita a indignação de perceber que o espaço em que cresceu, viveu, brincou e de tantas experiências vivenciadas não é seu, é um espaço privado e que pertence a ele mais na memória do trânsito que outrora podia.

José ainda pode transitar pela fazenda, mas pelos espaços permitidos. Não pode mais passar pela frente da sede que hoje contém câmeras de segurança espalhadas na frente, nos fundos e no espaço de ginástica. José já arriscou algumas vezes, passando

por lá umas duas vezes, mas não recebeu nenhuma notificação, como leu em um aviso que recebeu, alertando o que aconteceria caso quebrasse as regras.

A proibição é característica que acompanha a trajetória de José, pelo menos nesse momento, o que me pareceu estar latente em seu relato. O jovem vivenciou as novas regras que, em algumas ocasiões, são quebradas pela desconfiança de que a câmara não esteja funcionando todo o tempo, pois nunca recebera nenhuma notificação. Apesar das proibições José julga o espaço da fazenda como algo bom, pois tem amigos e frequenta as suas casas. A brincadeira é elemento constituinte da infância e na juventude não parece ser diferente. Nesse sentido, a juventude ainda é extensão da infância.

É muito bom ser jovem aqui. Eles brincam mais com você, os grandes, meu pai e meu tio brincam comigo. (...) É, porque, as pessoas te respeitam mais, brincam mais com você e a maior parte do tempo eles te chamam para ir para casa almoçar, assim, essas coisas. (José, 13 anos).

Ser jovem na comunidade possibilita continuar a ser criança, mas com uma nova relação construída com os adultos. A relação com o adulto parece melhor, qualitativamente. Agora, os adultos também brincam e convidam para almoçar em casa. Essas características proporcionam a José uma boa impressão de como é viver a juventude na comunidade. Além do uso da Internet, quando esta não está disponível, ocupa o seu tempo livre com diversas experiências:

Ah, a gente brinca de pega-pega, joga futebol, brinca de bets, a gente joga Playstation, eu, meu primo, minha irmã, a gente passeia, a gente conversa, a gente vai para as compras e lá a gente fica junto brincando, a gente brincava com o cachorrinho, né, só que ele morreu. (José, 13 anos).

As mudanças ocorridas na fazenda não são aprovadas por José, como por exemplo, não poder utilizar o Jet Ski. Diferente de Miguel, José relata que não pode, apenas o patrão pode fazer uso do veículo. Ao mesmo tempo em que José faz coisas de crianças, há coisas que já não aceita, como ganhar carrinho no natal, na festa que é

proporcionada por uma fazenda vizinha. Nessas ocasiões, José dá o carrinho ganho para o primo.

As transformações nos espaços do brincar têm alimentado em José o desejo de sair da fazenda e ir morar na cidade, em busca de movimentação e liberdade pelos espaços.

José quer ser cantor ou jogador de futebol. Ele e seus amigos levavam violão e flauta para a escola, mas o inspetor proibiu, dizendo que se deixasse que eles trouxessem outros alunos também trariam e fariam bagunça durante a aula. Ainda assim, José acredita que a escola pode ajudar a conquistar o que deseja. Pensa ainda em terminar o 3º ano do ensino médio e fazer faculdade de medicina.

Fred: reinventando formas de olhar para a comunidade.

José se despediu e chamou o seu primo Fred que estava na porta, aguardando para conversar. Fred se apresentou dizendo que mora na fazenda desde criança e que sempre correu atrás do sonho. Tem treze anos. Estava ansioso querendo contar a sua história. Seu sonho é atuar no teatro, já realizou diversas apresentações. E a escola tem sido um espaço de experimentação. Depositou na professora a figura de apoio. Não vive com a mãe, apenas com o pai, a irmã e os irmãos. Sabe que tem dois irmãos que ficaram com a mãe, mas não os conhece. Fred já morou em várias casas dessa fazenda. Conhece, como ninguém, as casas que habitou. E foi com ele que descobri que havia mais uma colônia, não eram duas, e sim três. Descobri, também, que havia uma cachoeira onde ele gosta de tomar banho. Foi ficando claro que os espaços acessados na fazenda dependiam da qualidade das relações, das aproximações desenvolvidas ou das tensões que a comunidade enfrentava. Fred tinha acesso à academia e à cama elástica, dependendo sempre de sua madrinha, que autorizava ou não o acesso. Agora, se a madrinha tinha autorização para isso, não sei ao certo. Não usava a piscina por não possuir autorização. Fred se sente sozinho, pois os outros jovens se juntam e ele acaba ficando mais com o José, seu primo, mas reclama porque José não brinca muito, gosta de ficar no vídeo game e na Internet.

Eu não gosto daqui porque têm poucas pessoas, poucas crianças, aí eu acabo ficando sozinho, porque antes eu estudava à tarde com os meus irmãos e brincava com eles, fazia algumas coisas, agora eles estudam à tarde que eu passei para manhã, aí eu fico o dia inteiro em casa sem fazer nada. É, por isso, que eu não gosto. E também não gosto porque a gente mora longe de mercados, aí fica muito ruim pra gente. (Fred, 13 anos).

Fred aproveita o tempo para dormir, assistir TV, mexer no computador, jogar vídeo game. A brincadeira é um elemento em sua experiência juvenil, assim como para José.

Ah, me divirto brincando com os meus primos, meus irmãos. Quando a gente vai ao rio, à cachoeira, quiosque, lá no parque atrás da sede, no campo. (...) É um lugar que a dona coloca, é, cama elástica, é... balanço, aí ela coloca aquela coisa que eu não sei o nome, que é... aí tem campo de vôlei, tem aquele campo de areia, boliche, mas só que boliche e areia que eu não sei como que chama. Tem alguns outros brinquedos. (Fred, 13 anos).

Para Fred as proibições não são punições, como são sentidas por José. Para ele as proibições ocorrem como forma de proteção.

Tem alguns proibidos, que são a ginástica, porque eles têm medo que o peso machuque, porque eles são muito pesados, que caia, machuque e o... a piscina que eles têm medo que se afogue. (Fred, 13 anos).

A ausência da figura materna na vida de Fred talvez seja a explicação para que ele busque figuras femininas, como algo importante em sua trajetória: a professora, a madrinha, as amigas e a patroa, fazendo escolhas diferentes dos demais jovens de sua idade. Para ele a patroa é uma figura boa e, mais uma vez, os donos da fazenda aparecem como promotores de festas, mediando algumas de suas experiências:

Ah, o que tem mais aqui são festas, porque a patroa é muito legal, porque, quando é dia das crianças, natal, páscoa, agora tá quase perto do dia da páscoa, aí ela vai fazer uma festa, vai esconder os ovos de páscoa pra gente procurar, dia de natal ela dá presente. Brincadeira aqui não tem muito, tinha antigamente, tinha gincana que fazia, porque tinha várias crianças, mas aí, eles foram indo embora. (Fred, 13 anos).

As histórias são parecidas para Fred e José, que compartilham dos mesmos espaços, brincam juntos, possuem a mesma idade, no entanto, olham sob ângulos diferentes. José não aprova as regras impostas pelo patrão, já Fred as vê como forma de proteção. José gosta de Internet, já Fred apresenta uma crítica pela forma como as tecnologias têm influenciado nas formas de sociabilidades. Para ele as novas tecnologias estragaram um pouco o convívio coletivo:

Porque as crianças ficam mais no computador e no celular, porque, toda vez que eu praticamente, agora que não tem Internet eles saem, meu primo, mas quando eu vim chamá-lo, ficava assim: - ah, eu to jogando jogo, depois eu vou. No computador, ai eu voltava pra casa, ai depois eu chamava ele de novo, ai ele: - ah não, ainda não acabei, depois eu vou. Ai eu acabava ficando sozinho. (Fred, 13 anos).

Fred guarda lembranças da árvore, em frente à sua casa, que possui um banco de pedras, onde gosta de brincar. Está no sexto ano do ensino fundamental e sonha em ser ator.

Algumas de suas memórias são constituídas pela vivência da separação dos pais e de um acidente que o fez perder um ano de escola. Mesmo reclamando da escassez de transporte, que muitas vezes atrapalha a realização de suas apresentações teatrais, gosta de onde mora. Para ele as ruas de sua comunidade possibilitam experiências únicas, o leva para vários lugares, encontra pessoas e quando quer ficar tranquilo, retorna ao banco de pedra que gosta. Fred apresentou uma forma de enxergar os detalhes da comunidade e de se relacionar com ela, mesmo que, às vezes, sozinho.

A Internet e a escola como rotas de fuga na vivência de Ana.

A primeira jovem com a qual conversei foi Ana, de 14 anos, com um tom de voz calmo que, ao contrário de Fred, morava com a mãe e com o irmão mais novo. Aos finais de semana visita o pai e o irmão mais velho. Os pais se separaram recentemente. Ana mora nessa fazenda há um ano. Já transitou por outras fazendas, acredita já ter morado aproximadamente em quatro fazendas diferentes. As mudanças foram

motivadas pela procura, dos pais, por um serviço melhor. Ela não estranha essas mudanças, já está habituada, inclusive identifica vantagens, como possuir amigos em vários lugares diferentes. Amizades que mantem por meio do “facebook”.

Para Ana, ser jovem na comunidade não é algo simples, pois gosta de sair e fica muito longe da cidade.

Ah, porque fica bem longe da cidade e a maioria dos amigos, tipo, não frequenta aqui, sabe? Essa fazenda. (...) São, alguns da cidade também, mas aqui é bom também, porque tem as meninas, daí quando a gente não sai, a gente fica aí, que é bem raro a gente sair também, é isso. (Ana, 14 anos).

Para Ana o seu melhor amigo é a Internet, diverte-se pela fazenda, mas não é sempre. A brincadeira também é elemento da juventude:

(...) às vezes a gente sai pra andar na fazenda, ficar brincando de esconde-esconde, assim, mas não é sempre, eu me divirto, às vezes, com os amigos, a gente fica brincando, a gente zoa na praça, a gente fica brincando. (Ana, 14 anos).

Um dos espaços significativos para Ana é a escola. Espaço que vê como local para estudar, mas também para se divertir. Estuda no período matutino e, às vezes, fica também no período da tarde realizando práticas de esporte, “handball”, vôlei e futebol feminino. Grande parte de sua diversão não está na fazenda, mas fora dela.

Não tem como se divertir por aqui. (...) o que a gente faz por aqui é ficar andando, conversando, a gente senta, conversa, brinca de esconde-esconde que tem bastante lugar pra se esconder de noite. (Ana, 14 anos).

Ana, quando criança gostava de lama, de se sujar, subir em árvores para *tacar mangas nos outros*, assim era a sua diversão. Hoje, não gosta mais, acha a lama nojenta. Desenvolver-se fez buscar outras formas de diversão. Prefere ir ao shopping e ao cinema. Conta uma experiência que marcou na escola, na ocasião, parou de ir à escola devido ao “Bullying” que sofreu quando os colegas começaram a chamá-la de gorda, feia e preta. Nesse momento pode contar com a família que foi até à escola e conversou com a direção e os professores. Quando Ana retornou, a escola a acolheu de outro jeito, o que possibilitou a sua continuidade dos estudos.

Ana avalia que a vida na fazenda é melhor do que na cidade. No entanto, gostaria de morar na cidade, pois há mais espaços para sair e se divertir. Para Ana ser jovem na comunidade é estar de passagem, aproveitando a oportunidade para realizar novas amizades, o lazer é vivenciado ao redor da casa e da família, mas espera em breve seguir viagem, trabalhar em um restaurante e fazer cursos de inglês e informática.

Ser jovem rural na perspectiva de Kelly.

Kelly, uma jovem de 16 anos, irmã um pouco mais nova de Miguel, chegou se apresentando:

Então, eu moro aqui faz trezes anos, eu nasci aqui e sou da Bahia, vim pra cá com três anos de idade, só que eu não me considero baiana, por eu ter vivido mais aqui do que lá, né, eu sou, falo para todo mundo, que eu sou paulista. Então eu moro aqui vai fazer trezes anos, nessa fazenda, acho que 11 anos que eu moro aqui. (Kelly, 16 anos).

Kelly estava muito animada em participar e começou a contar como eram divertidas as brincadeiras que aconteciam. Dois eventos parecem ser significativos para que tenham ocorrido algumas mudanças na comunidade, principalmente no que se refere às festas e atividades de lazer. Para ela, o fato de ter diminuído o número de crianças e ter chegado a Internet, aproximadamente há um ano, contribuíram para que as pessoas não brinquem mais como antes.

Um dos motivos que corroborou para essas mudanças se tratava da relação dos empregados com os patrões. Kelly conta que os moradores falavam mal do administrador, aprontavam ou não trabalhavam direito, o que fez com que muitos fossem demitidos, contribuindo, assim, para a redução do número de famílias e, conseqüentemente, de crianças e jovens. Além disso, tinham os que foram embora por conta própria, à procura de melhores condições e qualidade de vida.

Kelly gosta de morar na fazenda, a comunidade é um lugar tranquilo e encontra diversos lugares onde pode se divertir. Um dos maiores problemas apontados por ela é

justamente o transporte, questão também identificada por outros jovens. Quando quer passear, pede carona para o pai de sua amiga.

Kelly sente falta de relações em que possa falar de coisas íntimas. Às vezes, com as amigas, mais escuta do que fala, pois sente vergonha de falar com elas. No entanto, possui duas amigas nas quais tem maior confiança, então consegue conversar sobre sua sexualidade e interesses.

Não, tem as paqueras, só que, assim eu nunca namorei, não, eu nunca namorei e, sei lá, eu não falo essas coisas assim, eu não falo com elas, só elas falam pra mim, mas eu tenho vergonha de falar pra elas. (Kelly, 16 anos).

De acordo com Calazans (2008), o interesse em discutir sobre sexualidade entre os jovens e com os pais cresce de acordo com o aumento da escolaridade, questão essa que está coerente com o interesse de Kelly.

Um dos espaços frequentados por Kelly e suas amigas é o Esquinão, uma lanchonete que fica em Sousas. Na própria fazenda, de vez em quando, improvisa uma “baladinha”. Utiliza o quiosque que fica na sede, coloca um som e se diverte. Gosta de pescar e andar a cavalo. Havia na fazenda um homem que cuidava dos cavalos e permitia que eles andassem, mas ele foi embora. O administrador atual da fazenda parece ser uma pessoa brava e não permite mais que andem de cavalo.

Kelly percebe que as festas estão sendo reduzidas. Destaca que eram nelas que as crianças recebiam brinquedos e os jovens ganhavam relógios. Acredita que pelo fato de ter poucas crianças, o patrão não realiza mais festas com tanta frequência.

Para ela ser jovem é se divertir, sair, não se preocupar com nada. Esse olhar de juventude me parece conectada com a visão hedonista de juventude muito difundida pela mídia, que resulta em ações preconceituosas e paternalistas na forma de lidar com os jovens. Percebo-a como uma pessoa animada, que anima o pessoal para brincar, mas acredita que a Internet não tem ajudado.

Só Internet, a Internet mudou tudo, a Internet, porque, assim, tem como você falar com os amigos que não moram perto de você, né, que mora do outro lado, em Sousas, por exemplo, tem como a gente falar, então

eles não brincam mais, preferem ficar no facebook mesmo. (Kelly, 16 anos).

Parece haver certo fascínio dos jovens pelas sensações proporcionadas pelos diversos estímulos midiáticos, tal como problematiza Turcke (2010), que nem sempre tem a aprovação de todos, pelo contrário, alguns jovens, por exemplo, a Kelly e o Fred, em determinados momentos se queixam por reduzir a convivência física.

Um dos maiores contatos com jovens fora da fazenda é quando Kelly vai para a escola. Ir à escola para a maioria dos jovens é um evento, no mínimo, interessante. Há um ônibus, transporte público escolar, que passa pelas comunidades pegando os jovens, leva para a escola e traz após a aula. No entanto, quando chove eles ligam, ou o pessoal que foi de manhã retorna dizendo que o ônibus não virá. Por ser estrada de terra, a chuva não permite a passagem do ônibus. Para Kelly, a região deveria ser asfaltada, facilitaria não apenas para quem estuda, como para quem trabalha.

Kelly, mesmo extrovertida e animada, em alguns momentos tem vergonha de falar que mora na fazenda, principalmente no ambiente escolar, onde ocorrem brincadeiras depreciativas que os reduzem pela condição de morar na área rural. Essas situações são provocadas por falas como “pé vermelho”, devido ao fato do tênis ficar vermelho, por conta do barro e da lama.

É, o ano passado eu já briguei bastante na escola por causa disso, com os meninos. E o pior quem zoa, quem brinca com a gente é que mora na fazenda também, só que eles tem asfalto, entende? Os que brincam com a gente têm asfalto. E aqui não. Aí eles falam, sabe, brincam. (Kelly, 16 anos).

Kelly nos conta do estigma e preconceito de morar na fazenda que, às vezes, acaba sendo alimentado por outros jovens que também moram em fazendas. Ou seja, as condições de cada fazenda provocam um status em relação as que têm asfalto e as fazendas que não têm. Morar em área asfaltada ou não, parece ser um traço de distinção social, o que implica na construção de uma relação desigual entre os jovens. É muito possível que o motivo pelo qual essa região não possua asfalto esteja relacionado à área de preservação ambiental, que não permite.

Outro evento esperado é a festa de Santa'Ana, que acontece em Joaquim Egídio. É um momento que podem entrar em contato com pessoas de diversos lugares da cidade.

É, sabe, vem gente de Campinas, de Sousas mesmo, sabe, principalmente em Joaquim, é bem fácil da gente ir, porque o pai da nossa amiga, da minha prima, ele leva sempre a gente, ele vai também, ai fica mais fácil pra gente ir. É bem legal. (Kelly, 16 anos).

Kelly, assim como outros jovens, atribui ao lazer a importância da família, da convivência e das trocas entre seus membros.

A jovem tem o desejo de terminar o ensino médio, fazer Faculdade de Medicina veterinária. Gosta de morar na fazenda, mesmo reconhecendo alguns problemas. Não teria problema em mudar de lá se fosse para o seu bem, para um bom trabalho, caso contrário gosta da tranquilidade da fazenda.

Bianca e as marcas da vivência escolar.

Outra jovem que conversei foi Bianca, de 17 anos, que nasceu em Campinas e sempre morou nessa mesma fazenda. Estuda no primeiro ano do ensino médio. É seu pai quem possui o carro que a leva para os lugares junto com suas amigas. O fato do pai possuir carro possibilita a Bianca maior facilidade de locomoção, um dos maiores problemas destacados pelos jovens decorrentes de morar na comunidade. Os pais são separados, Bianca mora com o pai e mais três irmãos. A mãe mora em outra cidade. Bianca a visita esporadicamente. Bianca gosta de passear com as amigas e jogar vôlei.

Para Bianca ser jovem está associado ao futuro, às escolhas que tomam:

Ah, eu gosto de ser jovem, mas tem coisas assim que você tem que saber muito bem o que você faz, né, sei lá. (...) Assim, porque tipo, fazer, tipo, tem meninos com dezoito anos que fuma, essas coisas, roubam, faz coisa errada, entendeu, eles não pensam em sair, tipo, para se divertir, sei lá, pra fazer coisas boas. Eles saem para aprontar na rua, fala para o pai que vai para um canto e vai para o outro. (Bianca, 17 anos, p. 157).

Nesse sentido, Bianca apresenta uma compreensão de juventude atrelada à violência e ao perigoso. Esse olhar me parece ser construído da reprodução social, tanto pela visão da televisão, como também presente no imaginário de juventude da própria comunidade. Sendo assim, para ela é necessário pensar nas escolhas e nos caminhos que pode escolher. Ser jovem na comunidade possui algumas complicações, como querer sair e não poder, por não ter uma limitação de lugares para ir.

A escola, que para a maioria dos jovens da comunidade aparece como um espaço de diversão, para Bianca já não é vista da mesma forma: sente-se obrigada a ir. Um dos motivos por não gostar está associado às práticas de bullying que presenciou e já sofreu na escola. Bianca não vê sentido no que está aprendendo na escola. Para ela o que aprende não se usa no presente, aposta que o aprendizado recebido será útil no futuro, principalmente em relação a um trabalho melhor que, para ela, é ser bióloga.

Assim como os outros jovens, Bianca aponta a escassez das brincadeiras provocada pela redução das famílias. Para ela, lazer é a tranquilidade proporcionada pela sua casa.

Já no início da noite, quando me despedia de Bianca e de tantos outros jovens que havia conversado, Matheus chega da escola, está no quinto ano do ensino fundamental, com uma mochila nas costas e pergunta se ele poderia conversar também. Obviamente, disse que sim. Mas, na verdade, a sua dúvida não era se eu conversaria com ele pelo elevado das horas, mas se poderia ser considerado jovem, pois tinha apenas 11 anos.

A diluição das fronteiras entre infância e juventude na vida de Matheus e os ritos de passagem à vida adulta.

Sentamos para uma última conversa. Matheus me contou:

A gente morava com o meu pai e com a minha mãe e a minha mãe começou a sair e sair, dormir na casa das amigas dela, e aí ela se separou do meu pai e aí eu fiquei com o meu pai, assim é a minha história. (Matheus, 11 anos).

Fiquei pensando por que estava me contando, mas percebi que ao contar, Matheus pôde elaborar essa história. Talvez, nunca tenha contado algo tão íntimo para um estranho, que acabou de chegar e já estava de partida.

Hoje, Matheus mora com o pai e com os irmãos. Gosta de ir ao Esquinão e à escola, pois, para ele, ficar na fazenda não tem graça, é muito parado. Além de brincar com os amigos e primos, aproveita o tempo vago para mexer no computador.

Quando perguntei ao Matheus se considerava-se jovem, fui entender a preocupação se eu conversaria com ele ou não:

Não, eu considero um pré-jovem. (...) É quase um jovem, também. (...) Eu não tenho características de um jovem, assim. (...) Eles começam a crescer, a voz engrossar. É assim. Eu não tenho isso ainda. (Matheus, 11 anos).

A sua preocupação estava em ser diferente, um pré-jovem, um pré-adolescente, em que as mudanças fisiológicas ainda não estavam evidentes. Perguntei a mim, qual seria a diferença do Matheus para os demais jovens que entrevistei?

As experiências do Matheus eram muito próximas das brincadeiras dos demais. O Esquinão, as formas de diversão, a escola, como espaço de sociabilidade, o patrão como administrador dos espaços e os brinquedos. De fato, as experiências de sociabilidade não eram diferentes dos demais, possivelmente as únicas diferenças pudessem ser as fisiológicas. Sendo assim, o que o diferenciava dos demais? A experiência juvenil nessa comunidade me pareceu superar o limite biológico. Imagino que no cotidiano desses jovens haja diferenciações que aproximam uns de outros, assim como distanciam alguns. No entanto, o limite entre infância e juventude não parece algo marcado. A vida em comunidade rural parece proporcionar maiores possibilidades do brincar, funcionando, na maioria deles, como um prolongamento da infância. Nesse sentido, parece ser possível vivenciar a condição de juvenil, a partir de experiências menos comprometidas com os ritos sociais de passagem da infância para a juventude.

Se, por um lado, a passagem da infância para a juventude não é demarcada, por outro a passagem da juventude para a vida adulta parece bem definida pelos ritos

tradicionais, constituídos pelo matrimônio, maternidade e paternidade e, em alguns casos, o trabalho.

Já de noite, o breu da ausência de postes iluminados foi interrompido com o clarão das estrelas. Alguns jovens, aqueles que estudavam de noite, já estavam a espera do ônibus para ir à escola. Os demais jovens estavam na porta da casa conversando e brincando, misturando-se com alguns pais que se aproximavam e se sentavam.

Já lá fora, reencontrei minha filha que havia conhecido a fazenda e, inclusive, pescado no rio. Despedimos-nos, pois tínhamos ainda uma estrada a percorrer!

CAPÍTULO IV – AS PRÁTICAS CULTURAIS E EDUCATIVAS NA SOCIABILIDADE JUVENIL.

Neste capítulo pretendo, a partir das conversas com os jovens e dos diálogos que realizei com alguns autores, refletir sobre as práticas culturais e educativas na sociabilidade dos jovens da comunidade rural do distrito de Joaquim Egídio. Quero, sobretudo, destacar alguns elementos que julgo significativos, tais como, o lugar que a família assume na vida desses jovens, os espaços utilizados no trânsito da sociabilidade e a importância das brincadeiras, como práticas culturais na sociabilidade.

Como apresentado no terceiro capítulo, considero a sociabilidade como uma importante dimensão da condição de juventude, pois através dela há a possibilidade, a partir das práticas educativas, dos jovens construírem seus modos de existir e viver a juventude.

Inicialmente, penso ser relevante apresentar o que entendo como prática educativa. E, para isso, não poderia deixar de citar Brandão (1981), que nos ensina que a educação não está apenas nas instituições escolares - sem desconsiderar a sua importância. Está, também, na cultura dos grupos sociais, e, sendo assim, a sociabilidade na comunidade rural, considerando as características da vida em comunidade e da ruralidade, revela-se com grande potencial:

A educação existe onde não há a escola e por toda parte podem haver redes e estruturas sociais de transferências de saber de uma geração a outra, onde ainda não foi sequer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizado. Porque a educação aprende com o homem a continuar o trabalho da vida. A vida que transporta de uma espécie para a outra, dentro da história da natureza, e de uma geração a outra de viventes, dentro da história da espécie, os princípios através dos quais a própria vida aprende e ensina a sobreviver e a evoluir em cada tipo de ser. (Brandão, 1981, p. 13).

Desse modo, as práticas educativas, presentes na comunidade, são resultados das diversidades de produções culturais, tanto pelas relações que são estabelecidas com os familiares e demais sujeitos sociais da comunidade – crianças, adultos e com outros jovens -, como pelas atividades que são desenvolvidas nos espaços de

sociabilidade. Para Brandão (1981), a educação se dá na invenção cultural, não é atributo apenas da escola, mas também do grupo social:

O homem que transforma, com trabalho e a consciência, partes da natureza em invenções de sua cultura, aprendeu com o tempo a transformar partes das trocas feitas no interior desta cultura em situações sociais de aprender-ensinar-e-aprender: em educação. (Brandão, 1981, p. 14).

Sendo assim, as práticas culturais resultam das trocas de saberes no interior da comunidade rural.

Os espaços de sociabilidade, comuns a todos os jovens, diz em respeito às condições sociais que constituem a cotidianidade da vida. Através das conversas que realizei com os jovens, busquei elencar os principais espaços:

Espaços da fazenda	A casa, o quiosque, o parque, a sede, o pesqueiro, o rio, a cachoeira e as ruas.
Espaços fora da fazenda	A escola, o “Esquinão”, o “Lanchão” (pizzaria), o Shopping, cinema, Praça de Sousas, o Centro de Joaquim Egídio e a praia (esporadicamente).

Quanto às práticas culturais - as atividades lúdicas e as brincadeiras - que constituem a experiência juvenil, enumerei conforme seguem:

Músicas	Katy Perry, Rhianna, Lady Gaga.
Jogos eletrônicos	Vídeo game (principalmente o Playstation). Jogos: “Good of word”, “Led for speed”, “Hulk”, “Super-man”, “Irols”, “Liga da Justiça” e GTA.
Internet e redes sociais	Facebook, pesquisas, MSN e bate-papo.
Brinquedos	Boliche, pula-pula, balanço, balanço de cavalinhos para duas pessoas e escorregador.
Brincadeiras	Andar a cavalo, teatro, cantar, “baladinhas” no quiosque da fazenda ou no quarto, queimada, pique-bandeira, pega-pega, esconde-esconde.
Jogos esportivos	Futebol, vôlei, handball, Bets, ginástica
Festas	Páscoa, junina, natal, dia das crianças e “Santa Ana”.

Outras formas de diversão

Andar por aí, passear, ficar com a família, brincar com o cachorro, nadar, fazer compras, pescar, zoar na praça, assistir televisão e conversar.

Para essa apresentação realizei uma classificação, com fim didático, para facilitar a visualização, no entanto, os jovens não realizam essa separação. Espaços e brincadeiras se misturam em uma relação dialógica, como posso identificar nos relatos apresentados pelos jovens:

Eu, andar a cavalo. Amo. Desde pequeno quando eu cheguei aqui eu só ando nisso, só mexo com isso. (...) o carnaval aqui, todo mundo é amigo, todo mundo bebe e sabe se controlar, passa cumprimenta uns o outro, todo lugar aí pra se divertir, o pessoal aí não é pra brigar, entendeu? Todo mundo é amigo, então aqui é sem perigo. (Miguel, 16 anos).

Tipo, você sobe essa pista reta e tem um lugar pra você que tem o bugre, esses carros que ficam no lugar deles. E tem outro lugar que você vai e sobe na sede e tem a piscina. (José, 13 anos).

Ah, a gente brinca de pega-pega, joga futebol, brinca de “bets”, a gente joga playstation, eu e meu primo, minha irmã, a gente passeia... a gente conversa, a gente passeia, a gente vai para as compras e lá a gente fica junto brincando e a gente brinca, a gente brincava com o cachorrinho, né, só que ele morreu. (...) Um lugar que a gente fica pra conversar, a gente conversa quiosque a gente fica lá, é perto da cocheira lá em cima, ai a gente se diverte lá. (...) Ah, eu e meu primo a gente fica perto do “jet Sky”, a gente fica lá com o “notebook” jogando e a gente dando ração para os peixes. (José, 13 anos).

Ah, me divirto brincando, brincando com os meus primos, com os meus irmãos. Quando a gente vai ao rio, na cachoeira, no quiosque, lá no parque atrás da sede, no campo. (...) É um lugar que a dona coloca, é, cama elástica, é... balanço, ai ela coloca aquele coisa que eu não sei o nome, que é... ai tem campo de vôlei, tem aquele campo de areia, boliche, mas só que boliche e areia que eu não sei como que chama. Tem alguns outros brinquedos. (Fred, 13 anos).

Aí, fica um bairro ali, que tem um parquinho na frente da casa da minha colega, ai a gente vai lá, a gente faz festas (...) A gente já fez festa de halloween, de aniversário, junina. (...) A rua é um lugar que tem várias coisas de se fazer, vários lugares pra ir, é, ficar perto de amigos, não fica tão longe. (...) porque todos os amigos colaboram. Todos vão. (Fred, 13 anos).

Ah, eu, eu gosto de ir pra escola, eu gosto de sair, gosto também de ficar na Internet muito. (Ana, 14 anos).

Ah, às vezes. Às vezes a gente sai pra andar na fazenda, fica brincando de esconde-esconde, assim, mas não é sempre, eu me divirto às vezes com os amigos, a gente fica brincando, a gente zoa na praça, a gente fica brincando. (...) A gente faz, a gente joga futebol feminino, a gente joga vôlei, Handball, bastante coisas, assim. (...) o que a gente mais faz por aqui é ficar andando, conversando, a gente senta, conversa, brinca de esconde-esconde que tem bastante lugar pra se esconder de noite. (Ana, 14 anos).

Tem, tem o, tem o... uma área de, é um lugar que se... é... tem lugares aqui, tem quiosque que é, por exemplo, tem uma, tem as... as netas do, do patrão daqui, ela a gente pra brincar com ela, sabe? Então a gente fica, a gente faz baladinha, tipo baladinha, coloca um som lá, a gente fica se divertindo lá, tem o Jet, também, que é área de pescar, é pesqueiro e só. (Kelly, 16 anos).

Tem, a gente brinca de esconde-esconde, tem vez que a gente, às vezes, a gente vem aqui em casa e tem outro quarto né, o quarto dos meus irmãos, a gente liga o som e começa a dançar, rrsrs, e brinca de esconde-esconde quando dá, só. (...) É... Nessa festa vai todo mundo, sabe, vem gente de Campinas, de Sousas mesmo, sabe, em Joaquím, principalmente Joaquím, é bem fácil da gente ir, porque o pai da nossa, da minha prima, ele leva sempre a gente, ele vai também, ai fica mais fácil pra gente ir. É bem legal. (Kelly, 16 anos).

Ah, eu gosto de jogar vôlei, eu faço bastante coisa assim. (Bianca, 17 anos).

Ai, ainda eu não posso ir em balada, mas tipo tem, sempre tem alguma festa de amigos, aqui, aqui em Sousas tem um, tem tipo um, como fala, tem tipo um esquinão, sabe, você combinada de ir, daí a gente vai lanchar pra fora, a gente vai em Shopping, pro cinema, tem várias coisas pra fazer. (...) Era muito bom, porque aqui, sempre ficava lotado de crianças, a gente jogava futebol, era limpinho sabe, fazia gincana, fazia como campo, brincava de pique esconde, fazia várias brincadeiras, agora não tem muito. (Bianca, 17 anos).

Eu brinco, brinco com os meus primos, brinco com os meus amigos. (...) Pega-pega, futebol, um montão de brincadeira. (...) A gente brinca de pique-bandeira, é... pega-pega gelo, pega-pega corrente. (...) Tem vezes que, tem vezes que... é... hun... não dá graça de brincar, já brincou de todas as brincadeiras, não têm outras coisas legal pra fazer. (Matheus, 11 anos).

Como exposto, os jovens apresentam diversas possibilidades de sociabilidade juvenil. E é na vivência dessas experiências que ocorrem os processos educativos. Desta forma, a família assume, sem dúvida, um lugar único e importante, que atravessa os espaços comunitários para ser vivenciado como valor, também, nos espaços fora da fazenda, como a escola, espaço esse que discutirei mais à frente.

Os laços afetivos cultivados no interior da família estarão presentes ao longo de toda a vivência da sociabilidade juvenil. Como me mostra Miguel, ao relatar uma viagem que fez à cidade em que viveu até os cinco anos de idade, mesmo sem lembranças sólidas, apresenta com afeto aquilo que escutava da mãe e agora pode escutar dos seus antigos vizinhos e parentes:

Então, porque, minha mãe sempre me falou que o pessoal lá que era o meu vizinho e tal, sempre me pegou no colo, me criou, pequenininho sabe? passa na casa deles porque minha mãe ia trabalhar e nós, lá na Bahia lá, nós, eu ficava só na casa do pessoal lá do que junto com a minha mãe, porque minha mãe ia trabalhar e só tinha tempo pra nós de noite. Ai, só, muito bom rever eles, né, por que quando era pequeno não tinha, não tinha, só conheci quando era pequeno, ai, lá em ouvi a palavra que foi assim: Eu peguei você no colo quando você tinha 3 anos de idade. Isso foi o que eu ouvi lá. Eu fiquei muito feliz, sabe, que eu estou vendo a pessoa que eu nunca tinha visto quando era pequeno, mas fui rever eles agora em 2010. (Miguel, 16 anos).

O lugar da família, para Miguel, é o lugar do afeto, do cuidado. Poder entrar em contato com pessoas que fizeram parte da sua vida é algo que o engrandece e é valorizado por ele. Fred também reserva um lugar especial à família: o de proteção para poder brincar com segurança. Relata uma situação que aconteceu que poderia ser prevenida se tivesse escutado a sua mãe:

Ah, que quando os pais falam você tem que obedecer, porque já, várias coisas que o meu pai falou que aconteceu. Que ele avisou. (...) Porque, uma vez, que era de pau que gente colocou, um pau afiado, e minha mãe ainda morava comigo e falava, coloca isso aqui que vai machucar alguém. Ai meu irmãozinho, tinha uns 5, 6 anos, ele ficou na frente, ai eu balancei, ai o balanço foi e pegou, e foi de assim, ai pegou na cabeça dele. (...) Teve esse do balanço, um que eu cai do trator, que me machuquei esse braço, essa perna, deixa eu ver o que mais... me queimei, que ele falou pra mim sair de perto do fogo, ai eu fui ver se a

coisa tava, doce de leite, enfiei o dedo. É só isso e se tiver eu não se lembro. (Fred, 13 anos).

Os conselhos dos pais parecem úteis para que possa transitar pelas brincadeiras sem se machucar. Além dos conselhos, os adultos, em algumas ocasiões, também transitam pelos espaços de sociabilidade. E outros assumem o lugar de parceiro para viabilizar o acesso aos espaços fora da comunidade:

Então, o meu tempo livre, sábado e domingo, né, aí só, então a gente, eu e minha prima combina pra gente sair pra Sousas como eu falei, a, tem vez que a gente sai e tem vez que não, tem vez que a gente sai, a gente não consegue, tem vez que o pai dela que levar, e tem vez que não. Quando o pai dela não quer levar, a gente fica aqui mesmo, a gente fica em casa assistindo, mexendo na Internet. (Kelly, 16 anos).

A família é apontada pelos jovens como a garantidora do espaço de lazer, a casa, por exemplo, é algo a ser ocupado no tempo livre, como posso ver pelas conversas com Ana e com a Bianca:

Lazer, ah não, o lazer acho que é a minha casa (...) Minha casa, a minha família. E é tudo que vive ao redor disso, né. (Ana, 14 anos, p. 129).
Porque aqui quase tudo é família,, né, então assim, é boa. Converso com todo mundo daqui. (Bianca, 17 anos).

Diante da diversidade de experiências de sociabilidade juvenis, a casa e a família aparecem quase que como sinônimos e como elementos constituintes do lazer. Assim como as meninas, os meninos também se ocupam do tempo livre com atividades na casa, ou em relação com os familiares.

Bom, no tempo livre, eu também, assim quando não tem nada pra fazer, eu ajudo a minha mãe em casa, quando tá precisando de alguma coisa, ajudo, limpo quintal esse negócio tudo, faço tudo em casa. (Miguel, 16 anos, p. 78).

Lazer pra mim... É um sábado, domingo, sair com os amigos, se divertir, na praia ou sair pra Joaquim, andar, jogar bola, ficar andando por aí, tirar um lazer com os amigos, com a família, assim é o lazer pra mim. (...) É onde me divirto bastante assim é na casa dos meus irmãos, igual aqui eu me divirto, que eu fico brincando com as minhas irmãs, com as minhas cunhadas, é assim. Assim eu me divirto bastante também. (Miguel, 16 anos).

Em algumas famílias que tive contato, pessoalmente ou pelos relatos dos jovens, poderia levantar a hipótese de que há nas relações familiares da comunidade a reprodução de um modelo tradicional, em que o homem é o provedor e a mulher a que cuida da casa e dos filhos. No entanto, ao mesmo tempo em que identifiquei esse modelo, encontrei, também, duas casas em que os filhos são cuidados pelos pais e nas quais a figura materna está ausente, o que me leva a crer estarmos diante de rompimentos e de continuidades do modelo tradicional de família. Essa comunidade não está isenta dos novos arranjos familiares, que a população brasileira vem vivenciando. Há aspectos que são preservados e outros que são modificados nos atuais arranjos familiares, no entanto, é perceptível o lugar significativo do afeto nas famílias e na comunidade, independente de ser homem ou mulher. Sendo assim, o afeto não fica restrito apenas ao ambiente familiar, mas perpassa as demais famílias, em que parece ser compartilhada, entre os jovens, uma compreensão de família estendida à comunidade.

Sawaia (2003), ao relatar sobre a história da família, identifica algumas ambivalências presentes na forma de compreender, no campo teórico, essa instituição. Ora é possibilidade, outrora é vista como problema:

Família é o conceito que aparece e desaparece das teorias sociais e humanas, ora enaltecida, ora demonizada. É acusada como gênese de todos os males, especialmente da repressão e da servidão, ou exaltada como provedora do corpo e da alma. (Sawaia, 2003, p. 40).

De fato, o elemento que fortalece a preservação da família ao longo da história da humanidade é o laço afetivo. Não é por acaso que na comunidade em questão, onde as relações parecem se dar mais pelo afeto do que por outros elementos, a família assume um lugar significativo na vida e nas práticas culturais de sociabilidade dos seus jovens.

A escolha da família se justifica graças à sua principal característica, o valor do afeto. Em minha opinião, está é a principal força que explica a sua permanência na história da humanidade. Ela é o único grupo que

promove, sem separação, a sobrevivência biológica e humana (...). (Sawaia, 2003, p. 43).

Esse lugar da família ganha potência pela característica que essa comunidade apresenta. Entre os jovens percebi que há um alto grau de parentesco. Alguns são irmãos, outros são primos e são poucos os jovens que não apresentam algum laço de consanguinidade, o que potencializa a troca interfamiliar na comunidade.

Busquei realizar essa consideração sobre o papel da família e o lugar do afeto na sociabilidade juvenil, com o intuito de destacar a sua importância para os sujeitos desta pesquisa. Vale ressaltar que as relações estabelecidas pelos jovens serão constituídas pelo valor do afeto. Feito isso, irei apresentar agora outras práticas culturais na sociabilidade desses jovens.

Apesar dos espaços comuns a todos os jovens, pude perceber que cada jovem transita e vivencia as relações com as pessoas, com o espaço, com as atividades lúdicas e com as brincadeiras de forma única. Esses trânsitos não são iguais, o que me leva a crer que precisamos, cada vez mais, em nossas pesquisas conceber a juventude no plural e entender os espaços de sociabilidade pelas ações desenvolvidas nesses espaços.

Souza (2008) me ajuda a definir o que entendo por espaço ou lugar em que acontece a sociabilidade. Ao discutir sobre o futuro das metrópoles afirma:

A metrópole é vivificada pela dinâmica dos lugares. Na metrópole há milhares de lugares. O lugar é o *espaço do acontecer solidário* na perspectiva da geografia que fazemos. Não é um ponto geométrico do espaço. Ele não existe gravado no espaço, não necessariamente. Os lugares se formam pelas ações sociais, humanos. Elas surgem e desaparecem. Esses são os lugares geográficos. Não há lugar sem as pessoas, sem o ser humano, sem relações sociais. O que permanece é uma materialidade que pode suportar novas solidariedades, novas ações, constituindo novos lugares. Os lugares, portanto, são aparatos de base das funcionalizações que as relações sociais vão sempre exigindo pelo uso do território. (Souza, 2008, p. 45).

A partir das experiências na sociabilidade, os jovens significam os espaços e constroem modos próprios de viver a juventude. As práticas educativas que vivem não

produzem ou reproduzem culturas iguais. Assim como Carrano (2002) enfatiza, os processos educativos estão presentes na área urbana e também na área rural.

Ao apresentarem modos específicos de ver o mundo, de existir e reinventar o cotidiano, os jovens provocam mudanças, ao longo do tempo, na compreensão de si, nas próprias ações educativas da comunidade que impactam as formas de interação. As mudanças provocadas pelas ações dos jovens não são isentas das transformações regionais específicas da área rural e das globais que estão todos vivendo, tais como as transformações políticas, econômicas e tecnológicas. Um exemplo disso é a chegada recente da Internet na comunidade. Ação comum a todos, mas que sofre intervenções e críticas diferentes de cada jovem da comunidade, ora identificando as vantagens, ora refutando a maneira como tem modificado suas relações interpessoais.

Pelas relações que os jovens estabelecem com a Internet, pude perceber como a comunidade não está alheia às transformações da metrópole e dos demais lugares do país. O acesso à Internet, de fato, modificou as relações no interior da comunidade.

Os resultados da PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio -realizada pelo IBGE em 2011 mostrou que houve, no Brasil, um crescimento relacionado ao acesso à Internet. A pesquisa traz uma evolução entre os anos de 2005 a 2011. Participaram da pesquisa os moradores de domicílios de 10 anos ou mais. De acordo com a pesquisa nesse período, a população em idade ativa cresceu 9,7 % e o número de pessoas que utilizaram a Internet cresceu em 143,8%. Nesse sentido, em um intervalo de 6 anos, 45,8 milhões de pessoas passaram a utilizar a Internet. Especificando os resultados referentes ao uso realizado pela juventude, verifiquei que entre os jovens de 10 a 14 anos, 24,3 % utilizavam Internet em 2005, em 2011 esse percentual passou para 63,6%. Entre os jovens de 15 a 17 anos passou de 33,7 %, em 2005, para 74,1% em 2011. Em relação aos jovens de 18 ou 19, em 2005 o percentual era de 32,7%, subindo em 2011 para 71,8%. Como se pode ver, houve um aumento entre todas as faixas etárias e não só na faixa etária juvenil.

Esse acesso chegou à comunidade, como constatei ao perguntar ao Miguel se havia Internet na comunidade:

Tem, patrão colocou Internet pra todo mundo e eu não fico muito nessas coisas de facebook, nesse negócio, fico mais na parte agrônômica. Fico

olhando as coisas que esta acontecendo pelo mundo, entendeu? No país, parece que eu to imaginando um monte de coisa, parece que eu to em outro país. (Miguel, 16 anos).

A Internet não só modificou a sociabilidade juvenil na comunidade, como também passou a constituir-la. Porém, o que me parece interessante são as diferentes formas de acessos e usos realizados pelos jovens, o que conota as peculiaridades e trajetórias que cada jovem desenvolve no jogo da sociabilidade.

Miguel ao realizar o uso da Internet, faz isso com algumas ressalvas, julgando a rede social “facebook” como algo que não lhe interessa. O seu interesse está em buscar ampliar o conhecimento, a respeito daquilo que gosta.

O que eu achei e eu nunca tinha visto foi uma pista tipo, eu já conheço quase todas as pistas do Brasil de cavalo, só que foi a de Araçatuba. Eu tava entrando, entrei no site e vi, ela é coberta, sabe, coberta mesmo, é luz pra tudo quanto é lado, do lado dela por fora é tudo baia, baia, é, 150 baias de cavalos e é tudo alugado, e é a coisa mais linda cara, você tem que ver. (Miguel, 16 anos).

Para Fred, o acesso à Internet modificou os momentos de encontros com o seu primo para brincar:

Porque as crianças ficam mais no computador e no celular, porque, toda vez que eu praticamente, agora que não tem Internet eles saem, meu primo, mas quando eu vim chama ele, ele ficava assim, ah eu to jogando jogo, depois eu vou, no computador, ai eu voltava pra casa, ai depois eu chamava ele de novo, ai ele, ah, não ainda não acabei, depois eu vou. Ai eu acabava ficando sozinho. (Fred, 13 anos).

Mesmo com um olhar crítico sobre a chegada da Internet na comunidade, Fred também faz os seus usos:

Ah, eu entro no facebook, vejo se alguns amigos estão online. Cuido de um jogo que tem que cuidar, que é, tipo de uns animais que tem que dar comida se não eles morrem. (Fred, 13 anos).

Para Ana, a Internet lhe proporciona muitas possibilidades. Uma delas, já relatada no capítulo anterior, é poder manter contato com seus amigos das demais fazendas em que morou.

Ah, eu, eu gosto de ir pra escola, eu gosto de sair, gosto também de ficar na Internet muito (...) Gosto, é o que eu mais faço aqui é ficar na Internet. (...) Fico no facebook (...) Ah, conversar com os amigos, compartilhar fotos. É, eu acho legal. (...) É, eu escuto música, é e fico no msn também. (Ana, 14 anos).

Kelly compartilha do olhar de Fred, utiliza a Internet, mas percebe as modificações que a mesma provocou na sociabilidade juvenil, principalmente no espaço de brincar:

É. Lá na fazenda que eu morei dois anos, não tinha, tipo, tantas coisas como tem aqui, sabe, de divertimento, é diferente, lá, não tinha Internet, aqui já tem, lá não tinha tantas pessoas, só tinha, sabe, só família mesmo, sabe, não tinha tanta crianças que a gente poderia brincar assim, aqui não, aqui é bem diferente, aqui tinha bastante criança, agora não tem mais, mas assim, quando a gente era pequeno a gente brincava bastante, a gente se divertia bastante aqui, era bastante brincadeira. E não tinha Internet, também, começou o ano passado que colocaram a Internet aqui. (...) Mudou, mudou muito, tipo, todo, ninguém quer saber de brincar, só Internet, só facebook, MSN essas coisas. (...) Sim, acho que sim, porque antes a gente brincava de esconde-esconde, pega-pega, agora não, só Internet. (Kelly, 16 anos).

Diante desses relatos, vejo que o brincar na sociabilidade juvenil dessa comunidade foi se modificando com a introdução do mundo virtual e se agregaram outros elementos a ela, que trouxeram vantagens e desvantagens. Algumas vantagens são as possibilidades de, por meio das redes sociais, manter amizades distantes ou combinar eventos. Como desvantagens, foi possível identificar a redução dos momentos de brincadeiras que proporcionam o contato físico entre eles, o movimento do corpo e o uso do espaço livre da fazenda.

Brincadeira, agora que a gente parou mais, brincávamos de queimada, pique bandeira, pega-pega, a gente brincava muito, só que agora a gente parou um pouco né, mais a gente brincava muito, sim. (Miguel, 16 anos, p. 79).

Era muito bom, porque aqui, sempre ficava lotado de crianças, a gente jogava futebol, era limpinho sabe, fazia gincana, fazia como campo, brincava de pique esconde, fazia várias brincadeiras, agora não tem muito. (Bianca, 17 anos).

Resistir aos estímulos das tecnologias não parece ser algo fácil. E não é uma questão apenas para a juventude. Os acessos às sensações mediadas pelas tecnologias, como televisão, celulares ou computadores passam a constituir o que Turcke (2010) denominou de sociedade excitada, em que há a necessidade constante de estímulos à excitação. Diz ele:

(...) Há uma torrente de estímulos dos meios de comunicação de massa que competem para fazer parte dessas sensações. Ninguém consegue domina-los. Nem o mais distinto intelectual que torce o nariz consegue fechar-se diante dos estímulos, de tal modo que o sentido de sua atenção, a escolha dos temas e das palavras, o tempo e o ritmo de seus pensamentos não conseguem permanecer sem ser por eles molestados de alguma forma (...). (Turcke, 2010, p. 10).

Essa variedade de estímulos na comunidade, sem dúvida, provocam mudanças nas formas de sociabilidade juvenil, alterando suas práticas educativas e culturais. Fischer (2008), ao discutir o papel das tecnologias na vida dos jovens, percebeu que, de fato, os elementos que as compõem passam a constituir as memórias dos jovens, alterando a forma de compreender o tempo, as relações sociais, além dos usos realizados pelas redes sociais para fortalecer o consumo.

A variedade de lugares da fazenda e as brincadeiras que os significam pressupõem possibilidades de trânsito e configuração das formas de sociabilidade juvenil na comunidade, no entanto, a diversidade de espaços não corresponde à liberdade de acesso no fazer geográfico, como propôs Souza (2008). De acordo com o que fui aprofundando as conversas, os jovens foram trazendo alguns elementos referentes às transformações das relações na comunidade, às restrições nos lugares da fazenda e nas práticas culturais.

Sempre... mudou, mudou, depois que as crianças foram embora, depois que chegou a Internet, ninguém quer saber mais de diversão, a diversão deles é na Internet, não é mais, sabe, brincar como a gente fazia antes. Mudou bastante. (...) Gosto das lembranças, porque quando a gente era

criança só tem lembranças boas, né, agora não tem muita, a gente num, sabe, só Internet mesmo, a gente não tem como se divertir aqui. (Kelly, 16 anos).

Quando Kelly foi me contando da redução dos momentos de brincar, trouxe as lembranças de quando era criança e que havia na comunidade muitas crianças, porém as famílias foram indo embora, deixando a fazenda, e hoje conta com um número menor de crianças.

(...) Brincadeira aqui não tem muito, tinha antigamente, tinha gincana que fazia, porque tinha várias crianças, mas ai, eles foram indo embora... (Fred, 13 anos, p. 109).

Mesmo de forma não tão clara, percebi, pelas conversas com os jovens, que os motivos para que as famílias fossem embora estavam relacionados ao próprio trabalho e às dificuldades de relação com o patrão, como apontou Kelly:

Ah, sei lá, xingavam o administrador da fazenda, sabe, não trabalhava direito, então, e uns, também, foram embora por vontade própria. (Kelly, 16 anos).

Para os jovens, com a saída de algumas famílias e a redução, conseqüentemente, do número de crianças, a relação com o patrão e com a patroa foi sendo modificada, principalmente no que diz respeito às festas e divertimentos que eram proporcionados por eles.

Ah, o que tem mais aqui é... festas, porque a patroa é muito legal, porque, quando é dia das crianças, natal, páscoa, agora tá quase perto do dia páscoa, ai ela vai fazer uma festa, vai esconder os ovos de páscoa pra gente procurar, dia de natal ela dá presente. Brincadeira aqui não tem muito, tinha antigamente, tinha gincana que fazia, porque tinha várias crianças, mas ai, eles foram indo embora... (Fred, 13 anos).

(...) O patrão fazia festa de páscoa, natal, assim, pra gente brincar quando tinha muita gente, só que depois foi embora e não teve mais essas festas. (...) Ah, é um lugar bom, só que... só que mudou muito pra gente brincar né, porque, sábado e domingo a gente ia lá com o patrão, ele, a filha dele chamava a gente pra brincar, só qui, depois que todo mundo foi embora não deu mais. E proibiu de brincar, não pode mais ir à sede, não pode fazer mais nada. (José, 13 anos).

Além das reduções das festas proporcionadas pelos proprietários da fazenda, houve restrições, recentemente, quanto à circulação pelos espaços e lugares da fazenda, o que foi mudando a forma como cada jovem se sente ao morar na fazenda.

Ah, agora é ruim, né? porque quando tá calor não pode nadar, não pode fazer nada, só tomar água, rsrs. Tem que tomar água, bastante água. (José, 13 anos).

Em tom de ironia, mas com muita seriedade, José me contou das proibições recentes na fazenda. Dos espaços, como a piscina, a sede e a academia, que antes eram frequentados, mas agora não pode mais.

Ah, é que a gente tinha muito lá né, pra brincar. E depois eu num, num gosto da, num gosto da proibição que deu aqui. Não gostei. (...) Tem, negócio de boliche, só que não tem mais, o pino sumiu, né. E tem o campo de futebol, lá. E a gente parou de ir lá uns 5 meses. (...) Não, poder ir lá pode, só que tem que passar por trás de uma casa que tem lá, não pode passar em frente da sede. (...) Colocaram câmera na sede, no fundo e no negócio de fazer ginástica. Bom, eu li um texto que falava que ia receber três avisos, não pode, só que eu nunca recebi aviso. Quando fui lá, nunca recebeu. (José, 13 anos).

Além das restrições, como já pontuei no capítulo anterior, foram instaladas câmeras de vigilância e criadas normativas para quem quebrasse as regras, tais como os avisos de notificação. José não concordou com essas proibições. Já Fred compreende as proibições de forma diferente:

Tem alguns proibidos, que são a ginástica, porque eles têm medo que o peso machuque, porque eles são muito pesados, que caia, machuque e o... a piscina que eles têm medo que se afogue. (Fred, 13 anos).

Para ele as proibições foram ações para a sua proteção. Fred estabelece relação entre esse fato e os conselhos que recebia dos pais para que pudesse brincar com segurança. No entanto, com a intensificação das proibições passa a ocorrer um controle maior sobre alguns lugares da fazenda em que os jovens utilizavam para as suas diversões. Além do controle externo realizado pelas câmeras de vigilância, há

também a emergência de um controle mais sofisticado: o “autocontrole”, em que o elemento externo passa a ser menos necessário, pois as normas já estão sendo internalizadas, como concebe Norbert Elias (1994). É nesse cenário, que os jovens constroem rotas de fuga ao desconfiar que as câmeras instaladas não estejam funcionando.

Diante dessas restrições, quanto à circulação pelos lugares da fazenda, os jovens da comunidade vivenciam outros espaços de sociabilidade juvenil. No entanto, encontram, também, algumas dificuldades de acessar aos espaços que estão fora da fazenda.

O legal de morar aqui, aqui é bem tranquilo, sabe? É tranquilo, tem vários lugares que dá pra se divertir, só que na hora que a gente quer sair não tem pra onde sair, é muito, sabe, é bem distanciada da cidade. E não tem transporte, só... o pai da minha amiga, da minha prima, ele leva a gente quando a gente quer ir na lanchonete, em Sousas, em festas, quando tem ele leva a gente, só que eu gosto de morar aqui, só que bem difícil, sabe? Sair daqui pra ir para outro lugar. Um lugar quando precisa. (Kelly, 16 anos).

Para circularem nos lugares fora da fazenda, os jovens precisam da combinação de dois aspectos. O primeiro é que a condição da estrada possibilite o tráfego de carro, principalmente nos dias chuvosos. O segundo é que consigam uma carona, que geralmente é oferecida pelo pai da Bianca, um dos únicos que possui automóvel na comunidade.

O Estatuto da juventude aponta que a circulação pelo território, tanto no campo como na cidade, é um direito da juventude:

Art. 31. O jovem tem direito ao território e à mobilidade, incluindo a promoção de políticas públicas de moradia, circulação e equipamentos públicos, no campo e na cidade. (Estatuto da juventude, 2013, art. 31).

Como política pública, está incluso o transporte, no entanto ele somente é oferecido para o acesso escolar. Para a circulação em demais espaços, a juventude dessa comunidade não conta com a garantia desse direito. Mesmo sendo recente a aprovação do estatuto, é uma demanda antiga que me parece não estar em pauta na metrópole de Campinas. Nesse sentido, vale ressaltar o lugar da juventude na cidade.

Segundo Paulo (2011), as políticas públicas para a juventude são tratadas de forma desigual:

(...) Especialmente no Brasil, em que o projeto de modernização do campo gerou e aprofundou grandes desigualdades, o rural é ideologicamente caracterizado pela oposição ao urbano como o espaço de carência e do atraso, sendo esta visão concretizada no direcionamento das políticas públicas, concentradas quase sempre no meio urbano. (Paulo, 2011, p. 145).

Nascer ou viver desde pequeno no mesmo ambiente cria, de certo modo, uma sensação de pertencimento ao lugar em que se vive, nesse caso, a fazenda. Porém, de acordo com o amadurecimento, a consciência da condição de não proprietário da fazenda vai ficando mais clara, assim como a relação de empregado e patrão, que é constituída pelos mais velhos e familiares.

Percebo que Miguel atenua a sua relação com a fazenda, pois a condição de já ter sido um empregado da fazenda lhe possibilita acessar certos espaços restritos aos demais jovens, por exemplo, o “jet sky”. Nesse sentido, a forma de transitar pelos lugares da fazenda vai se modificando, assim como a clareza da condição da família de empregado. O que demonstra a contestação como característica dessa juventude. Segundo Ribeiro (2004), a disposição para contestar é um fenômeno da juventude moderna, que provoca novas concepções do local em que se vive.

Essa consciência da classe social é sentida pelos jovens, que constituem formas diferenciadas de lidar com a situação. Os jovens passam a questionar as atitudes dos patrões e a querer romper com a sua própria condição de vida e, conseqüentemente, de suas famílias. Essa tentativa de ruptura pode ser identificada nas profissões que desejam. A maioria delas são profissões de prestígio que poderiam proporcionar a eles outro lugar de reconhecimento social, sem desconsiderar os elementos que aprenderam no interior da comunidade, tais como a honestidade e o valor afetivo da família. Como pude identificar nos relatos dos jovens:

Quando eu crescer, eu tive três coisas. Eu queria ser jornalista, mas não vai dar, eu quero ser cantor, se não dar, eu quero trabalhar, fazer medicina. (Matheus, 11 anos).

Crescer na vida? Nossa, crescer na vida é ter uma trabalho honesto, telemarketing, engenheiro, ser um trabalho que vai além do que você pode fazer entendeu, e fazer coisa que você pensou, não, eu vou estudar, vou ter um trabalho, for me formar, ter um certificado na mão e vou fazer tal coisa, entendeu? (Miguel, 16 anos).

Acho que sim, eu pretendo passar até o 3º ano e depois fazer faculdade. (...) Mais parte do tempo eu preferia ser médico. (José, 13 anos).

Sou considerado mais paulista do que baiano. E quero ser jogador de futebol ou cantor, gosto de brincar com todos aqui na fazenda, gosto de passear, sair um pouco né, se divertir e... brincar um pouco com os meus colegas da escola. (José, 13 anos).

É um emprego bom, ah, eu quero fazer uma faculdade. (...) Eu quero ser bióloga.(Bianca, 17 anos).

Eu quero ser veterinária, porque eu gosto bastante de animais, bastante. (Kelly, 16 anos).

Interessante observar que, para a maioria dos jovens, a mudança da condição de classe social se daria pelos estudos e pelo trabalho. No entanto, identifico alguns elementos que acredito ser importante destacar. No relato de Miguel, pude perceber que ele dá valor igual a duas profissões que são bem diferentes: Engenharia e Telemarketing, que possuem diferenciado reconhecimento social, inclusive no que se refere à remuneração. Ao mesmo tempo em que demonstra o desejo de “*subir na vida*”, parece haver desconhecimento ou uma idealização da natureza das profissões.

Outro elemento que ressalto tem relação com as oscilações na escolha de José e de Matheus que retrata o momento presente, em que as escolhas das profissões ainda não estão tão elaboradas. Essas oscilações estão entre aquilo que gostam de fazer – jogar futebol e cantar - e aquilo que julgam trazer reconhecimento – jornalista ou médico.

Um último elemento curioso é que algumas das profissões estão relacionadas à área rural, tais como engenharia agrônômica, medicina veterinária e biologia, o que

parece apontar para uma tentativa de ruptura da condição de classe social e econômica, porém com a continuidade do rural.

Percebi que, mesmo diante de um olhar idealizado para o campo da profissão, alguns jovens têm realizado ações que demonstram tentativas de alcances dos seus desejos:

Ah, é que os meus amigos, quando na escola, eles me xingavam, né? E eu fiquei com raiva, eles me batiam, aí, depois da quarta série pra cima, ele ficou meu amigo. Depois eu fui treinando, né, pra ser jogador de futebol, treinei uma perna, e aí depois, eu parei de ir lá, tem um mês só que eu parei de ir lá, um mês atrás eu nunca mais fui. (José, 13 anos).

É teatro. E, aí a gente, apresentou um teatro na escola, que foi mais ou menos assim, não foi muito bom. (...) Porque, tipo, as professoras pensou que a gente não ia conseguir, aí a gente não foi muito. Aí depois na próxima a gente fez com outros professores que ia pedir ajuda e a gente conseguiu. A escola inteira gostou e pediu que a gente fizesse mais. E a diretora pediu, falou assim se eu queria fazer um teste lá na novela Carrossel, mas só que aí já tava no fim do ano e não dava certo pra eu ir. Já ia entrar as férias. (Fred, 13 anos).

José efetuava treinos para fortalecer as pernas para um melhor desempenho. Já Fred, junto com os seus colegas da escola, construiu uma peça de teatro e realizou apresentações, inclusive, fora do espaço escolar.

Há, a meu ver, uma hierarquia de prestígio e os jovens se veem nela. Eles estão embaixo e almejam outros lugares. Quando rural: profissões de prestígio social e quando urbano: também de prestígio. Aprendem a hierarquia na escola, mas, na trajetória do grupo, o percurso escolar não contribui para a mobilidade social.

Acredito que é responsabilidade da escola produzir com os jovens uma cultura que daria acesso a eles às certas posições, inclusive a possibilidade de mobilidade na estrutura de classe,

De modo geral, as expectativas dos jovens estão relacionadas aos desejo de alcance daquilo que almejam em relação à profissão, para modificar a atual condição social. Porém, a escola parece não contribuir para esse desejo:

A origem etimológica da palavra *escola* vem do grego, significa lugar de *ócio*. Um espaço, portanto, onde as crianças e jovens vivem um longo tempo incorporando valores, conhecimentos e amadurecendo para a vida futura. Mas o mesmo retrospecto histórico nos evidencia que esta não era e nunca foi a escola para todos. Como mostram inúmeros estudos, a escola para a classe trabalhadora sempre foi outra - uma escola para a disciplina do trabalho precoce e precário. (Frigotto, 2004, p. 195).

Frigotto (2004) aponta que a escola tem estado a serviço para a introdução precoce do jovem no mundo do trabalho, ao invés de proporcionar possibilidades de emancipação política e ruptura com a condição de classe, a escola tem contribuído para jovializar a pobreza. De fato, essa análise é coerente à conjuntura política e econômica na contemporaneidade.

A escola, como depositária das expectativas de ascensão social desses jovens, deveria perceber o importante papel que a ela é atribuída por eles. No entanto, ao não assumir esse lugar, contribui para a desigualdade social. Parece-me que a desigualdade se traduz pela defasagem escolar, como apresento no quadro abaixo:

Jovem	Idade	Escolaridade	Defasagem	Profissão desejada
Miguel	16 anos	8º ano	3 anos	Telemarketing /Engenharia Agrônômica
José	13 anos	7º ano	1 ano	Jogador de futebol, Cantor ou Medicina
Fred	13 anos	6º ano	2 anos	Ator (Teatro ou TV)
Ana	14 anos	1º ano	2 anos	Inglês, Informática, Direito
Kelly	16 anos	1º ano	1 ano	Veterinária
Bianca	17 anos	1º ano	2 anos	Bióloga
Matheus	11 anos	5º ano	1 ano	Cantor ou Medicina

Todos os jovens apresentaram de um a três anos de defasagem. Percebi que a cultura letrada é pouco presente. Esses jovens apresentam dificuldades no uso da variante linguística de prestígio, o que se configura em mais um marcador de distância

da cultura legítima. Além do acesso difícil à escola devido à estrada e a distância, eles apresentam também desinformação na hierarquia ocupacional, que impacta no distanciamento em relação aos saberes para definição de estratégias de mobilidade.

No entanto, mesmo diante desse cenário, como um espaço de contradições, a escola tem sido construída e significada pelos jovens como um importante lugar de diversidade de experiências de sociabilidade juvenil. Se por um lado há fragilidades da escola para contribuir para a redução das desigualdades sociais, por outro lado, a escola tem sido uma importante instituição que possibilita a interação social dos jovens rurais para com outros jovens.

A presença da família nesse construto tem papel significativo. Referi-me que retomaria o assunto da importância dos laços afetivo, e agora o faço. Os jovens, a partir de alguns relatos, contam como a família foi agente decisivo na permanência deles na escola e na construção desse espaço de sociabilidade, como pude verificar no relato de Ana:

Eu fiquei até esse ano esse sem estudar. Daí foi nesse que eu comecei. (...) Ah, vontade de rever meus amigos.(...) Bullying. (...) Ah, não sei, muita brincadeira tonta e eu não gosto. (...) Ah, tipo começaram a me chamar de gorda, feia. (...) os colegas da sala, mas os que estudam lá. (...) Daí, por isso, que eu parei de ir pra escola. (...) Ah, não sei, parei por, sabe não tinha mais vontade ir pra escola. (...) Foi perdendo a vontade. (...) Ah, não conversou, mas também não entendi, né? Porque eu não posso ficar fora da escola, mas também não posso ficar brincando. (...) Porque daí eu ia perder toda minha educação, né, porque eu não tinha terminado tudo, daí (...) Não, tipo assim, eu não posso parar da escola pela educação, mas também não posso ficar escutando todas brincadeiras dessas pessoas. (...) Daí eu falei com a minha e minha mãe foi lá conversar, daí eles falaram que era pra eu voltar para a escola, que não ia ter mais isso. Daí eu voltei e até hoje não vi mais nada disso. (Ana, 14 anos).

Ana me contou sobre as situações de violências simbólica e racial que sofreu que a fizeram desistir de ir para a escola. A conversa que a mãe realizou na escola, após ter acolhido a filha, foi fundamental. Hoje, Ana relata não acontecer mais essas situações de violências, e me atrevo a inferir que pode ter havido uma intervenção por parte dos professores junto aos demais alunos.

Pelos relatos dos jovens, não somente Ana sofreu essas violências. Pude identificar, em outros jovens, situações parecidas, como no relato já registrado acima em que José conta que apanhava na escola, mas também no relato da Kelly:

É, o ano passado eu já briguei bastante na escola por causa disso, com os meninos. E o pior quem zoa, quem brinca com a gente é que mora na fazenda também, só que eles tem asfalto, entende? Os que brinca com a gente tem asfalto. E aqui não. Ai eles falam sabe, brincam. (Kelly, 16 anos).

Essas situações de violência para com esses jovens, realizadas por outros alunos, devem ser compreendidas em um contexto mais amplo. Muitas vezes, diminuem a vontade de frequentar a escola, podendo provocar, inclusive, o abandono escolar. Identifiquei alguns sentimentos que Bianca compartilhou comigo.

Porque, assim, eu não gosto de ver as pessoas, assim, zoando as pessoas, sabe, ai tem uns meninos meio chatos, que, eu tenho uma né, que ela é meia, ah, tipo, tem uma... uma doença, ai eles ficam tirando sarro, pra mim é "Bullying" isso, e ai eu não gosto, ai eu brigo muito com os pessoal. Ai eu acho chato por isso. (...) Ai, todo jovem, às vezes, não gosta de ir pra escola, mas eu tenho que ir né. (...) Ah, porque eu não gosto muito da minha escola, eu acho meio chato, mas eu tenho que ir né, fazer o que. (...) É mais, assim, ai muita, sabe, tem muita gente chata, então eu gosto muito assim. (Bianca, 17 anos).

As experiências de violência na escola estão associadas aos estigmas de jovem rural. Trata-se de uma questão mais ampla da própria concepção de violência que envolve também, como especificidades, as dicotomias entre o rural e o urbano, que precisam ser superadas (PAULO, 2011).

Segundo Carvalho (2010) a *"violência e a estigmatização" na escola* constituem *"modelos de convivência social"*, configurando, desse modo, a sociabilidade juvenil. Lidar com essas situações é um dos elementos que compõem o fazer pedagógico. E, nesse caso, a família tem se fortalecido como apoio aos jovens na construção desse espaço de sociabilidade.

A escola que esses jovens frequentavam não fica situada na comunidade. Para que possam acessá-la, precisam desempenhar alguns esforços, como se locomoverem por meio do transporte fornecido pela prefeitura até o centro do distrito Joaquim Egídio, ou ao distrito vizinho de Sousas. Para alguns jovens esse trajeto provoca cansaço, para outros é visto como uma das únicas possibilidades de acessar outro espaço de sociabilidade juvenil.

Sempre tem um ônibus que passa aqui, sabe, na frente, ai ele leva a gente até à escola e depois traz a gente. (...) Acho um pouco cansativo, né. (...) Pra ir não muito, mas pra voltar, porque, às vezes, a gente chega mais cedo, às vezes, a gente chega mais tarde, então é meio ruim, assim, porque na hora em que a gente vem pra cá a gente tá com bastante sono, tá cansado, né, então eu acho meio ruim. (Bianca, 17 anos).

A gente vai de ônibus e quando tá chovendo perua e a gente costumava ir de micro-ônibus. (José, 13 anos).

De ônibus, às vezes, de perua porque o ônibus não sobe. Vem uma perua (Fred, 13 anos).

Ah, é bom, quando chove fica difícil porque é, tem vez que a gente não vai pra escola por causa da chuva, porque atrapalha, aí, o... o... o motorista fica com medo de passar. (Kelly, 16 anos).

Ao ocupar-se do tempo desses jovens, a escola passa a constituir a cotidianidade juvenil, portanto, é necessário ser considerada.

É. Ai eu durmo. Ai depois acordo, porque quando eu chego, eu chego morrendo de sono. Ai depois eu acordo, como um pouco, assisto, depois mexer no computador, tomo banho, ai depois eu vou dormir, ai depois eu vou pra escola. (Fred, 13 anos).

Eu faço, eu vou pra escola, chego em casa, é... chego em casa tomo um banho, faço a lição de casa, fico assistindo TV e vou dormir. É assim, só tem isso no meu dia a dia. Só no fim de semana que eu brinco. (Matheus, 13 anos).

Mesmo diante do estigma de ser jovem rural na escola, de morar em fazenda com estradas de terras e realizar um trajeto, às vezes, cansativo, as possibilidades de

relações e trocas no interior da escola possibilitam significativas práticas educativas e culturais.

Ao buscar compreender essa realidade, um primeiro passo é constatar que a relação da juventude com a escola não se explica em si mesma: o problema não se reduz nem apenas aos jovens, nem apenas à escola, como as análises lineares tendem a conceber. (Dayrell, 2007, p. 1106).

Dessa forma, vejo que o espaço escolar é constituído pelas normas e regras que buscam unificar as culturas juvenis que ocupam esse espaço, sofrendo suas ações, mas também deixando as suas marcas, como aponta o autor:

Todavia, a escola também só contribui em parte, porque vivência juvenil no cotidiano escolar é marcada pela tensão e pelos constrangimentos na sua difícil tarefa de constituir-se como aluno. Não significa, porém, que negamos os avanços que ocorreram nesta última década, principalmente no que diz respeito ao acesso. (Dayrell, 2007, p. 1125).

As experiências de sociabilidade desses jovens na instituição escolar são marcadas, além dos conflitos e tensões, por outros elementos que constitui a cultura juvenil:

Então, me divirto com os meus primos né, praticamente, porque a gente vai pra escola, a gente fica escutando música (...) (Miguel, 16 anos).

Além de ser considerado um espaço para o estudo é também um espaço de diversão e encontro com outras pessoas, com os amigos que não moram na fazenda.

Eu tenho só que, só quando a gente vai pra escola, só, que a gente consegue falar com eles, só quando a gente vai pra escola. (Kelly, 16 anos).

Nesse sentido, o espaço escolar assume dois objetivos: o de estudar, mas também de brincar.

A gente faz lição, a gente brinca, a gente... a gente estuda, só assim, que a gente faz na escola. (Matheus, 11 anos).

A motivação para que esses jovens continuem a estudar, como já dito, está na tentativa de romper com as condições sociais, seja pelo acesso ao trabalho ou para potencializar aquilo que já estão fazendo. Nesse sentido, a família é o espelho para ruptura e inspiração à continuidade na escola. Como identifiquei nos relatos abaixo:

Ah, porque, pra, a escola precisa de tudo de um trabalho... porque, minha mãe não tem o ano completo, ela só tem até o 5º, ela não sabe ler ainda, aí fica bem difícil pra ela. (...) Que precisa da leitura, da matemática, que é o teatro. (...) Vai. Porque sem a leitura eu não conseguir atuar, porque eu tenho que ler os papéis que vô atuar. (Fred, 13 anos).

Ah, ter estudo bom, porque se a gente, se a gente não terminar os estudos, não tem como a gente procurar um emprego bom, uma profissão boa, entende? (Kelly, 16 anos).

Ah, pra mim, assim, porque, porque ele dá um futuro melhor, né, a escola, sei lá. (...) Um lugar melhor. (...) Ah, ter um emprego melhor. Porque com o trabalho, dependendo do trabalho que você tem você, você, é... Você vir a ter um futuro melhor eu acho. (Bianca, 17 anos).

A consciência da condição social em que o jovem se encontra, juntamente com a sua família, talvez seja o desencadeador para depositar no espaço escolar a possibilidade de ascensão social. Infelizmente, a escola, ao não compreender a dimensão que toma na vida desses jovens, como aponta Carrano (2002), se enfraquece enquanto uma política pública específica à juventude, talvez uma das únicas acessadas por esses jovens, ao não abraçar esse desafio.

A vida na fazenda traz a ideia de uma circulação juvenil mais livre. Uma sensação de segurança que não se encontra nas grandes áreas urbanas da metrópole. A não necessidade de se preocupar com os riscos e os medos que o espaço urbano provoca, ou pelos cuidados e controle que são necessários para uma circulação mais segura. Não que na fazenda não exista insegurança, mas com outra intensidade. A vida em comunidade proporciona, segundo Bauman (2003), a sensação de segurança e confiança, no entanto, é necessário que haja para isso um compartilhar de aspectos

coletivos, sendo necessário abrir mão, muitas vezes das escolhas que vão de encontro aos valores comunitários.

Soma-se a isso, a tomada de consciência da classe social em que a vida comunitária pertence, assim com a compreensão de que a fazenda em que a comunidade vive não pertence a ela e sim ao patrão, que faz emergir nos jovens diversas reações, tais como a indignação, a revolta, a negação ou até mesmo o desejo de possuir o seu próprio espaço. Nesse sentido, ressalto a importância da consciência de condição de classe social na vida desses jovens, que é marcada desde cedo pela figura do patrão ou da patroa administrando, por vezes, o divertimento e o lazer.

(...) O patrão fazia festa de páscoa, natal, assim, pra gente brincar quando tinha muita gente, só que depois foi embora e não teve mais essas festas. (José, 13 anos).

É porque lá é só pro patrão, né (...) (José, 13 anos).

Ah, o que tem mais aqui é... festas, porque a patroa é muito legal, porque, quando é dia das crianças, natal, páscoa, agora tá quase perto do dia páscoa, aí ela vai fazer uma festa, vai esconder os ovos de páscoa pra gente procurar, dia de natal ela dá presente. Brincadeira aqui não tem muito, tinha antigamente, tinha gincana que fazia, porque tinha várias crianças, mas aí, eles foram indo embora... (Fred, 13 anos).

As práticas culturais são atravessadas pela relação capital e trabalho, à medida que se colocam no cotidiano as figuras dos proprietários em posição hierárquica superior, em relação aos próprios trabalhadores e seus familiares. A partir dessas relações diversas, outras se estabelecem, tais como o acesso ao lazer, ao trabalho, às compras e à própria condição de transitar entre o rural e o urbano, que precisam ser entendidas nas atuais dimensões econômicas e sociais, como aponta Carvalho (2010) *“Assim, a dinâmica capitalista produz e reproduz seus expoentes: suas condições materiais de existência, as relações sociais contraditórias e as formas sociais das quais se expressam”*. (CARVALHO, 2010, p.28).

A sociabilidade juvenil é constituída, desse modo, pela figura dos proprietários da fazenda. Para esses jovens, a ação de brincar se inicia logo cedo e perdura até a juventude, como um prolongamento da infância. Pude perceber em todos os jovens que conversei que brincar estava presente no cotidiano e na sociabilidade juvenil. Nos

jovens maiores, talvez não com tanta importância, mas ainda assim presente. Já nos jovens mais novos, como algo atual, valorizado. Poder continuar a ser criança, nem tão camuflada, com uma atitude descomprometida das responsabilidades, associada à possibilidade de ser respeitado, considerado e escutado, deve, no mínimo, ser algo valorizado por esses jovens. Contam com a família e com a relação com os demais adultos da comunidade:

Ah, é bom, é boa, a gente fala bastante com os adultos assim, conversa bastante, eles ajudam a gente, assim, também, quando a gente esta com alguma dúvida na escola, assim, eles ajudam a gente. (Kelly, 16 anos).

No entanto, a consciência da condição social e econômica provoca nesses jovens movimentos de buscas para romper com essa situação. O que pude visualizar, é que a diversidade de interesses em profissões parece pautada pelos modelos midiáticos dos profissionais bem sucedidos, da vida de riqueza e de consumo. Desse modo, o mercado parece conectado aos desejos desses jovens (Carrano, 2002).

As condições sociais em que vivem precisam ser entendidas no contexto macro, considerando a forma como afeta a vida no cotidiano, mas também a força de resistência na ruptura com essas condições:

Parece haver sentido afirmar, quando refletimos sobre a questão social e seus diversos desdobramentos, que sua afetação ocorre de fato, atingindo todo e qualquer ser humano, independente de origem ou classe social, idade, crenças e etc. De igual modo, parece ser coerente que a intensidade e o modo particular que as manifestações da questão social atingem o ser humano permeiam sua condição objetiva de existência, e, com certeza, possui afetações subjetivas. Trocando em miúdos, não se pode dizer que as mazelas capitais, frutos da questão social, determinam integralmente as ações do ser humano, porém o condiciona e o limita num universo, via de regra, reduzido de oportunidades. (Carvalho, 2010, p.48).

Diante dessa consciência, percebi nesses jovens o prazer de poder usufruir das coisas boas que a vida na fazenda oferece. Porém, o desejo de romper com a situação em que vive a família desencadeia, em alguns, o desejo de ir embora. As motivações

para irem embora, quando disse que não eram tão claras ao pesquisador naquele momento, foram sendo iluminadas. Os principais motivos, quando não estão relacionados à possibilidade de ter mais lugares para se divertir e se movimentar, estão relacionados às oportunidades de trabalho e de estudos.

Todavia, não são todos que compartilham desse olhar. Outros jovens, mesmo tendo o desejo de romper com a situação, querem continuar a viver na área rural. Foi o que percebi, por exemplo, na fala de Miguel, ao falar do orgulho que sente em morar na fazenda:

Eu sou. Eu tenho orgulho de falar: Eu sou um jovem rural, sim, da comunidade. (...) O que eu disse no início, acho muito importante, as coisas que vejo, faço aqui o pessoal não faz lá né, É muito, vamos supor , é muito diferenciado, né, porque quem é daqui e vai pra cidade é outra coisa e quem vai pra cidade e quem vem da cidade pra cá, se sente a vontade, parece que tá no paraíso, que eles falam, então eu acho muito bom. (Miguel, 16 anos).

Para Miguel, ser jovem rural e morar na comunidade são coisas que marcam um jeito de viver e constituir a sua juventude. São aspectos que marcam o seu jeito de ser e de se relacionar com as pessoas e com o mundo. Para ele, rural:

(...) é o pessoal que trabalha na roça, entendeu? Igual, está tendo plantação de milho, plantou já têm 4 meses, agora eles vão colher esse milho pra fazer silo para os bois, é o mantimento dos bois, então rural é isso, trabalhar no jardim, ter a liberdade de ver os passarinhos, tudo, tudo isso aí é rural pra mim, você acordar cedo, ir junto com o pessoal que está trabalhando no jardim, mexendo com os bois, esse negócio tudo pra mim é rural. (Miguel, 16 anos).

Essa compreensão não restringe a consciência da classe social a que pertence, o que fica evidente quando diz do desejo ter a sua própria fazenda:

Eu gosto da fazenda, só que quando eu ter uma vida melhor eu espero que seja uma fazenda, um sítio, não na cidade, porque eu não me acostumo a morar na cidade. (...) Quero ter a minha própria fazenda. O meu lugar, entendeu? Eu acordar e falar: isso aqui foi tudo com os meus estudos, com a minha atenção, o que eu aprendi e é isso, sabe? Eu tô construindo pra mim, entendeu? Da diversidade, da, vamos supor, eu ter

um futuro bom, querer que os outros também tenham, entendeu? E, ó, se eu pudesse ajudar, ajudava o pessoal que morava na rua, pra, então, ter uma... uma escola, colocar na escola, entendeu? Ajudava, ter uma... coisa boa né? (...) (Miguel, 16 anos).

Ao mesmo tempo em que Miguel deseja romper com a condição social através dos estudos, demarca o desejo de morar na comunidade e nutre os valores comunitários, como o pensar no coletivo e em ajudar quem precisar.

A fazenda possibilita vivenciar o tempo livre, ausente de instituições administradores do tempo e da vida dos jovens, muito presentes nos centros urbanos, tais como as ONGs, escolas integrais, academias, cursos profissionalizantes e atividades esportivas. São os “*jovens de projetos*” como pontua Novaes (2003 e 2006). Na comunidade, os jovens vivenciam uma abundância de tempo livre que não é preenchido por instituições e parece não ser sentido como tédio, talvez porque as produções culturais são menos fragmentadas e se deem com espontaneidade e criatividade como propõe Adorno (2002).

A sociabilidade juvenil na comunidade rural tem possibilitado uma experiência nas produções culturais, que constituem modos de ser e compreender a própria condição de juventude. Todavia, essa atitude de ruptura é acompanhada pelos valores nutridos pelas famílias que, de certo modo, constituem o lugar da comunidade: a casa como lazer, a honestidade e a igualdade como valores comunitários, fortalecendo o vínculo para continuar a viver em comunidade. Segundo Bauman (2003), essas características trazem um modo comunitário de lidar com as situações, nutrir os valores e gerir os conflitos, o que contribui para uma comunicação interna superior à comunicação externa, permitindo a preservação dos aspectos comunitários.

Há um preço a pagar pelo privilégio de “viver em comunidade” — e ele é pequeno e até invisível só enquanto a comunidade for um sonho. O preço é pago em forma de liberdade, também chamada “autonomia”, “direito à auto-afirmação” e “à identidade”. Qualquer que seja a escolha, ganha-se alguma coisa e perde-se outra. Não ter comunidade significa não ter proteção; alcançar a comunidade, se isto ocorrer, poderá em breve significar perder a liberdade. A segurança e a liberdade são dois valores igualmente preciosos e desejados que podem ser bem ou mal equilibrados, mas nunca inteiramente ajustados e sem atrito. (Bauman, 2003, p. 10).

Ou seja, as experiências educativas estão presentes pela constante tensão entre o ir ou ficar, ter ou perder, na tentativa de melhorar as condições de vida, sem precisar abrir mão da vida comunitária e dos valores que ali construíram. Isto é análogo ao dilema entre a liberdade que se perde para ter segurança, ou a segurança que se abre mão para se ter liberdade, que está refletido acima.

Não é surpresa que a visão de “cidade” para alguns jovens aparece como violenta. Como o lugar do risco. Do medo do acesso às drogas, do envolvimento com o crime, da briga, do descontrole e da morte, como valor na comunidade com a contribuição da mídia televisiva. A segurança proporcionada pela vida em comunidade cria o imaginário de que essas coisas não podem acontecer por lá. O lugar desses acontecimentos é a cidade:

Não gosto de balada, sair pra balada, festa, esse negócio eu não gosto. (...) A, coisa que está vendo na televisão, brigas, muita gente morrendo, igual a balada que teve lá no, a, aquela que pegou fogo com o pessoal lá... (...) Santa Maria lá, não deixa as pessoas felizes, sair pra balada deixa a pessoa confiante, eu não consigo ir pra balada, esse negócio. (...) O medo de morrer, de levar tiro à toa sem ter feito nada, arrumar briga com pessoal que você nem conhece, esse negócio. Só arruma briga assim, porque muita gente na balada, eles bebem e não conseguem se controlar, muita gente bebe e consegue ficar na sua, mas muita gente assim, então. Esse que é o meu medo. (Miguel, 16 anos).

Se para alguns jovens a cidade é apontada como um lugar perigoso para se viver, para outros a cidade pressupõe maior liberdade de circulação pelos espaços de forma idealizada, podendo sair a hora que quiserem, bastando apenas se controlar.

No entanto, é comum a todos eles que, conceber a cidade como o lugar que está fora da comunidade. O outro lugar. A comunidade rural está apartada da cidade, não pertence a ela. Sem dúvida, a comunidade rural e as áreas urbanas são lugares diferentes e precisam ser compreendidos de formas diferentes, cada qual com a sua importância. A experiência juvenil de sociabilidade acompanha a consciência da segurança ou da liberdade, do controle ou do descontrole, do poder e do não poder, no momento de experimentar e se constituir no mundo.

Mesmo com as restrições aos lugares da fazenda e as condições sociais demarcadas, a sociabilidade juvenil na comunidade rural é compreendida por alguns jovens como uma boa experiência. A sensação de segurança sentida por eles na comunidade parece configura-la como um bom lugar para se viver. Poder transitar e brincar, sem ser necessário se preocupar com os perigos da “cidade”, com as tragédias das baladas urbanas, como a que ocorreu na cidade de Santa Maria - RS, com o fácil acesso às drogas e com o controle que acreditam ser necessário para viver bem na “cidade”. Ou ver, simplesmente, na “cidade” a possibilidade de desmistificar a comunidade.

A sociabilidade dos jovens rurais, que vivem em metrópole, parece se constituir em relação com os mais velhos, principalmente aqueles que entram na roda da brincadeira. Nela, os jovens realizam conversas e riem da forma com que o outro fala sem que isso fira a imagem. Eles nutrem os valores que julgam importantes, preservando assim, as suas memórias e, conseqüentemente, também a memória de seus familiares.

No entanto, a tentativa de preservar as suas experiências de sociabilidade me provoca a resgatar lembranças das brincadeiras da minha infância rural, como em um convite nostálgico. Vista essa identificação, fazem-se necessários alguns cuidados como pesquisador ao realizar essa análise, de modo a não camuflar alguns elementos que constituem a sociabilidade juvenil nessa comunidade.

Nesse sentido, apresentarei esses elementos realizando alguns apontamentos. Já me é sabido que a distância da fazenda e a restrição dos jovens aos demais espaços, configuram uma sociabilidade juvenil específica em que a Infância e a “idade adulta”, aparecem demarcadas. Porém, a juventude aparece como um “continuum” da infância.

Quando perguntei à comunidade quem são os seus jovens e esta me indicou, foi alcançado com isso também, outro elemento: o encurtamento da juventude rural da metrópole. Esses jovens apresentam as idades entre 11 a 17 anos. Diferentemente dos jovens urbanos da metrópole em que a moratória social é alongada, esses jovens rurais vivenciam uma juventude curta, interrompida pelas responsabilidades da vida adulta que lhe são precocemente apresentadas.

Parece-me pertinente afirmar que o consumo camufla a condição material dos jovens no meio urbano. Já na comunidade rural, os jovens entram em contato de forma dura com a condição de classe social. Nesse sentido, a exclusão social é claramente demarcada.

A comunidade, para esses jovens, é compreendida como algo apartado da cidade. Diante dos limites da fazenda, os jovens buscam rotas de fugas para a vivência da sociabilidade juvenil como, por exemplo, a escola e a Internet, que se configuram como importantes lugares para que eles possam encontrar e interagir com os seus pares.

A vida na fazenda proporciona a “sensação de segurança” devido às ausências de instituições “urbanas” administradores do tempo e da vida dos jovens. No entanto, as câmeras de vigilância, as relações atravessadas pelas figuras patrão-empregado e as restrições dos usos dos espaços, me apontam à percepção de uma sociabilidade juvenil que talvez não seja tão livre assim.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando ao fim desse trabalho, tenho claro que quando busquei responder algumas questões, enquanto outras surgem, o que faz com que o ofício de pesquisar não se finalize. No entanto, tentarei, a partir de agora, articular alguns pontos com o intuito de sintetizar o caminho percorrido para a resolução do problema dessa pesquisa, ou seja, identificar como se dá a sociabilidade e a vivência do tempo livre dos jovens da comunidade rural do distrito de Joaquim Egídio. Quais os sentidos atribuídos às suas experiências juvenis?

A experiência que tive com os jovens, e os demais sujeitos sociais da comunidade, foi significativa. Assim, também, encaro a narrativa que propus nesse trabalho. Os relatos dos jovens me permitiram apurar e compreender um momento histórico, no entanto, uma vez registrado não significa que a comunidade se cristalizará a partir do meu jeito de olhar e compreender as variedades de olhares sobre ela e sobre si. Essa consideração não anula a importância que apreendi de tantas memórias e histórias registradas nessa presente narrativa. Algumas contadas com mais euforia que outras, mas não menos importantes.

Entrar na comunidade e conviver, seja com os jovens ou com os adultos, possibilitou-me compreender como são alguns dos códigos de convivência. Sem dúvida, há uma demarcação clara entre quem é de fora e quem é da comunidade. O fato de ser uma região pequena, faz com que todos se conheçam, podendo até não conviver, e as relações se dão pelo sentimento de pertencimento.

A juventude assume um lugar na comunidade por muitas vezes mesclada com a infância. A passagem para a vida adulta parece ser melhor demarcada pelos rituais tradicionais, tais como o matrimônio, maternidade e/ou paternidade.

As formas como os jovens significam e atribuem sentido à experiência juvenil diz sobre como é essa comunidade rural, as suas características e o lugar construído do jovem.

De fato, não podemos considerar a categoria genérica juventude como universal. Existem características que os aproximam enquanto jovem, mas as condições sociais em que vivem, os espaços oportunizados, criados ou reinventados por eles dizem,

também, de uma peculiaridade que demonstra o lócus, a região, nesse caso, a comunidade rural, mas, principalmente, me diz da diversidade e da multiplicidade de jovens, das singularidades no modo de se constituir, das práticas culturais, na forma de pensar e existir no mundo.

Diante de uma comunidade rural situada na metrópole de Campinas, pude encontrar experiências juvenis particulares. Cada jovem rural me mostrou um modo específico e singular de ser, de transitar entre as pessoas e entre os lugares da metrópole de Campinas.

Como pude verificar, a compreensão de juventude pela comunidade não obedece apenas aos critérios da faixa etária, comuns nos parâmetros legais norteadores de políticas públicas que definem quem são as crianças, os adolescentes e os jovens. As indicações dos jovens se deram primeiro pela exclusão daqueles que viviam em condições de vida adulta, que já haviam vivenciado os ritos de passagens, que ali não estavam diluídos, como na vida nos grandes centros urbanos. Pelo contrário, são ainda bem demarcados.

A juventude nessa comunidade rural fica atrelada à infância em um “continuum”, estendendo a possibilidade do brincar. À medida que o jovem vai se aproximando da vida adulta, sente de forma intensa a perda dos elementos que constituem a infância, como as brincadeiras de pega-pega, esconde-esconde, práticas esportivas etc. No entanto, próximo à vida adulta as brincadeiras vão sendo modificadas, ficando aquelas que cabem ao mundo adulto, como o futebol, as festas e as rodas de conversas.

As práticas educativas comunitárias na sociabilidade juvenil são demarcadas pela presença marcante da figura do patrão ou da patroa, que atravessam a relação entre capital e trabalho: o proprietário da terra e os empregados. A partir dessa relação, outras constituem o universo da sociabilidade juvenil dentro da fazenda, ou fora desta.

A sensação de liberdade sentida pelos jovens, pela vivência na fazenda, não condiz com a possibilidade de transitar entre os espaços de lazer da fazenda que precisam ser autorizados pelo patrão. A vida em um espaço privado se confunde com o espaço público, criando uma falsa sensação de pertencimento e posse da terra. À medida que emerge a consciência da não posse da terra e da não possibilidade de

trânsito pelos espaços da fazenda, os jovens passam a constituir outra forma de se relacionar com a fazenda.

A comunidade, para esses jovens não é diferente do que identifiquei também nos jovens que vivem nas grandes periferias das metrópoles, em que é comum a expressão “*vou à cidade*”, como se a periferia não pertencesse a ela. Dessa mesma forma, os jovens rurais se referem à cidade como aquilo que está fora, não a identificam como sendo também parte da cidade. A cidade é utilizada por eles como sinônimo de urbano. Muitos jovens projetam a restrição a que estão submetidos imaginando que a vida do jovem na “cidade” se dê com maior liberdade, que o fato de morar na área urbana garante, ao menos, um trânsito maior. No entanto, os jovens trazem a insegurança da vida no centro urbano e a necessidade de um autocontrole maior. Na comunidade a preocupação com a insegurança é atenuada.

A sociabilidade juvenil se dá pelo trânsito nos espaços da fazenda – parque da sede, quiosque, árvores, pesqueiro, cachoeira – e fora dela, “esquinão”, “lanchão”, festas, Shopping e Cinema. Lembrando dois fatores determinantes, a estrada apresentar condições de circulação e, junto disso, a disponibilidade de carona.

Diante dos limites apresentados na fazenda, os jovens buscam rotas de fuga para a vivência da sociabilidade juvenil. Para alguns, a escola é um importante espaço, onde encontram outros jovens e outras pessoas que possam interagir. Para outros, a Internet também assume esse lugar: a possibilidade de transitar e interagir com diversos espaços e pessoas.

A consciência das condições sociais e econômicas de não proprietário desperta o desejo de se tornarem fazendeiros, ou seja, possuírem a terra na área rural ou de se estabelecerem na área urbana, através de diferentes profissões de prestígio. Talvez isso aponte uma armadilha, pois o lugar social de não proprietário, quer na área rural ou urbana, apresenta limitações ou empecilhos aos diversos espaços. Desse modo, estar na área urbana não garante o acesso a terra ou ao que ela oferece.

Contudo, a vida na comunidade, possibilita uma sensação de segurança que não condiz com uma sociabilidade livre, há, sem dúvida, outras formas de administração do tempo livre desses jovens. As práticas educativas na comunidade e práticas culturais na sociabilidade apontam para a diversidade de experiências juvenis. Algumas conectadas

com as visões predominantes no meio social, tais como a visão do jovem atrelada à violência, ou a visão ambivalente de cidade, ora como violenta, ora como de prestígio. Não me parece interessante propor ações, tais como as existentes nas áreas urbanas, que busquem administrar o tempo livre desses jovens. Talvez, o maior desafio de políticas públicas a esses jovens, a essa comunidade, seja pensar uma escola capaz de potencializar e enriquecer as experiências na sociabilidade juvenil e, para isso, precisará estar não somente atenta aos interesses dos jovens rurais, mas aberta também as suas famílias, que têm se apresentando como importantes parceiras na experiência juvenil dessa comunidade rural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, H. W. *Condição Juvenil no Brasil contemporâneo*. In: ABRAMO, H. W. & BRANC, P. P. M. (orgs). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Ed. Perseu Abramo, 2008, p.37 – 72.

ADORNO, T. W. **Indústria Cultural e Sociedade**, trad.:Juba Elisabeth Levy... [et al.], São Paulo: Paz e Terra, 2002.

APA – **ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL**. Lei municipal nº 10.850. Acessado em: 04/04/2013. Disponível em <http://www.campinas.sp.gov.br/bibjuri/lei10850.htm>

ATRAÇÕES NATURAIS E RESERVAS NATURAIS:
<http://www.campinas.sp.gov.br/sobre-campinas/atracoes-naturais-reservas-naturais.php>, acessado em 11/12/2012.

BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar Editor, 2003.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1981.

BRENER, A. K, CARRANO, P. C. & DAYRELL, J. *Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros*. In: ABRAMO, H. W. & BRANCO, P. M. (Orgs). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Perseu Abramo, 2008, p.175 – 214.

CALAZANS, G. *Os jovens falam sobre sua sexualidade e saúde reprodutiva: elementos para a reflexão*. In: ABRAMO, H. W. BRANCO, P. P. M.(Orgs). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Perseu Abramo, 2008, p.215 – 242.

CARRANO, P. C. R. **Os jovens e a cidade: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2002.

CARVALHO, F. A. **Adolescentes em liberdade assistida: algumas histórias**. Jundiaí: Paco Editorial, 2010.

CENSO 2010. IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Acessado em 12/01/2014. Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/>

CEVASCO, M. E. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

CONSELHO GESTOR DA ÁREA DE PRESERVAÇÃO AMBIENTAL DE CAMPINAS: <http://www.congeapacampinas.com.br/>, acessado em 15/07/2013.

DAYRELL, J. **O Jovem como sujeito social**. Revista brasileira de Educação, set. out. nov. dez./2003, nº 24, p. 40 - 52.

_____. **A escola “faz” as juventudes?** Reflexões em torno da socialização juvenil. Revista Educação e Sociedade., Campinas, vol. 28, nº 100, Especial – Outubro, 2007, p. 1105-1128.

DISTRITO JOAQUIM EGÍDIO:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Joaquim_Eg%C3%ADdio_de_Sousa_Aranha, acessado em 10/07/2013.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, Lei Federal 80.069. Acessado em 13/01/2014. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm

ESTATUTO DA JUVENTUDE, Lei Federal 12.852. Acessado em 20/12/2013. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm

FISCHER, R. M. B. Mídia, Juventude e Memória Cultural. Revista **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 29, n. 104 - Especial, Outubro, 2008, p. 667-686.

FRIGOTTO, G. *Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas*. In: NOVAES, R. & VANNUCHI (Orgs). **Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, p.180 – 216.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Acessado em 05/12/13. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/>

INCÊNDIO NA BOATE “KISS”. Acessado em 10/01/2014. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Inc%C3%AAndio_na_boate_Kiss

LAFARGUE, P. **O Direito à preguiça**. São Paulo, Hucitec, 2ª. Ed., 2000.

MANNHEIM, K. **Diagnóstico do nosso tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MEIHY, J. C. S. B., & HOLANDA, F. **História Oral: como fazer, como pensar.** São Paulo: Editora Contexto, 2011.

MELLO, J. M. C & NOVAIS, F. A. *Capitalismo tardio e sociabilidade moderna.* In: SCHWARCZ, L. M. (Org.). **História da vida privada no Brasil.** Vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 560 – 644.

MENDRAS, H. **Sociedades Camponesas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

NISBET, R. A. *Comunidade.* In: FORACHI, M. M. & MARTINS, J. S. (Orgs). **Sociologia e Sociedade: Leituras de introdução à sociologia.** Rio de Janeiro: S.A, Livros Técnicos e Científicos, 1998, p. 255 – 262.

NOVAES, R. *Juventude, exclusão e inclusão social: aspectos e controvérsias de um debate em curso.* In FREITAS, M. F. & PAPA, F. C. **Políticas Públicas: Juventude em pauta.** São Paulo: Cortez, 2003, p.121 – 141.

_____. *Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias.* In ALMEIDA, M. I. M. & EUGENIO, F. **Culturas jovens: Novos mapas do afeto.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, p.105 – 120.

OS CAIPIRAS (documentário). Direção: TV Cultura e Arte. Postado na Internet em 05/06/2012, disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=COgTtPtMaTc>

PAES, J. M. A Juventude como Fase de Vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. In: **Saúde e Sociedade.** São Paulo, vol. 18, nº 3, 2009, p. 371 – 381.

PAULO, M. A. L. **Juventude Rural: suas construções identitárias.** Recife: Universitária UFPE, 2011.

PNAD. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio de 2011. In IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Acessado em 03/01/2014. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/>

PINTO, L. A. C. A População do Rural Contemporâneo de Campinas. Campinas, 2002. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_MA_PO38_Pinto_texto.pdf, acesso em 15 de maio de 2013.

_____. População e Espaço Rural num grande centro urbano: o caso de Campinas. Nepo, Campinas, 2006. Disponível em: http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:u4S7FvrXQ54J:www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_MA_PO38_Pinto_texto.pdf, Acesso em 15 de maio de 2013.

PORTELLI, A. **A Filosofia e os Fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais.** Rio de Janeiro: Tempo, vol. I, nº 2, 1996, p. 59 – 72.

_____. **O que faz a história oral diferente?** Trad.: Maria Therezinha Janine Ribeiro, Proj. História, (14) São Paulo, 1997.

RIBEIRO, R. J. *Política e juventude: o que fica da energia.* In: NOVAES, R. & VANNUCHI (Orgs). **Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, p.19 – 33.

RICCI, M. L. S. R. **Sousas e Joaquim Egídio (SP) frente aos problemas ambientais.** ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005, Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.1412.pdf>.

SAWAIA, B. *Família e afetividade: a configuração de uma práxis ético-política, perigos e oportunidades.* In ACOSTA, A. R. & VITALE, M. A. F. (Orgs.). **Famílias: redes, laços e políticas públicas.** São Paulo: IEE/PUC-SP, 2003, p. 39 – 52.

SOUZA, M. A. *A metrópole e o futuro: A Dinâmica dos Lugares e o Período Popular da História.* In: SOUZA, M. A. (Org). **A metrópole e o futuro.** Campinas: Edições territorial, 2008, p.35 – 53.

TURCKE, C. **Sociedade Excitada: Filosofia da sensação.** Campinas: Unicamp, 2010.

WAISELFISZ, J. J. **Homicídios e Juventude no Brasil.** Brasília, 2013. Acesso em 05/01/2014. Disponível em: www.mapadaviolencia.org.br

ZAN, D. D. P. **Estudos sobre juventude no Brasil dos últimos 50 anos.** (no prelo, 2009)

ANEXO 1. ROTEIRO DOS RELATOS

Perguntas disparadoras:

Apresentação (abrir espaço para que os participantes se apresentem);

- Dizer que os nomes não saíram na pesquisa e que se sintam a vontade. Criar um espaço de acolhimento. Como gostam de ser chamado, o que mais gostam o que não gostam. Facilitar o espaço para que se sintam confortáveis e possam se expressar.

Dizer **sobre a pesquisa objetivo e interesse**. Nesse momento, apontar que eles foram indicados como jovens pela comunidade e perguntar o que acham sobre isso?

- Consideram-se jovens?
- O que é ser jovem?
- Como é ser jovem nessa comunidade?
- O que acham da comunidade?
- O que gostam e o que não gosta, nela?
- Consideram que é uma comunidade rural?

Ressaltar o meu interesse pela **comunidade**.

- Perguntar como vieram morar aqui (comunidade)?
- Pedir para que contem sobre a vida, o que fazem no dia-a-dia?
- Como é viver ali?
- Qual o cotidiano?

E o **lazer**.

- Como se divertem, há festas, brincadeiras, jogos?
- Onde se divertem?
- Com quem se divertem?
- Utilizam de algum material, instrumento para se divertir?

- Sempre foi assim? E quando eram crianças?
- Mas, o que é o lazer, na sua opinião?

Escola.

- O que fazem?
- Frequentam a escola?
- Como vão à escola?
- O que os motiva a ir para a escola?
- Faz sentido o que se aprende?

ANEXO 2: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - (TCLE) - Conselho Nacional de Saúde, Resolução 196/96

Através deste termo, convidamos você _____
_____ a participar desta pesquisa, a ser desenvolvida por mim, Virgílio Paulo da Silva Alves.

O objetivo desse estudo é identificar e compreender as formas de sociabilidades entre os jovens da comunidade Santa Maria e proximidades (como se relacionam entre si e com a comunidade).

Esses dados coletados serão analisados e farão parte de uma pesquisa desenvolvida na UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação sob a orientação da professora Dra. Dirce Djanira Pacheco e Zan.

A sua participação se dará com o depoimento de sua história de vida, ou seja, como você se relaciona com outros jovens e com a sua comunidade.

As informações coletadas serão divulgadas, mas o seu nome será mantido em sigilo. Essa participação não representará nenhum tipo de risco para você, nem à sua integridade física, psíquica e moral, sendo seu direito recusar-se a responder qualquer pergunta que julgue constrangedora ou desconfortável.

Você terá garantia de esclarecimentos a respeito da pesquisa a qualquer momento e poderá abandoná-la em qualquer ocasião, sem que isso signifique prejuízo financeiro.

Os resultados desta pesquisa serão divulgados por meio da defesa de Dissertação de Mestrado, publicações, e apresentações em congressos e semanas relacionadas à Educação e áreas afins.

Se você estiver se sentindo totalmente esclarecido, sem nenhuma dúvida sobre a pesquisa e sobre os responsáveis por ela, gostaria de convidá-lo (a) a assinar o termo de Consentimento Livre e Esclarecido (elaborado em duas vias), uma para você e outra para o pesquisador.

Eu certifico que li ou foi-me lido o texto de consentimento e entendi seu conteúdo. Uma cópia deste formulário ser-me-á fornecida. Minha assinatura demonstra que eu participante ou responsável _____ concordo livremente sobre a participação neste estudo.

Campinas, _____ de _____ de 2013.

Assinatura do participante ou responsável legal

Título do Projeto: Juventude, práticas culturais e sociabilidades - reflexões a partir de jovens que vivem em área rural

Pesquisador Responsável: Virgilio Paulo da Silva Alves

Local da pesquisa: Comunidade da Fazenda Santa Maria e proximidades - Campinas/SP.

Telefone pesquisador: 019 88262045

Endereço da Unicamp: Campus Universitario Zeferino Vaz SN - Cidade Universitaria Campinas, CEP.: 13083-970. **Telefone:** 019 35215634

Virgilio Paulo da Silva Alves
Pesquisadora responsável

Profa. Dra. Dirce Djanira Pacheco e Zan
Orientadora da pesquisa

SUJEITO DA PESQUISA

Nº ENTREVISTA: _____ NOME: _____
_____ RG: _____ SEXO: _____ GÊNERO: _____ DATA
DE NASC. ___/___/___ ESCOLARIDADE: _____ TRABALHO: _____ ENDEREÇO
DE ORIGEM: _____ ENDEREÇO ATUAL:

CEP: _____ TELEFONE: _____

REPRESENTANTE LEGAL

NOME: _____
_____ RG: _____ SEXO: _____ DATA DE NASC. ___/___/___
ENDEREÇO: _____
_____ CEP: _____ TELEFONE: _____